

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ROUSEANE DA SILVA PAULA

Representações Sociais do “ser idoso” e suas implicações
na assistência e nas práticas educativas voltadas à
população idosa residente em Natal/RN.

NATAL – RN
2012

ROUSEANE DA SILVA PAULA

Representações Sociais do “ser idoso” e suas implicações
na assistência e nas práticas educativas voltadas à
população idosa residente em Natal/RN.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Moisés Domingos
Sobrinho

NATAL – RN
2012

ROUSEANE DA SILVA PAULA

Representações Sociais do “ser idoso” e suas implicações
na assistência e nas práticas educativas voltadas à
população idosa residente em Natal/RN.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação.

Aprovado em: ____/____/2012

Banca Examinadora

PROF. DR. MOISÉS DOMINGOS SOBRINHO - ORIENTADOR
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

PROFA. DRA. LIA MATOS BRITO DE ALBUQUERQUE - Examinador Externo
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

PROF. DRA. MARIA EMÍLIA LIMEIRA LOPES - Examinador Externo
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

PROFA. DR. ANDRÉ AUGUSTO LIRA - Examinador Externo (suplente)
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

PROFA. DRA. MARIA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA DE CARVALHO
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Desejo que você, sendo jovem, não amadureça depressa demais e, sendo maduro, não insista em revujenescer, e que sendo velho, não se dedique ao desespero. Porque cada idade tem o seu prazer e a sua dor e é preciso que eles escorram entre nós.

Victor Hugo (1802-1885)

*Quem de novo não morre...de velho
na escapa! (Ditado popular)*

*A Deus-Trindade Santa, presença e sustento no Caminho.
Ao meu amado filho Luís Filipe Paula Gobira, meu anjo sem asas.*

AGRADECIMENTOS

Ao término de um trabalho deste porte há muito a agradecer e muitos que merecem lembrança:

A Deus-Trindade Santa, fonte da minha vida, sentido da minha existência, meu farol, meu norte. Herança dos meus pais. Porque sem mim nada podeis fazer (Evangelho de São João 15,5).

Ao Prof. Dr. Moisés Domingos Sobrinho, orientador, professor e amigo que me acompanhou com zelo, cumplicidade, paciência, rigor e atenção à feitura desse trabalho.

Ao Prof. Dr. Adir Luiz Ferreira, preceptor da minha vida de pesquisadora, graças às nossas discussões hoje me considero mais socióloga que pedagoga.

À Profa. Dra. Sandra Maria Borba Pereira e Prof. Dr. Francisco de Assis Pereira, pelo incentivo,

À Profa. Dra. Rosa Aparecida Pinheiro por seu incentivo e parceria, no meu crescimento profissional.

À Profa. Dra. Rosália de Fátima por sua sensibilidade e doçura.

Aos pesquisadores e colegas das Representações Sociais - Profa. Dra. Lia Albuquerque, Profa. Dra. Marli Miranda, por compartilhar conhecimentos com tamanha humildade e atenção, muito obrigada! E, também, à Profa. Dra. Emilia Limeira, por sua atenciosa leitura. À Maria Eunice Sá Pitanga, pela parceria acadêmica.

Aos meus pais: à minha mãe, dona Dorinha, por tudo que me favoreceu em todo este tempo dedicado ao trabalho com idosos e ao meu pai, José Bezerra, minha melhor torcida, meu bom público.

À minha irmã (bolsista nas horas vagas), Raquel da Silva Paula, que realizou comigo parte da coleta de dados. Não basta ser irmã tem que participar! Muito obrigada, Quelzinha! Aos meus irmãos, Roger e Ruy, e demais familiares que souberam entender minhas recusas e ausências.

Ao meu amado, Venâncio Freitas de Queiroz Neto, com quem partilho meus escritos e minha vida, meu muito obrigada pela paciência, pelos nossos diálogos e silêncios, pelo teu amor. Em sua doçura, minha fortaleza!

Aos amigos e familiares que compreenderam as exigências de um Doutorado em exercício, e me apoiaram no caminho: Telma Romão, com seu cuscuz

sempre disponível; à padre Tiago Theisen, líder da torcida pela conclusão desta etapa, por todo material coletado sobre meu tema de pesquisa e a todos que me apoiavam, de perto ou de longe: “Vai dar tudo certo, viu?” Vocês assim como eu, acreditaram e vibraram pela realização desse feito!

A Marlos Alves Bezerra por seu apoio profissional e cumplicidade científica. Muito obrigada por seu carinho e atenção. Minha amizade e gratidão!

À Comunidade Católica Nova Aliança – missão Natal – na pessoa da minha querida Fabiana Volpato e demais irmãos de Comunidade, por aceitarem ser farol em tempos de mares bravios. Deus os abençoe!

À Universidade Federal do Tocantins, como fonte seminal desse trabalho! A Universidade da Maturidade, Palmas-TO, por me receber em trabalho de campo, em especial a Profa. Dra. Neila Osório Barbosa.

A todos que compõem o Programa de Pós-Graduação em Educação – na pessoa de Milton Câmara, com ele aprendi: *“pedir é direito universal”*.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida, no início do doutoramento.

Às instituições que se dedicam à pessoa idosa na cidade do Natal, obrigada pelo acolhimento.

À UERN, através do CAMEAM, do Departamento de Educação, a todos que flexibilizaram meu exercício profissional frente à dureza de uma qualificação em serviço, em especial a querida Fátima Diógenes que sempre torceu por esse momento.

A todos que tornaram possível a concretização deste trabalho.

À todas as adversidades, porque sem essas, eu teria perdido a oportunidade de me aprimorar como ser humano.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRAZ - Associação Brasileira dos Portadores de Alzheimer

ANATI - Associação Natalense de Idosos.

API – Atenção à Pessoa Idosa.

ARPI – Associação Norte-Rio-Grandense Pró-Idosos.

ASG – Auxiliar de Serviços Gerais

ATIVA – Associação de Atividades de Valorização Social.

BCP – Benefício Continuado Prestado.

CALMI - Centro de Atividades e Lazer da Melhor Idade

CEASI – Centro Especializado em Atenção à Saúde do Idoso.

CODDIM – Coordenadoria de Defesa da Mulher e das Minorias.

EVOC – Ensemble de programmes permettant l'analyse des evocations.
(Conjunto de programas que permite a análise das evocações)

FACEX – Faculdade de Ciências, Cultura e Extensão.

ID – IDOSO

IBGE – Instituto Brasileiro de Estatísticos.

ILPIS - Instituição de Longa Permanência para Pessoas Idosas

INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EUA – Estados Unidos da América

LAE – Lar do Ancião Evangélico.

LBA – Legião Brasileira de Assistência

LOAS – Lei Orgânica de Assistência Social

MEIOS – Movimento de Integração e Orientação Social.

MDS – Ministério de Desenvolvimento Social

MP – Ministério Público

NETI – Núcleo de Estudos da Terceira Idade

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

OME – Ordem Média de Evocações.

ONG – Organização Não-Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PNAD – Pesquisa Nacional Amostra Domicílios

PNI – Política Nacional do Idoso

PUC – Pontifícia Universidade Católica

SBGG – Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia

SETAS – Sec. de Assistência Social

SECA - Sociedade Espírita de Cultura e Assistência

SEEC – Secretaria da Educação e Cultura

SEJUC - Secretaria de Justiça e Cidadania

SEL – Sec. Especial de Esporte e Lazer

SEMTAS – Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social.

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

SENAT – Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte

SESC – Serviço Social do Comércio

SESED – Segurança Pública e Defesa Social;

SESAP – Secretaria Saúde Pública

SEST – Serviço Social do Transporte

SETHAS – Secretaria de Trabalho, Habitação e Assistência Social

SMS - Secretaria de Municipal de Saúde

SME – Secretaria Municipal de Educação

STTU – Secretaria Municipal de Transporte e Trânsito Urbano

SUAS – Sistema Único da Assistência Social

TALP – Técnica de Associação Livre de Palavras.

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFMS – Universidade Federal de Santa Maria

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UMA – Universidade da Maturidade

UNP – Universidade Potiguar

UNATI – Universidade Aberta a Terceira Idade

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1: Distribuição dos idosos por zona administrativa	38
Gráfico 2: Dados da Zona Oeste	40
Gráfico 3: Dados da Zona Sul	40
Gráfico 4: Dados da Zona Norte	41
Gráfico 5: Dados da Zona Leste	41
Foto 1: Fachada do Instituto Juvino Barreto	46
Foto 2: Fachada do CEASI	55
Foto 3: Fachada da ARPI	57
Figura 1: Ser idoso é... ser feliz	76
Figura 2: Ser idoso é... liberdade	83
Figura 3: Ser idoso é... ausência de saúde	86

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quadro resultado do EVOC (2000)	69
Quadro 2: Atividades educativas e outras ofertadas à pessoa idosa	108

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Número de idosos por bairros, na cidade do Natal/RN	39
Tabela 2: Idosos por Grupos de Convivência	45
Tabela 3: Pavilhões do Juvino Barreto	48
Tabela 4: Naturalidade	50
Tabela 5: Escolaridade	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1. O envelhecimento como objeto de estudo representacional	23
1.1. A velhice como fenômeno cultural	25
1.2. A conotação negativa da velhice	27
1.3. Perspectiva teórica adotada	31
CAPÍTULO 2. Cenários, atores, estratégias metodológicas	35
2.1. Alguns dados sobre a população idosa de Natal	36
2.2. Órgãos e instituições responsáveis pela assistência ao idoso	36
2.3. População e campo de observação	41
2.4. Estratégias Metodológicas	49
2.5. Cenários da realização do trabalho de campo	51
CAPÍTULO 3. A estrutura da representação social ‘ser idoso’	61
3.1. A Teoria das Representações Sociais	61
3.2. A Teoria do Núcleo Central	63
3.3. A estrutura da Representação Social do “Ser Idoso”	64
3.4. Ser idoso é ser feliz	74
3.5. Ser idoso é ter liberdade	82
3.6. Ser idoso e sua relação com as cognições saúde e vida	85
3.7. Velhice que liberta e aprisiona	95
CAPÍTULO 4. As práticas educativas para os idosos dos grupos de convivência.	106
4.1. As práticas educativas para a velhice	106
4.2. O não-lugar da pessoa idosa no campo educacional	113
Considerações Finais	119
Referências	123
Apêndices	131

RESUMO

No Brasil, os idosos correspondem a 21 milhões da população, 11,3% total da população. A pesquisa cujo objetivo foi investigar as representações sociais do ser idoso e sua influência sobre as práticas educativas para a velhice, aconteceu nos grupos de convivência e envolveu 103 idosos, os sujeitos da pesquisa tinham acima de 60 anos. Para tanto apoiamos-nos, dentre outros suportes, na teoria das representações sociais de Serge Moscovici e na teoria do Núcleo Central desenvolvida por Jean-Claude Abric (2000), bem como, nos estudos sobre envelhecimento humano (NERI, 2001; ELIAS, 2001; MATTA, 2003, PEIXOTO, 2005, BOSI, 2002). Do ponto de vista metodológico, utilizamos o método de determinação do núcleo central e entrevistas semi-estruturadas com idosos não participantes dos grupos de contraste para fins de contraste. Realizamos também a análise da frequência de evocação e ordem média de evocação, conforme propõe Abric (2000) e a análise categorial de conteúdo para entrevistas e justificativas das evocações. A análise das evocações foi realizada pelo software EVOC 2000, este apresentou o quadro com os possíveis elementos do Núcleo Central da representação social para o grupo investigado: *feliz, saúde, liberdade, e vida*. Ao elucidarmos a estrutura do conteúdo representacional, identificamos que as cognições *feliz e liberdade* estão associadas à natureza descritiva da representação social, enquanto as cognições *vida e saúde* referem-se a natureza prescritiva para os idosos. Constatamos que acontece a reprodução do discurso circulante e estereotipado da velhice como “melhor idade” e, ao mesmo tempo, como sinônimo de doenças; reprodução de práticas estigmatizadas, com base em atividades recreativas e, por vezes, infantilização dessa população. Assim, a representação social compreendida como um guia para a ação, nesta visão estigmatizada da pessoa idosa, resulta em práticas educativas esvaziadas do propósito de envelhecimento com dignidade, a despeito da legislação vigente que garante esse direito para o idoso brasileiro.

Palavras-chave: Representação Social; Velhice; Práticas Educativas.

RESUMÉ

Au Brésil, la population âgées correspondent de 21 millions, 11,3% de la population totale du pays. La recherche visait à étudier les représentations sociales des personnes âgées et de leur influence sur les pratiques éducatives avec une attention sur la vieillesse, qui s'est passé en lieu dit les groupes sociaux de coexistence, et a impliqué 103 personnes, les sujets avaient plus de 60 ans. Pour cela nous nous fions, entre autres, en théorie des représentations sociales de Serge Moscovici et dans la théorie du noyau central développé par Jean-Claude Abric (2000), et aussi dans des études sur le vieillissement humain (NERI, 2001; ELIAS, 2001, MATTA, 2003, PEIXOTO, 2005, BOSI, 2002). Du point de vue méthodologique, nous utilisons la méthode de détermination du noyau central et des entretiens semi-structurés avec les personnes qui ne participent pas des groupes de contraste aux fins de la contraste. Nous avons aussi effectué une analyse de la fréquence et de l'évocation de commande moyenne d'évocation, a proposé par Abric (2000) et l'analyse catégorielle des contenus et des justifications pour les entretiens d'évocations. L'analyse a été effectuée par le logiciel des évocations EVOC 2000, il a présenté du cadre avec les éléments possibles du noyau central de la représentation sociale du groupe étudié: heureuse, la santé, la liberté et la vie. En analysant la structure du contenu représentationnel, nous avons identifié que les cognitions heureuses et la liberté sont liées à la nature descriptive de la représentation sociale, tandis que la vie et la santé sont des cognitions qui se rapportent à caractère prescriptif pour les personnes âgées. Nous constatons ce qui se passe à la reproduction du discours circulant et stéréotypés sur la vieillesse comme «meilleur âge» et en même temps, comme un synonyme des maladies, qui reproduit les pratiques de lecture stigmatisées basées sur les activités récréatives et parfois l'infantilisation de cette population âgée. Ainsi, la représentation sociale entendue comme un guide pour l'action, cette vision stigmatisée des personnes âgées, a donné lieu à des pratiques éducatives vides dans le but de vieillir avec dignité, en dépit de la législation qui garantit ce droit aux personnes âgées.

Mots-clé : Représentation Sociale; Vieillesse; Pratiques éducatives

INTRODUÇÃO

O quantitativo crescente de idosos na sociedade brasileira (até o ano de 2050 seremos a quinta população mais envelhecida do mundo) não tem ajudado a reverter o processo de estigmatização sofrido por essa população numa sociedade que rejeita o cidadão não produtivo. Grande parte dos nossos idosos está à margem da sociedade e os que ainda permanecem inseridos no meio produtivo carecem, por vezes, de qualificação no sentido de educação permanente, de atualização frente aos novos desafios.

O adulto com a chegada da velhice sofre um processo de desengajamento, em consequência da perda dos vínculos afetivos e profissionais. Para quem está no mercado de trabalho, a aposentadoria é, então, a demarcação mais eloquente de quê a velhice chegou. E para os demais, como a velhice se estabelece?

Este trabalho de pesquisa foi desenvolvido com a finalidade de conhecer as representações sociais do ser idoso, no contexto dos grupos de convivência existentes no município de Natal/RN, que ajudam a configurar a identidade social da população idosa e orientam as práticas educativas e assistenciais voltadas para a mesma.

O interesse em investigar tal temática decorre da atuação profissional da pesquisadora, ao longo da última década, no campo da Educação de Jovens e Adultos e cujo ingresso no Ensino Superior praticamente coincidiu com o início dos estudos, chegando a participar da criação do Núcleo de Estudos em Educação de Jovens e Adultos (NUPEJA) vinculado à época ao Departamento de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Estou implicada com este tema desde minha primeira experiência docente como alfabetizadora de jovens e adultos, ocorrida em 1996, durante a implementação do Projeto Esperança - uma iniciativa de alfabetização da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte.

A turma de alfabetização era composta por idosos (em sua maioria) que participavam de um grupo destinado a essa faixa etária, vinculado à Igreja católica frequentada pela pesquisadora. Nesse período, comecei, então, a perceber como era forte o assistencialismo voltado para esses sujeitos.

Tal experiência foi marcante como docente, tanto que tenho especial predileção por lecionar para adultos, atualmente como docente do ensino superior.

A Educação de Jovens e Adultos consolidou-se como campo de atuação no final dos anos 1990, quando assumi a função de coordenadora de salas de alfabetização dessa modalidade de ensino, no então Programa Alfabetização Solidária. Assumi uma faceta de *educaixeira viajante*, um misto entre educadora e caixeira viajante, atuando em diversos municípios do interior do Estado do RN e três do interior do Piauí. Esse período tão fecundo nas atividades extensionistas resultou na minha pesquisa de mestrado, intitulada *Passa, fica e pousa o olhar à reflexão – a prática alfabetizadora no contexto do Programa Alfabetização Solidária*. As aprendizagens pessoais e profissionais foram imensuráveis: a lida com o povo, as viagens, as histórias de vida, os desafios foram me tornando uma profissional da educação com um pé na estrada.

O foco dos estudos sobre idosos definiu-se a partir da minha experiência na Universidade Federal do Tocantins, quando pude acompanhar a implantação da Universidade da Maturidade - UMAD. Esse projeto de extensão foi implantado em 2006, vinculado ao curso de Pedagogia, e atraiu muitos adultos e idosos em busca de conhecimentos e melhor qualidade de vida. Ao mesmo tempo em que, como docente do curso de Pedagogia, acompanhava a crescente evasão de adultos e idosos, no âmbito da educação de jovens e adultos, no município de Palmas/TO. O paradoxo entre essas realidades me instigou nesta investigação. As condições sociais determinavam a produção de sentido distinta entre os dois grupos: os idosos da EJA buscavam alfabetização, enquanto os idosos da UMAD buscavam complementação dos seus saberes para agregar mais conhecimento às suas vidas e melhor se posicionar diante dos desafios desta fase da vida – a velhice.

O não lugar da pessoa idosa no campo educacional, a princípio, intrigou-nos. Refiro-me ao processo de exclusão dos indivíduos que se tornam inativos para o mundo do trabalho, os aposentados, em específico, e aqueles que se encontram na transição da condição de ser produtivo para ser improdutivo, dentro da lógica capitalista, na faixa etária dos 45 a 65 anos. A este respeito

Marilena Chauí ao prefaciar a obra *Memória e Sociedade* de Ecléa Bosi afirma que:

A função social do velho é lembrar e aconselhar – *memini, moneo* – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o pôr vir. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos. Sociedade que, como diria Espinosa, não merece o nome de cidade, mas o de servidão, solidão e barbárie, a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice. (CHAUÍ, 1994, p. 18).

Tal transição é fruto de uma construção semelhante às outras fases da vida humana. Dessa maneira, por fatores culturais, as pessoas também podem ser consideradas velhas ou idosas, conforme a percepção sobre si e a percepção dos outros. Bourdieu ilustra essa construção social ao afirmar que se é jovem ou velho em relação a alguém (BOURDIEU, 2007).

Nossas indagações foram fomentadas a partir da percepção do deslocamento da pessoa idosa no campo educacional. De maneira mais incisiva, constatamos que a partir dos meados dos anos 1990, com a juvenilização da EJA, os adultos e idosos perderam mais espaço no ensino regular. Os conflitos intergeracionais tornaram-se uma constante, desafiando os pedagogos envolvidos com esta modalidade do ensino.

Após tal constatação, ampliamos os limites da busca, para além dos muros da escola, por ações educativas voltadas para o idoso, de maneira que chegamos aos grupos de convivência. Por ação educativa, compreendemos a atividade de interação subjetiva e social que implica em uma relação de comunicação e alteridade, cujo vínculo está implícito em toda prática educacional, que se estabelece entre quem ensina e quem aprende. (OLIVEIRA, 2004, p. 16). Na ausência de políticas públicas efetivas para a condição do ser idoso, esses se refugiam no grupo e, ao assumirem ser idoso, são cada vez mais investidos de um olhar social desqualificante.

A pesquisa que deu origem a esta tese ocorreu na cidade de Natal/RN, junto a uma população de 103 idosos vinculados aos grupos de convivência do Programa API-Conviver (Apoio a Pessoa Idosa) oferecido pela Secretaria Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social (SEMTAS). Os idosos foram selecionados a partir dos seguintes critérios: ter mais de 60 anos, ser residente em diferentes regiões da cidade de Natal e participar ativamente dos

grupos de convivência. Buscamos também garantir a diversidade quanto à formação profissional e ao grau de escolaridade. Estas preocupações foram pautadas pelo que diz Domingos Sobrinho (2003) a respeito do processo de construção das representações sociais. Segundo o autor, a representação social de um objeto não se constrói num vazio social, porquanto os sujeitos constroem e disputam os sentidos do mundo, a partir das diferentes posições ocupadas no espaço social, as quais produzem o que Bourdieu denominou de “efeitos de lugar”.

Os estudos sobre a velhice no Brasil apontam, de maneira geral, que a ênfase nos aspectos negativos dessa, como perdas, limitações e doenças são inspirados quase invariavelmente pelo modelo biomédico. Este discurso ao se cruzar com os sentidos negativos atribuídos aos cidadãos não produtivos, entre os quais estão os idosos, contribuem fortemente para a construção de representações sociais negativas e estigmatizadoras decorrentes, em parte, dos “efeitos dos lugares” em que se encontra a população idosa.

Minha indignação não se curva ante o discurso fatalista ‘*lugar de velho é em casa*’; ‘*papagaio velho não aprende a falar*’, ou ‘*deixem os velhinhos morrerem em paz*’. A este respeito Freire (2005, p. 87) assevera “[...] nenhuma realidade é assim porque assim tem de ser [...] está sendo por interesses fortes de quem tem poder e a fazem assim”. Reconhecer que o sistema atual não inclui a todos, não basta. É necessário, diz o educador, por causa deste reconhecimento, lutar contra esta imposição das desigualdades e não aceitar a naturalização das construções sociais. Parafraseando Freire (2000) digo que “uma das bonitezas do anúncio profético está em que este não anuncia o que virá necessariamente, mas o que pode vir, ou não”.

Apoiada numa concepção de conhecimento que desafia a nossa curiosidade crítica, estimula o nosso papel de sujeito e reinventa o mundo é que esta tese foi escrita e está assim subdividida em três capítulos:

No Capítulo 1, ponderamos sobre o envelhecimento humano no Brasil e no mundo e como esta temática tem sido abordada no campo das Representações Sociais. Além de apresentar os aportes teóricos nos quais fundamentamos esta investigação, ou seja, a articulação entre a abordagem estrutural das Representações Sociais, ou a Teoria do Núcleo Central, como é

comumente denominada, e a Praxiologia de Bourdieu, modelo interpretativo desenvolvido por Domingos Sobrinho (1998, 2003, 2010, 2011).

No Capítulo 2, apresentamos o campo de pesquisa, no intento de responder a questão: “onde estão os idosos na cidade do Natal?” Para tanto, expomos a distribuição demográfica dos idosos por zona administrativa e fazemos uma breve caracterização dos nossos sujeitos. Elencamos as instituições que se dedicam à pessoa idosa na cidade, sobretudo, pontuando as práticas educativas e de assistência desenvolvidas para este público.

No Capítulo 3, dedicamo-nos à exposição da estrutura da representação social do “ser idoso” e do provável núcleo central da mesma, apresentando seu sistema central e periférico, determinados com o apoio da técnica da associação livre de palavras e da análise da frequência de evocação e ordem média de evocação, conforme propõe Abric (2000). Apresentamos também o resultado da análise de conteúdo dos discursos produzidos na terceira etapa da associação livre (a justificativa dada à evocação considerada a mais importante), ressaltando a polifasia cognitiva, bem como as contradições e dissidências presentes nesses discursos. Os achados nos impulsionaram a busca de um grupo de idosos não participantes dos grupos de convivência, a fim de fazer um contraste entre os sentidos do “ser idoso” produzido por esses e os demais sujeitos. Esta segunda etapa do trabalho de campo, que consistiu na realização de entrevistas semi-estruturadas, foi de fundamental importância para inferirmos que cada agente possui um conhecimento prático, corporal, de posição no espaço social, isto é, um sentido de seu lugar (BOURDIEU, 2007).

No Capítulo 4, analisamos como o conteúdo representacional apresentado no capítulo anterior orienta as práticas educativas e assistenciais para o idoso participante dos grupos de convivência do Programa API-Conviver. Assim, evidenciamos a tese que defendemos: as práticas educativas e assistenciais, no contexto dos grupos de convivência, estão fortemente ancoradas e objetivadas na representação social do “ser idoso”, fundamentalmente na sua dimensão prescritiva, que reproduz o estereótipo do idoso “feliz” e “livre”, não obstante preserve a tensão com os aspectos descritivos da velhice como sinônimo de doença, finitude e não lugar.

Nas Considerações Finais, ressaltamos as principais descobertas da pesquisa, cumprindo o intento de denúncia que permeou todo o trabalho de pesquisa, pois, na denúncia de uma realidade, viceja o anúncio de um mundo melhor. Para tanto, apresentamos algumas proposições a serem tomadas frente ao envelhecimento crescente da sociedade brasileira, no que tange à educação. Esperamos, assim, termos contribuído para fortalecer o lado daqueles que vêm apontando caminhos, senão para eliminar a desqualificação/discriminação do lugar atribuído em nossa sociedade à população idosa, pelo menos, combater a sua naturalização na qual esse foi enquadrado.

Capítulo I – O envelhecimento como objeto de estudo representacional

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) o envelhecimento populacional no período de 1970 a 2000 em países desenvolvidos foi de 54%, enquanto que, nos países em desenvolvimento, aumentou 123%. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD-2006), no Brasil, o número de pessoas com mais de 60 anos chegou ao decorrer dos anos aos 19 milhões correspondendo a 10,2% do total da população. Na medida em que a proporção de crianças e jovens diminui e a proporção de pessoas com mais de 60 anos de idade ou mais aumenta, constatamos um contínuo “agrisalhecimento” da população. A velhice representa mais uma etapa da vida biológica e não deveria ser vista, como ocorre nas sociedades ocidentais, como uma condição inferior. Neste sentido, Beauvoir (1990) ressalta que são as democracias capitalistas que percebem o envelhecimento da população como um problema. Isso porque não somente as pessoas idosas aumentam em números, como também não se integram espontaneamente à sociedade, que se vê obrigada a decidir sobre o estatuto. A velhice torna-se, então, objeto de políticas sociais.

A autora ainda afirma que em sociedades antigas, fundamentadas no campesinato, nas quais se mantinham o meio de produção rural, havia uma exata coincidência entre a profissão e a existência; o trabalhador vivia no local do seu trabalho; as tarefas produtivas e domésticas se confundiam. Entre os artesãos e camponeses, as capacidades aumentavam com a experiência, e, portanto, com o passar dos anos.

Hoje em dia, o operário mora num lugar e trabalha em outro, numa dinâmica puramente individual. A família fica à margem de suas atividades produtivas e é condenado à inatividade muito mais cedo do que antes. O velho se torna-se um peso porque a tarefa na qual se especializou a vida inteira não permanece a mesma, e ele não se adapta às novas exigências, dentro da lógica capitalista.

A reparação da desvalorização sistemática que os homens e mulheres sofrem desde o nascimento, numa sociedade da competição e do lucro não

acontece apenas com os cuidados geriátricos. Seria antes necessário sedimentar uma cultura para os velhos em respeito aos seus interesses e trabalhos, uma cultura que garantisse um envelhecimento com dignidade. (BOSI, 1999) A autora ainda sinaliza dizendo que é preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira. Isso porque, na sociedade ocidental, a produção dos sentidos sobre o envelhecimento está estreitamente vinculada ao mundo produtivo. A representação social sobre velhice é então influenciada pela saída do sujeito do processo de produção.

A classificação da velhice por idade obedece, segundo a ONU a três categorias: os pré-idosos, com idade entre 55 e 64 anos; os idosos jovens, entre 65 e 79 anos – ou entre 60 e 69 anos e os idosos com de idade avançada com mais 80 anos. Todavia, no Brasil, de acordo com a PNI (Política Nacional do Idoso) que se apoia na Lei nº 8842 (BRASIL, 1998) é considerado idoso a pessoa acima de 60 anos de idade.

Debert (2003), no entanto, alerta para o fato de as categorias de idade são produzidas culturalmente. Dessa maneira, frisamos que a classificação por idade ultrapassa o aspecto biológico. Por exemplo, ser velho no ocidente traz consigo um estigma que não se identifica entre as sociedades orientais, ao usarmos o termo ‘terceira idade’. Este consiste num eufemismo, pois no oriente, graças à longevidade conquistada, não seria possível estratificar dessa forma, do contrário, iríamos até a quinta ou sexta idade.

Os primeiros discursos acerca do envelhecimento pertenciam ao campo médico e tratavam do envelhecimento orgânico, que era visto apenas como desgaste fisiológico. Mais adiante, com as políticas de aposentadoria, essa temática ganhou relevância econômica e financeira por basear-se na demografia típica do campo político-administrativo.

A velhice é fruto do tempo inexorável, o que é bem traduzido pelo jargão do senso comum: “quem de novo não morre, de velho não escapa!” Segundo Giddens (2004), dois processos contraditórios estão envolvidos aqui: De um lado, os idosos nas sociedades modernas tendem a ter um *status* mais baixo do que tinham em culturas pré-modernas. De outro, as sociedades não-ocidentais hoje (como a Índia ou a China), concebiam que a velhice trazia

sabedoria, e as pessoas mais velhas de uma comunidade eram, portanto, amiúde valorizadas como os verdadeiros núcleos de decisão. Hoje, a idade avançada traz consigo o efeito contrário: a desvalorização social, as pessoas desejam a longevidade, mas não desejam condição de vida que culmina com a perda da autonomia e a segregação desses sujeitos.

Em sociedades que passam por constantes mudanças, como a nossa, o conhecimento acumulado das pessoas mais velhas parece, para os jovens, principalmente, não ser mais um valioso depósito de sabedoria, mas, um anacronismo.

1.1 – A velhice como fenômeno cultural

“Nada mais belo que deixar a natureza desfazer lentamente o que ela fez”.

(Cícero)

A velhice pode ser vista e definida a partir das mais diversas áreas do conhecimento. Pela perspectiva do discurso médico, a ênfase recai nos estudos sobre ciclos de vida, saúde, medicação, morte; no caso da área político-administrativa, o foco estará nas políticas públicas para o envelhecimento, o sistema de proteção social, a concessão de benefícios; a psicologia se preocupará em compreender os processos psicológicos enfrentados pelos indivíduos na experiência do envelhecimento, como ressalta Luca (2006).

A sociedade usa diversos termos, quando se refere à velhice: terceira idade, meia idade, velho, idoso. De acordo com Peixoto (2003), a utilização do termo ‘idoso’ embora seja mais respeitoso não é tão preciso quanto velho. O uso dos termos velho e idoso sempre levou em consideração a classe social e a qualidade do envelhecimento, pois o termo velho mais específico para classificar pessoas decadentes e pobres. Com relação à definição de terceira idade, expressão de origem francesa, diz ainda Peixoto, designa principalmente “os jovens velhos”, os aposentados dinâmicos, enquanto idoso simboliza as pessoas mais velhas.

Para Debert (2005), as classificações das etapas intermediárias entre a vida adulta e o envelhecimento denominadas “meia-idade”, “terceira idade”, “aposentadoria ativa”, na verdade, foram criadas para produzir novos estilos de

vida e estimular o consumo de bens e serviços direcionados a essa população. A “terceira idade” é uma criação recente das sociedades ocidentais. Sua invenção implica a criação de uma nova etapa da vida, que se interpõe entre a idade adulta e a velhice e é acompanhada de um conjunto de práticas, instituições e agentes especializados. Bourdieu (1983) atenta para o fato de que as divisões por idade são criações arbitrárias.

Segundo Neri (1992), a língua portuguesa é limitada ao se referir à pessoa idosa. Usa-se mais comumente os termos ‘idoso’ e ‘velho’. Todavia, enquanto o primeiro é mais formal e próximo dos substantivos ‘senhor’ e ‘senhora’ e empregado para pessoas, o segundo é genérico e generalizante, sendo utilizado tanto para pessoas, como para bichos, coisas, eventos.

Como destaca Motta (2003), a dificuldade para definir-se o fenômeno do envelhecimento deve-se ao fato de a classificação de um indivíduo como idoso não se esgotar na demarcação geracional, posto que o processo de envelhecimento se desenvolve por caminhos diferentes e, aos poucos, leva as pessoas a ‘saírem de cena’. Ter idade aproximada, ou ser da mesma geração, não assegura aos indivíduos possuir as mesmas características quanto à saúde, à resistência física, à inteligência, nem à qualidade de vida.

Ainda segundo Motta (2003), se todo processo identitário se constrói ao longo do percurso da vida, pelo menos, cada um deles se faz em torno de uma condição existencial, tais como: sexuada, racial ou classe social. Assim, com tantos elementos constituintes essa identidade geracional, será de difícil definição por sua própria natureza.

Por não se dar inteiro, posto que não se envelhece igual em todos os aspectos, a velhice vem como um choque, porque percebida primeiro pelos olhos dos outros. Como muito bem traduz Cecília Meirelles, em *O Retrato* (1983):

*Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo.
Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração que nem se mostra.
Eu não dei por esta mudança,*

*tão simples, tão certa, tão fácil:
Em que espelho ficou perdida a minha face?*

A velhice é representada em sua lentidão por palavras que apontam o dissabor desta etapa da vida e remetem à uma tônica predominante de que envelhecer é estar/ser triste, amargo, vazio, frio, parado, morto e, por fim, perdido.

1.2 – A conotação negativa da velhice

A velhice encontra-se muito mais associada à decadência do que a sabedoria e experiência, especialmente, no que diz respeito às mulheres. Além de presente na literatura poética, constatamos o embaçamento das diferenças etárias nas obras filmicas e seus conteúdos ficcionais, esses explorados, por exemplo, pela antropóloga Guita Debert na obra *Cinema, Velhice e Cultura* (2005).

A autora discorre sobre o filme *Alguém tem que ceder* (EUA, 2003), de Nancy Meyers, em que um executivo de sucesso se apaixona pela mãe de sua namorada, uma escritora muito famosa. Debert apresenta então muitos elementos que permitem explorar a segregação etária ainda tão marcante nas sociedades contemporâneas.

Nesse filme, o foco é a questão de gênero. Explora-se, por exemplo, como para a mulher o aspecto estético pesa sobremaneira; tanto que um dos destaques do filme é a escritora famosa que usa, em qualquer horário do dia, uma blusa de gola olímpica para esconder as marcas mais flagrantes do envelhecimento. O mesmo ponto fraco é explorado nos homens, mostrando-se que, para esses, o peso da idade melhor se revela no hospital, na hora da doença, quando, por sua vez, são obrigados a fazer uso do Viagra ou se sentem ameaçados por um enfarto.

A velhice como fenômeno cultural de conotação negativa começa a se configurar, a partir do momento histórico, no qual as sociedades ocidentais perdem suas características agrárias e assumem uma dinâmica urbana e industrial. Nessa nova realidade, enquanto, no campo, o adulto produz de sol a sol, no mundo urbano, tem a possibilidade de aposentar-se e não continuar a trabalhar, mesmo sendo ainda capaz. Assim, o trabalhador passa a

experimentar o gradativo processo de desengajamento da dinâmica produtiva, em decorrência da aposentadoria, porque a produção dos sentidos sobre o envelhecimento vincula-se doravante à relação do indivíduo com o mundo produtivo.

Daí, conforme diz ELIAS (2001), se a humanidade não aprender a lidar com a velhice conquistada, tudo o que qualquer ser humano tenha feito, tudo aquilo pelo qual as pessoas viveram e lutaram ficará sem sentido. A longevidade conquistada graças às mudanças econômicas, sanitárias e culturais será, por conseguinte, um problema social.

Aos 85 anos, este sociólogo escreveu *A Solidão dos Moribundos*, publicado no início dos anos de 1980 e motivado por sua inquietação em relação a um fenômeno, cujos efeitos negativos eram percebidos por ele como impulso civilizatório: a morte. Para Elias (2001), a experiência das pessoas que envelhecem não pode ser entendida, a menos que, percebamos uma mudança fundamental na posição das mesmas na sociedade, e, portanto, em todas as suas relações com os outros, decorrente do envelhecimento.

Daí surge à estranheza dos não velhos para com os velhos e a produção da superioridade do primeiro grupo em relação ao segundo, devido à dependência crescente que o velho passa a ter para continuar a viver em sociedade. Em outras palavras, ser e estar no mundo modifica-se, pois a velhice em si é uma construção social: *sou* ou *estou* velha/velho, em relação a alguém. Ao que Bourdieu ressalta, dizendo que a juventude e a velhice não são dadas, mas, construídas socialmente, na luta entre os jovens e os velhos, o que torna as relações entre a idade social e a idade biológica muito complexas. (BOURDIEU, 1983)

Ao considerar a natureza social da velhice, Elias estabelece a diferença entre o envelhecer nas sociedades pré-industriais e nas sociedades industriais. Nas sociedades em que a maioria da população vive em vilarejos, cultiva a terra e se dedica à criação do gado, por exemplo, quem lida com os velhos é a família. Isso, no entanto, não garante que recebam um tratamento amável. Não raro, a geração mais jovem, ao chegar ao comando, trata a mais velha, até com crueldade.

Nas sociedades industrializadas, o Estado protege o idoso ou o moribundo, assim como qualquer outro cidadão, da violência física óbvia (Elias, 2001). Elias destaca ainda que, graças à institucionalização da velhice, acontece a fragilização dos laços afetivos dos idosos não só com a família, mas com aqueles que participam do seu círculo de convivência. A ida para os asilos, critica o autor, representa a separação dessas pessoas do convívio cotidiano para mergulharem na solidão de uma vida comunitária com estranhos. Os asilos seriam, no seu ponto de vista, verdadeiros desertos de solidão.

A intervenção do Estado, no sentido de lidar com a velhice e a proximidade com a morte, no caso dos moribundos institucionais, contribui para distanciar a agonia e a morte, cada vez mais, do olhar dos vivos e dos bastidores da vida cotidiana. A sua forte crítica a esse tipo de intervenção estatal apoia-se na constatação de que envelhecer e morrer são problemas inerentes à humanidade, pois somos as únicas criaturas que, quando necessário, podem dominar, até certo ponto, o curso sem sentido da natureza e ajudar-se mutuamente.

A conotação negativa da velhice nas sociedades ocidentalizadas, como analisa Elias (2001), não se dá exclusivamente por razões demográficas, mas pelas consequências econômicas causadas pela longevidade, que afetaram as estruturas financeiras das empresas e do Estado, com o advento das aposentadorias e também, as estruturas familiares.

Segundo Beauvoir (1990)¹, como em muitas espécies nas sociedades humanas, a experiência e os conhecimentos acumulados são um trunfo para o velho. A conotação negativa do envelhecimento revela-se muito mais em função do mundo produtivo que do plano biológico, enquanto capacidade reprodutiva. O grande problema é que o velho não é mais capaz de lutar, de caçar, não pode mais trabalhar e se torna uma boca inútil. Sua condição na sociedade capitalista não decorre fundamentalmente de suas limitações de ordem biológicas, mas, principalmente, da construção simbólica dessa etapa da vida humana, nesse tipo de sociedade.

¹ A Velhice, 1990.

Bosi (1999) afirma que a sociedade pragmática não desvaloriza apenas o operário, mas todo trabalhador: o médico, o professor, o ator, o jornalista. Ainda alerta que quando nos aborrecemos com o excesso de experiência que aconselha, providencia e prevê, levamos o velho a se retrair de seu lugar social e esse encolhimento é uma perda e um empobrecimento para todos. Assim, a velhice desgostada, ao retrair suas mãos cheias de dons, torna-se uma ferida no grupo (p.80).

Woortmann e Woortmann *apud* Luca (2006) demonstram que não há categorias absolutas que possam enquadrar todos os sujeitos. As categorias só se sustentam em relação umas às outras: a criança existe na relação com o adulto; ou se é velho quando se usa o jovem como referência. Na complexidade da constituição dos sujeitos, somos tanto jovens quanto velhos, dependendo do contexto.

As pessoas idosas estão em franca desvantagem devido à falta do capital valorizado: a juventude. Os grupos de idosos foco da nossa investigação estão à margem das ações do poder público. Essa segregação se reflete também na área da educação, onde se trava uma luta competitiva em torno de interesses específicos que a caracterizam.

Bourdieu (2008) afirma que a dialética das condições e dos *habitus* é o fundamento da alquimia, que transforma a distribuição do capital, balanço de uma relação de forças, em sistema de diferenças percebidas, de propriedades distintivas.

[...] acredito que as relações sociais seriam muito menos infelizes se as pessoas pelo menos dominassem os mecanismos que faz com que contribuam para sua própria miséria. (Bourdieu, 1983, p.27).

A citação de Bourdieu sintetiza os propósitos deste trabalho de pesquisa sistematizar subsídios sobre uma temática pouco explorada, a educação nesta faixa geracional, e fortalecer, assim, para a denúncia da violência simbólica e principalmente, anunciar alternativas possíveis para a sua superação.

1.3- Perspectiva teórica adotada

O conceito de Representação Social não é patrimônio de uma área em particular, pois está enraizado na Sociologia, na Antropologia e na História das Mentalidades. A partir dos anos de 1960, como diz Arruda (2002), intensificou-se, no campo das ciências humanas, a preocupação para se entender os fenômenos da ordem do simbólico, tendo sido destacadas as discussões em torno das noções de consciência e imaginário. Mas, na Psicologia Social, de acordo ainda com Arruda, a noção de Representação Social ganha uma teorização melhor desenvolvida, em consequência dos espaços criados por Serge Moscovici. Este retoma o conceito de representações coletivas de Durkheim, que busca dar conta de fenômenos diversos como as crenças, mitos, imagens e, também, o idioma, o direito e as tradições (ARRUDA, 2002). Por esta razão, a abrangência do conceito o tornava pouco operacional.

Em sua proposição inicial, Moscovici propõe a remodelagem do conceito durkheimiano e o atualiza, para explicar os complexos fenômenos representacionais coletivamente construídos e que dão forma e conteúdo ao senso comum contemporâneo. Atualizar significa também tornar o conceito operacional.

Em sua contribuição, Jodelet (2002) lembra que as Representações Sociais devem ser estudadas, pela articulação de elementos afetivos, mentais e sociais, e também pela integração da cognição, linguagem, no contexto das relações sociais que as abarcam. A autora sugere que, para tornar o conceito operacional e abarcar o conjunto de seus componentes, é preciso orientar-se por três perguntas: (1) Quem sabe e a partir de onde sabe? (2) O que e como sabe? (3) Sobre o quê se sabe e com que efeitos?

Jodelet (2002) afirma que quem sabe, sabe de algum lugar, ou seja, age conforme um referencial de espaço e tempo, onde se demarca, portanto, a dimensão posicional. Assim, ao discorrer sobre a loucura e as representações sociais daqueles que convivem com essa patologia, numa província francesa, a pesquisadora inseriu-se no contexto da comunidade para conhecer as práticas utilizadas para se defender do que lhe era estranho e estabelecer um saber que reafirmava a sua sanidade, ao mesmo tempo em que atribuíu um sentido à condição diferente do outro. (ARRUDA, 2002).

Representações sociais são sempre construídas por alguém em relação a um objeto e tal dinâmica está presente de forma plena no resultado representacional, endossa Jovchelovitchi (2008), pois afirma que a posição que os atores ocupam no processo representacional e como se engajam permite a comparação e a compreensão das subjetividades. Portanto, muitas vezes, as representações têm mais a ver com o sujeito que representa e menos com o objeto representado, exemplo de preponderância do “quem” sobre o “que” das representações.

Neste sentido, Jodelet em seu trabalho sobre a loucura revela que o controle cognitivo e psicológico das diversas formas do confronto com os doentes mentais é aprendido como técnica socialmente transmitida. No convívio dessa comunidade, a pesquisadora investiga o contato com a alteridade e suas diferentes modalidades situadas, na articulação do social e do individual. Em outras palavras, é preciso conhecer a posição social investigada para apreender que representam para apreender como seus códigos e práticas simbólicas interferem no processo de construção de suas representações. Por esta razão, vale destacar a assertiva de Bourdieu, na obra *A Distinção* (2007, p.164) ao afirmar que:

Cada condição é definida por suas propriedades intrínsecas e pelas propriedades relacionais inerentes à sua posição no sistema das condições, de posições diferenciais, ou seja, por tudo o que a distingue de tudo o que ela não é e, em particular, de tudo o que lhe é oposto: a identidade social define-se e afirma-se na diferença.

A investigação construída a partir desse enfoque, geralmente é feita com metodologias múltiplas, que podem ser entrevistas, questionários, observações, pesquisa documental e tratamento de textos escritos ou imagéticos. O trabalho de Jodelet, *Loucura e Representações Sociais* (2005) demonstra muito bem como isso deve ser feito.

Arruda (2002) afirma que um conteúdo representacional pode ser estudado como campo estruturado, mas também como possuindo um núcleo estruturante, responsável pela organização e estabilidade dos sentidos atribuídos a determinado objeto.

A Teoria do Núcleo Central, é complementar à teoria desenvolvida por Moscovici e, de acordo com essa última perspectiva, serve para identificar as estruturas elementares, que constituem o cerne do sistema da representação, em torno das quais organiza-se de forma um duplo sistema com elementos centrais e periféricos.

Na tentativa de mapear as regularidades, rupturas e transformações que envolvem esse processo, apoiamo-nos nesta teoria proposta, originalmente, em 1976, por Jean-Claude Abric. De acordo com Sá (1996) essa teoria não pretende substituir a abordagem teórica das Representações Sociais, mas torná-la mais heurística. O núcleo central é o elemento essencial de toda representação e pode, de certa maneira, superar o simples quadro do objeto de uma representação para encontrar sua origem, nos valores que o transcendem, e não exigem nem aspectos figurativos, nem esquematizações, nem mesmo concretização.

Neste tipo de pesquisa, procura-se determinar o núcleo central das representações, considerando-se que, como defende a teoria, toda representação social organiza-se em torno de alguns elementos que organizam todos os demais. Dentre as funções desempenhadas por núcleo central destacam-se: a de ser a via através da qual se cria ou se transforma a significação dos demais elementos – função geradora – e se define a natureza dos vínculos estabelecidos entre todos os demais elementos – função organizadora.

O núcleo central atua como responsável pela unificação e estabilidade da representação, todavia, para essa síntese não parecer excessivamente cartesiana, Domingos Sobrinho (2010) destaca que as representações sociais constroem-se num movimento contraditório, no qual é possível constatar o seu caráter, ao mesmo tempo, estável e móvel, mas igualmente marcado pelas diferenças individuais.

De acordo com Arruda (2002), o grupo de estudiosos que inaugurou a perspectiva do núcleo central (Jean-Claude Flament, Jean-Claude Abric e outros) trouxe, além da sua contribuição teórica, uma resposta a determinadas críticas relativas à investigação das representações sociais, ao propor estratégias metodológicas específicas. De acordo com os pesquisadores

citados, os elementos do núcleo central das representações sociais são mais facilmente detectáveis por meio da técnica de associação livre de palavras. O maior índice de preferência de uma evocação e sua maior prioridade, na ordem das evocações, durante os testes de associações livres, seriam os melhores indicadores da centralidade de um elemento. A combinação dos dois aspectos revela o conjunto de itens, que configuram o coração da representação.

Para acessar às representações sociais do grupo pesquisado, utilizamos um dos métodos de determinação do núcleo central baseado num exercício projetivo de associação livre de palavras, que emprega uma palavra-estímulo ou expressão indutora. Realizamos a Associação Livre de Palavras usando a expressão indutora: “ser idoso é...” junto a 103 (cento e três) idosos, residentes na cidade do Natal há, pelo menos, 5 anos e que ingressaram, nesta faixa geracional, isto, é completaram seus 60 anos, quando já residiam nesta cidade.

O uso da técnica de associação livre sugerida por Abric (2002) permite evitar as produções discursivas de caráter retórico e mais racionalizadas. O método utilizado consiste em solicitar aos sujeitos que, pela expressão indutora, enunciem palavras associadas à mesma. No segundo momento, realizem a hierarquização das palavras evocadas, e escrevam 1, para a mais importante, 2 para a segunda mais importante até no máximo 6. No terceiro, justifiquem a escolha da palavra classificada como a mais importante.

A análise das evocações foi desenvolvida através de um programa de computador – EVOC 2000 - desenvolvido por Vergès (2002), e os conteúdos discursivos, conforme solicita a técnica, foram submetidos à análise categorial de conteúdo, seguindo-se as orientações de Bauer (2002) e Bardin (1977).

A afirmação da linguagem como reflexiva leva-nos a conceber o discurso não como ato individual, mas como processo social, que articula um modo de enunciação e um lugar social. Ao falar, o sujeito exprime suas pertencas e referências. Surge então a possibilidade de entender o sentido e não apenas os significados. Domingos Sobrinho (1997) ao discorrer sobre os signos hegemônicos, à luz da sociologia bourdiesiana, ressalta que esses fazem parte da *doxa*, isto é, das opiniões correntes, das crenças estabelecidas. A apreensão dos conteúdos representacionais permite-nos, pois, nesta ótica, identificar não só as atribuições de sentido que um grupo produz em relação a

determinado objeto, mas também, como os sentidos hegemônicos perpassam esses conteúdos, que são, apenas, reproduzidos ou ressignificados. É o que procuraremos demonstrar ao longo desta tese.

Assim, na feitura dessa tese, examinamos as Representações Sociais que são hegemônicas e podem ser partilhadas por todos os membros de um grupo altamente estruturado – um partido, cidade ou nação – sem terem sido produzidas pelo grupo. Tais representações hegemônicas prevalecem implicitamente em todas as práticas simbólicas ou afetivas. Elas parecem ser uniformes e coercivas; refletem a homogeneidade e a estabilidade que os sociólogos franceses tinham em mente, quando as chamaram de representações de coletivas (SÁ, p.39). As representações coletivas ou hegemônicas fazem parte da teoria geral das representações sociais, mesmo que não sejam por ela explicadas.

No próximo capítulo, apresentaremos dados sobre a distribuição dos idosos na cidade do Natal e sua relação com as ações voltadas para esse público.

Capítulo II – Cenários, atores, estratégias metodológicas.

Neste capítulo apresentaremos dados que ajudam a traçar um breve perfil da população idosa da cidade do Natal, assim como falaremos dos órgãos e instituições que desenvolvem ações voltadas para esse público. Mapearemos iniciativas públicas, privadas e filantrópicas dedicadas ao idoso e, também, as instituições de natureza asilar, como espaços de convivência. Focaremos, em particular, os grupos de convivência do Programa API-Conviver, vinculados à Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social da cidade do Natal - SEMTAS, sua estrutura funcional e caracterização. Descreveremos aspectos de nossas idas a campo, nosso contato com as pessoas que trabalham com os idosos e com os próprios idosos, sujeitos da nossa investigação.

2.1. Alguns dados sobre a população idosa de Natal

Na cidade do Natal, conforme dados do último censo do IBGE (2010), a população idosa totaliza 97.764 habitantes, o que representa cerca de 12% da população da cidade. Dentre a população idosa, 59.784 são do sexo feminino.

Na cidade do Natal, conforme dados do último censo do IBGE (2010), a população idosa totaliza 97.764 habitantes, cerca de 12% da população, desses 59.784 são do sexo feminino. Essa maior presença de mulheres no conjunto da população reflete-se também nos grupos de idosos que se constituíram como locus desta pesquisa.

No Gráfico 1, pode-se observar a distribuição da população idosa de Natal, a partir de sua localização as quatro zonas em que está dividida a cidade. Assim, constata-se que, Zona Sul encontram-se 28% dessa população; seguidos da Zona Norte com 27%, da Zona Leste como 22%, e na Zona Oeste com 23%.

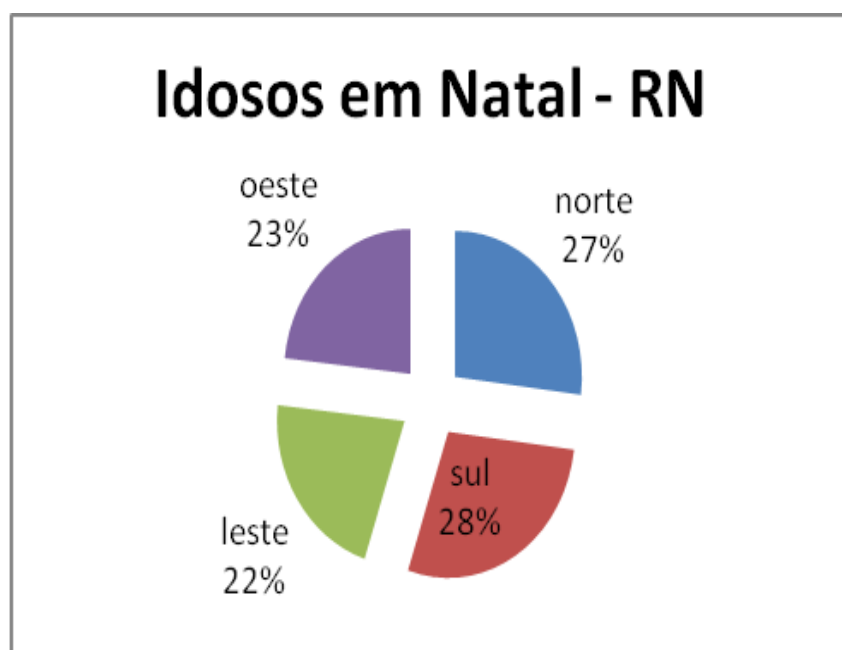


Gráfico 1: Distribuição dos idosos por zona administrativa

Fonte: IBGE, 2010.

Como as mulheres são maioria percebida entre os participantes dos grupos de idosos, buscamos os dados por gênero para mapear a presença feminina. Confirmou-se a nossa suspeita da predominância feminina na população total de idosos. As mulheres totalizam 59.784 e os homens representam 37.553, aspecto marcante nos grupos de idosos que visitamos pela cidade. São, portanto, 22.231 mulheres a mais do que o gênero oposto.

A tabela abaixo serve para visualizarmos a distribuição da população investigada por cada bairro da cidade.

Tabela 1: Número de idosos por bairros, na cidade do Natal/RN.

Zona Administrativa	BAIRROS	População Idosa (60 anos ou mais)
NORTE	Lagoa Azul	4.880
	Pajuçara	3.932
	Potengi	7.575
	Nsa.Sra.da Apresentação	5.437
	Igapó	2.845
	Redinha	1.294
	Salinas	108
SUL	Lagoa Nova	7.159
	Nova Descoberta	1.967
	Candelária	4.048
	Capim Macio	3.764
	Pitimbu	3.493
	Neópolis	3.770
	Ponta Negra	3.036
LESTE	Santos Reis	899
	Rocas	1.752
	Ribeira	398
	Praia do Meio	625
	Cidade Alta	1.397
	Petrópolis	1.387
	Areia Preta	417
	Mãe Luiza	1.622
	Alecrim	5.414
	Barro Vermelho	1.987
	Tirol	3.622
	Lagoa Seca	1.392
OESTE	Quintas	4.210
	Nordeste	1.596
	Dix-sept-Rosado	2.050
	Bom Pastor	1.932
	Nsa Sra. Nazaré	2.296
	Felipe Camarão	4.038
	Cid da Esperança	3.138
	Cidade Nova	1.460
	Planalto	1.777

Fonte: IBGE, 2010.

Com base nos percentuais e números absolutos fornecidos pelo IBGE, construímos os gráficos a seguir, a fim de melhor visualizarmos a distribuição da população investigada por zona administrativa da cidade. Na sequência dos gráficos, podemos ver também a distribuição da população idosa a partir dos percentuais de sua concentração por bairro.

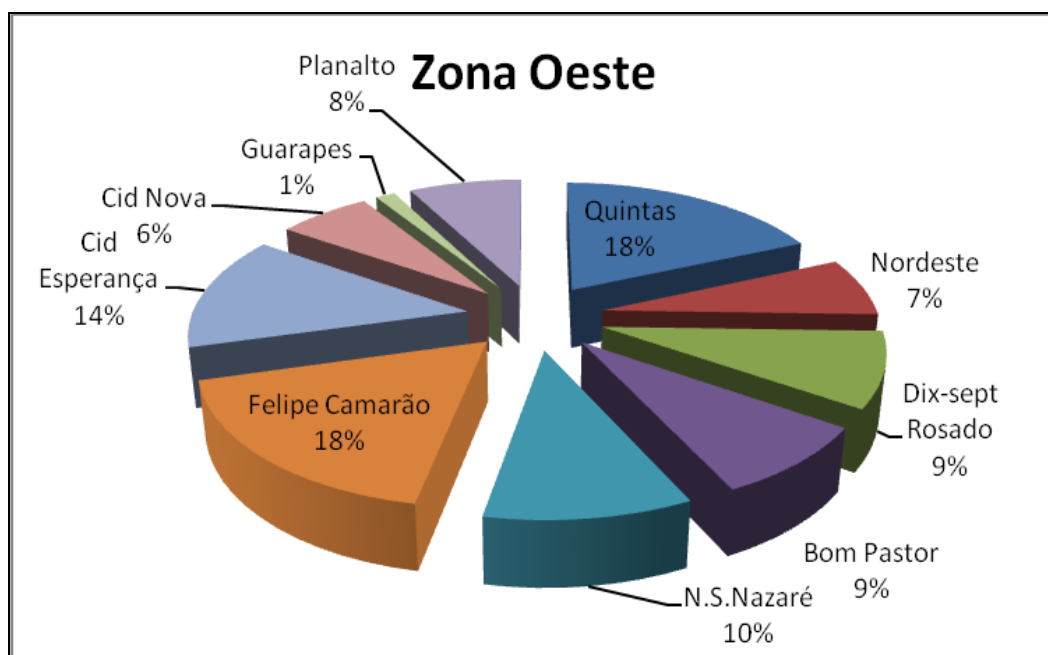


Gráfico 2 - Dados da Zona Oeste.

Fonte: IBGE 2010

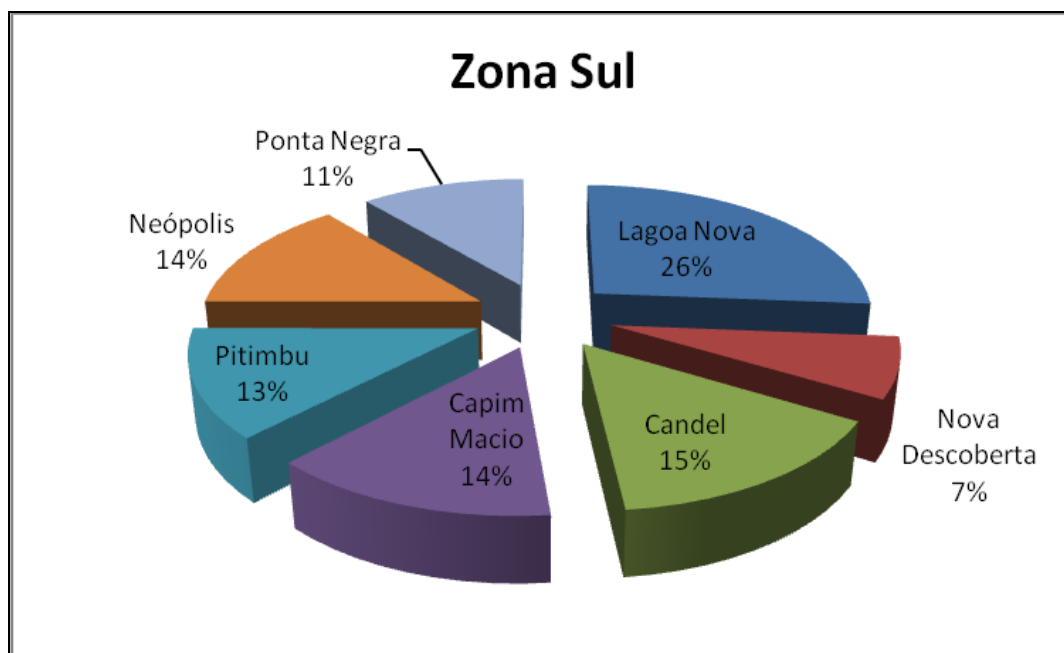


Gráfico 3: Dados da Zona Sul

Fonte: IBGE 2010

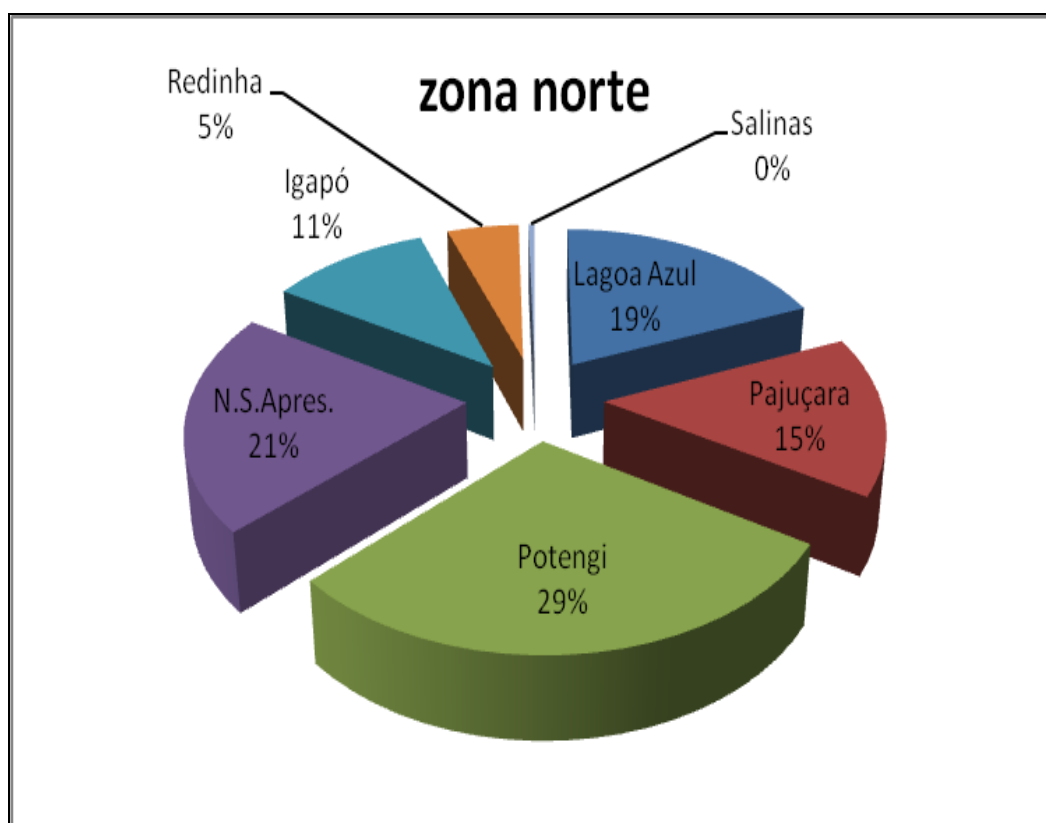


Gráfico 4: Dados da Zona Norte.

Fonte: IBGE, 2010

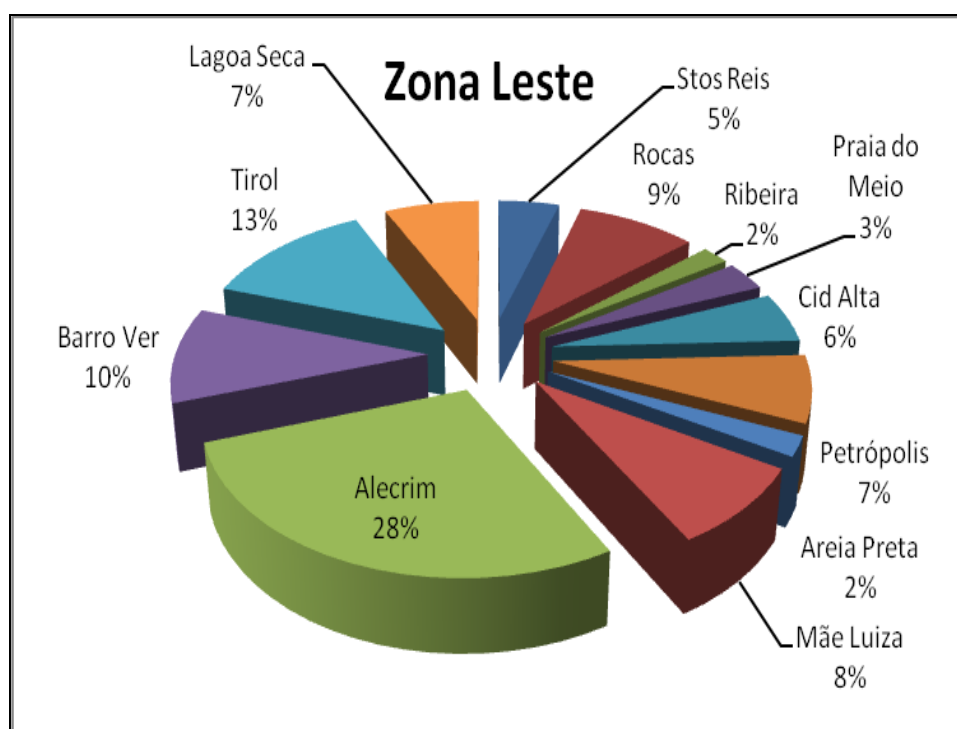


Gráfico 5 – Dados da Zona Leste.

Fonte: IBGE 2010

Os bairros de maior concentração de idosos são Lagoa Nova e Potengi, pois contam com mais de 7 mil idosos, seguidos pelos bairros Alecrim e Nossa Senhora. da Apresentação, ambos com mais de 5 mil idosos. Com menor concentração dessa população, isto é, abaixo de 5 mil, seguem-se os bairros de Quintas, Candelária, Filipe Camarão e Lagoa Azul.

2.2. Órgãos e instituições responsáveis pela assistência ao idoso

No Estado do Rio Grande do Norte localizamos alguns órgãos dedicados à população idosa e, dentre esses, destacamos o Conselho Estadual do Idoso, que foi criado pela lei 6.254/1992. Trata-se de um órgão deliberativo incumbido de definir, orientar e controlar a Política Estadual de Atendimento à Pessoa Idosa, de defesa dos seus direitos e valorização de seu papel social e cultural.

Representam o governo, nesse Conselho, as seguintes secretarias: Secretaria de Trabalho, Habitação e Assistência Social (SETHAS); Secretaria da Educação e Cultura (SEEC); Segurança Pública e Defesa Social (SESED); Saúde Pública (SESAP), além da Secretaria de Justiça e Cidadania (SEJUC). Outra instituição pública que compõem o conselho é a Universidade Federal do Rio G do Norte (UFRN).

A sociedade civil participa do Conselho através da Universidade Aberta a Terceira Idade (UNP/UNATI), do Lar do Ancião Evangélico (LAE), do Instituto Juvino Barreto, da Associação Norte-Riograndense (ARPI), e do Conselho Regional de Serviço Social e da Associação Inaraí.

Outro órgão importante é o Conselho Municipal do Idoso da cidade do Natal-RN, instituído através da lei 5.129/99. Trata-se de um órgão permanente, deliberativo e consultivo que tem por finalidade, a exemplo da instância estadual, zelar pelo cumprimento dos direitos da pessoa idosa, de acordo com o Estatuto do Idoso. O Conselho é composto por representação

governamental: Secretaria de Saúde (SMS), Secretaria de Educação (SME), Secretaria de Assistência Social (SETAS), Secretaria de Transportes Urbanos (STTU), Secretaria Especial de Esporte e Lazer (SEL) e não-governamental: ATIVA, Juvino Barreto, LAE, Sociedade Espírita de Cultura e Assistência (SECA), Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

Além das instituições citadas e que fazem parte dos Conselhos de proteção aos direitos do idoso, merece destaque o papel desempenhado pela Igreja Católica, cuja atuação tem se dado por meio da Pastoral da Pessoa Idosa, atuante desde 2005. Essa Pastoral foi criada, em nível nacional, em 2003, inspirada pela campanha da fraternidade daquele ano que teve como tema “Fraternidade e Pessoa Idosa”. A partir de então, a Igreja passou a atuar de forma institucionalizada em relação ao idoso.

A ideia da criação de uma Pastoral destinada ao público idoso surgiu em 1994, como fruto das discussões entre a Dra Zilda Arns, coordenadora nacional da Pastoral da Criança e o presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG). No entanto, somente foi formalizada pela Igreja durante a Assembleia Geral dos Bispos do Brasil, ocorrida em Itaici, município do estado de São Paulo.

Quanto à atenção prestada ao idoso na cidade do Natal, identificamos diversas ações, tanto no âmbito da assistência como dos grupos de convivência do programa API-Conviver, que é financiado pelo Ministério da Desenvolvimento Social (MDS) e Combate à Fome e está vinculado ao Departamento de Proteção Social Básica. Esses grupos visam prevenir situações de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades e fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, isso porque a violência contra idosos no Brasil segue padrões internacionais, destacando-se o dado que as mulheres enfatizam – a violência familiar –, enquanto os homens se ressentem mais da violência no espaço público. Minayo (1994) citado por Siqueira (2007, p.214) define a violência como estrutural por determinar práticas de socialização que levam os indivíduos a aceitar ou a impor sofrimentos aos idosos, de forma naturalizada.

Enquanto a proteção social básica defende os interesses do cidadão idoso, dentre elas a Delegacia dos Direitos da Mulher e das Minorias (CDDIM), o SOS Idoso, Delegacia e a Promotoria do Idoso.

O Programa API-Conviver tem por objetivo prestar assistência ao idoso nos grupos de convivência existentes, direcionando-os, juntamente com sua família, à rede integrada de proteção social, na perspectiva de viabilizar condições para o pleno exercício da cidadania. Seu público alvo são pessoas com idade igual ou superior a 60 anos que são associadas aos grupos de convivências, situados em diversas comunidades, parceiros do Programa API - Conviver do município do Natal. O Programa atende a 1.870 idosos/semana, determinada pelo convênio com o MDS e co-financiado pelo município de Natal, através da SEMTAS².

No sistema da Educação do município de Natal, não encontramos nenhuma iniciativa voltada especificamente para esses sujeitos de direito. Isso foi determinante para que nossa investigação se voltasse para os locais onde estão os idosos, na cidade, ou seja, nos grupos de convivência para idosos. A partir dessa constatação, procuramos o Conselho Municipal do Idoso para mapear as ações voltadas à pessoa idosa, em especial, os grupos de convivência, pois esses são assentados no Conselho.

O Programa API-Conviver realiza-se nos grupos de convivência. Tais grupos surgiram no Brasil, na década de 1960, através do trabalho social do SESC, numa perspectiva sócio-educativa, com o objetivo único de criar espaços de convivência para minimizar a solidão e o isolamento frequente dessa população. Dentre as atividades desenvolvidas, está o apoio ao idoso e sua família que poderá se beneficiar da rede de proteção social existente, e, assim, ter melhores condições de exercer sua cidadania. A família do idoso pode, também, ser atendida pelo SESC.

A população idosa atendida pelo API-Conviver possui idade igual ou próxima aos 60 anos e se distribui pelos diversos bairros da cidade. Ao todo, são atendidos 1.870 idosos/semana, graças aos convênios firmados pelo MDS

² Fonte: Relatório da Gestão 2008 – API Conviver/SEMTAS

com a Prefeitura de Natal e executados pela Secretaria de Trabalho e Ação Social (SEMTAS).

Na Rede Municipal de Educação ou, em qualquer outra ação voltada para a educação desenvolvida pelo município, não encontramos qualquer iniciativa tendo a população idosa como alvo. Em Natal, ao todo encontramos 54 grupos de convivência de idosos cadastrados e atendidos pelo programa. existem 54 Grupos de Convivência para Idosos (GCIs). Esses estão assim distribuídos abaixo:

Tabela 2 - Idosos por grupo de convivência, local e data

Zona Leste	06 grupos	170 idosos
Zona Sul	13 grupos	460 idosos
Zona Oeste	15 grupos	520 idosos
Zona Norte	15 grupos	540 idosos

Fonte: Relatório 2009. SEMTAS.

As ações desenvolvidas por esses grupos foram por nós classificadas como ações do poder público, da iniciativa privada e da filantropia, vale destacar que todas visam sempre proteger a pessoa idosa.

Estabelecemos uma classificação como ações do poder público estão aquelas do programa do governo federal API-Conviver; o Centro Especializado em Atenção à Saúde do Idoso (CEASI); os dois Centros de Convivência Marli Sarney e Ivone Alves; além do Projeto *Viver a Vida com Mais Saúde*, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Saúde. Há, ainda, o SOS Idoso, que consiste num programa desenvolvido pela Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social (SEMTAS) da Prefeitura de Natal-RN, e funciona como dispositivo de recebimento das denúncias relacionadas às situações de violação dos direitos do idoso, tais como: episódios de maus-tratos, abandono e violência doméstica. O SOS Idoso busca proteger e assegurar a qualidade de vida e bem-estar à pessoa idosa.

Os dois Centros citados acima são mantidos pelo Governo Estadual. O Centro de Convivência Marli Sarney está localizado na zona oeste da cidade, no bairro de Dix-Sept Rosado e é frequentado semanalmente por 350 idosos,

aproximadamente. Dentre as atividades oferecidas, estão aulas de hidroginástica, momentos de oração, aulas de ginástica, aulas de artesanato, o “Momento do forró”, além da Sala de Alfabetização. O diferencial desse Centro é a oferta de um curso específico para cuidadores de idosos, que é, comumente, frequentado por pessoas a partir de quarenta e cinco anos.

O Centro Ivone Alves está localizado na zona norte da cidade, no bairro de Nova Natal e é frequentado por aproximadamente 350 idosos. As atividades oferecidas são: danças tradicionais, folclore, artesanato, ginástica, banda marcial, sala de alfabetização e baile dos idosos.

As ações desenvolvidas por iniciativas não oficiais provêm das seguintes associações: Associação Riograndense Pró-idosos (ARPI); Associação INARAÍ, conhecida como associação das viúvas e a ANATI - Associação Natalense de Idosos, uma organização não-governamental (ONG), uma UNATI – Universidade da Terceira Idade, uma pastoral, doze Instituições de Longa Permanência para Pessoas Idosas (ILPIS).

Instituto Juvino Barreto – Lagoa Seca - Natal/RN - 172 idosos



Foto 1: Fachada do Instituto Juvino Barreto, out/2011.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Na primeira visita ao Juvino Barreto, fomos recebidas pela assistente social responsável pelo abrigo, juntamente, com as Irmãs Vicentinas, que ali residiam e administravam o lugar. Destacamos que ao perguntar sobre iniciativas educativas, logo a assistente rebateu dizendo que não havia nenhuma, devida à condição de demência da maioria dos idosos. A instituição, pelo que percebi, é constantemente visitada por estudantes do Curso de Serviço Social, suponho, esse é o lugar mais procurado quando pensam em abrigar um idoso por ser uma das instituições mais antigas da cidade, ser uma instituição de maior porte e a mais conhecida pela população natalense.

Chegamos à instituição pela manhã. A assistente social não estava em sua sala, pois visitava os pavilhões. Aguardamos numa sala, onde alguns

idosos, em torno de oito, praticavam exercícios orientados por um educador físico voluntário. Desta vez agendado, a assistente respondeu-nos diversas questões acerca do funcionamento do abrigo, que é de natureza filantrópica. Ressaltou que os recursos repassados pelo poder público local são insuficientes para a demanda da instituição. Além disso, a demanda de ingresso de novos residentes é constante, pois a instituição é a mais antiga da cidade.

Origem da instituição: em 1942, a Companhia das Filhas da Caridade, da Ordem de São Vicente de Paulo funda um albergue. O terreno foi doado pelo industrial Juvino César Paes Barreto (conhecido como "o pai dos pobres"). O albergue foi legalizado e tornado instituição em 19 de abril de 1944 e recebeu o nome de Juvino Barreto, em sua homenagem.

A equipe que atua no instituto é hoje formada por duas nutricionistas, três assistentes sociais, uma enfermeira chefe, uma arte-educadora, um professor de educação física, um médico/gastroenterologista, um médico ginecologista, um odontólogo, um psiquiatra. Salientamos que todos os médicos são voluntários.

Atualmente, o instituto abriga 172 idosos, dos quais 98 são mulheres e 74 são homens. Os homens estão distribuídos em quatro espaços, denominados de Vilas. Em 4 vilas estão distribuídos 44 idosos e são denominadas: Vila Santa Bernadete (7), Vila Virgem Poderosa (9), Vila Nsa Sra. de Lourdes (15), Vila Irmã Lindalva (13). As vilas são espaços mais privativos, restritos, destinadas aos idosos de maior condição financeira.

Há 3 pavilhões femininos: Santa Catarina, Nossa Senhora das Graças, Luísa de Marillac e 2 pavilhões masculinos - São José e São Vicente de Paulo. Esses se caracterizam pela convivência comum e abrigam 128 idosos.

Tabela 3 - Pavilhões do Juvino Barreto.

PAVILHÕES	GRAU	QUANTIDADE
Sta Catarina	¾	18
Nossa Sra das Graças	2	14
Luísa de Marillac	1 e 2	25
São José	1	18
São Vicente de Paulo	1 e 2	24

Fonte: Coleta de dados.

Nos abrigos, o idoso é classificado de acordo com seu estado físico em quatro graus, os graus apresentados na Tabela 3 são definidos conforme a Resolução 283 do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS): o grau 1 refere-se aos idosos independentes, mesmo que requeiram uso de equipamentos de auto-ajuda; no grau 2, estão os idosos com dependência em até três atividades de autocuidado para a vida diária tais como: alimentação, mobilidade, higiene e sem comprometimento cognitivo. E, por fim, os idosos classificados em grau 3, ou seja, aqueles com dependências que exigem assistência em todas as atividades de auto-cuidado para a vida diária, com ou sem comprometimento cognitivo. No pavilhão Santa Catarina, estão os idosos que necessitam de cuidados, numa total dependência são idosos no grau 4.

Lar do Ancião Evangélico - Pirangi - Natal/RN - 37 idosos

O Lar do Ancião Evangélico (LAE) está localizado no bairro de Pirangi, em Natal/RN, foi fundado em 14 de outubro de 1984. Trata-se de uma instituição que atende idosos que estão em situação de risco social e, também, aqueles cujas famílias não tem condições de assisti-los. Atualmente, são 38 residentes, dos quais 22 são mulheres e 16 são homens.

O LAE foi fundado por duas senhoras da Igreja Presbiteriana, que resolveram, inicialmente, construir uma casa para prestar serviço de acolhimento às senhoras viúvas. Mas o lar foi tomando proporções maiores até se tornar uma casa que abrigava os idosos evangélicos e, com o decorrer do tempo, tornou-se um abrigo e passou a atender idosos de todas as religiões.

Na época em que foi fundado, não existiam normas de condutas para esse tipo de instituição, portanto, o abrigo foi construído sem os padrões exigidos hoje em dia, mas, logo após a aprovação do Estatuto do Idoso em setembro de 2003, o lar foi modificado de acordo com as exigências direcionadas a esses tipos de instituições. O LAE ainda não se encontra dentro do padrão ideal devido às diferenças topográficas, que dificultam a locomoção dos idosos. Toda a equipe de funcionários – cuidadoras, enfermeira chefe, técnicos de enfermagem, nutricionista, assistente social - tenta minimizar tais dificuldades.

Lar da Vovozinha – Dix-sept-rosado - Natal/RN – 40 idosas.

Esta instituição está localizada na zona oeste da cidade, exclusivamente para senhoras, entidade beneficente com certificado de filantropia pelo Conselho Nacional de Assistência Social. Em encontro com a coordenadora administrativa, essa estava recebendo uma visita beneficente de um grupo de um shopping da cidade. Enquanto aguardávamos a coordenadora, vimos chegar um irmão acompanhado de sua irmã solteirona. Vinham de uma consulta médica. Ele reclamou com a funcionária, que o machucado no pé da irmã havia piorado, por falta de cuidados. A funcionária apenas ouviu. Quando ele saiu, ela disse: “A família mal vem visitar essa idosa, ela é uma irmã solteirona da família, eles não pagam plano de saúde, não tem assistência.” A administradora disse que, na maioria das vezes, recorrem ao serviço público, quando as idosas precisavam dos serviços de saúde. Na conversa com a presidente, ela destacou que o Lar abriga mulheres solteiras, viúvas, mulheres que ficaram sozinhas pelas perdas da vida ou foram trazidas por seus familiares. Muitas não têm plano de saúde, ou assistência alguma por parte da família. Informou que certa vez uma mãe faleceu, e nenhum dos filhos compareceu ao sepultamento. Em nossa visita, a assistente social, essa se queixou que muitos estudantes passam pela casa, mas depois não retornam com seus trabalhos feitos, nada que mencione a colaboração do Lar da Vovozinha.

2.3. População e campo de observação

O trabalho de campo foi realizado junto a uma população de 113 idosos, participantes de 7 grupos de convivência, situados nas 4 zonas administrativas da cidade. Houve uma predominância do sexo feminino, pois o grupo pesquisado era composto por 96 mulheres e, apenas, 17 homens.

O campo de observação foi composto por 10 instituições que atuam com a velhice, dos quais 7 eram grupos de convivência para idosos e 3, Instituições

de Longa Permanência. No primeiro caso, os idosos são frequentadores dos espaços, no segundo, eles são residentes.

Tabela 4 – Naturalidade

Naturalidade	Interior do Estado	Capital	De outro Estado
Idosos	79	23	11

Total	113		
-------	-----	--	--

Fonte: Dados obtidos por meio do protocolo de pesquisa da associação livre aplicada com idosos dos grupos de convivência. Natal/ RN. (2010)

Na Tabela 4, podemos perceber que os participantes do estudo são majoritariamente do interior do Estado, com exceção de 11 que são naturais de outros estados e 23 são naturais da capital.

Quanto à escolaridade, 09 possuem o Ensino Fundamental, enquanto 60 possuem o Ensino Fundamental Incompleto; 15 afirmaram ser apenas alfabetizados, 05 informaram não ser alfabetizados, 10 detêm o Ensino Médio completo e 2 (dois) não concluíram esse nível. Cinco possuem curso superior, nas áreas de História, Psicologia e Pedagogia e 1 (um) afirmou ter iniciado o terceiro grau, mas não o concluiu. Ver tabela a seguir:

Tabela 5 – Escolaridade

<i>Escolaridade</i>	<i>IDOSOS</i>
Alfabetizado	15
Não Alfabetizado	05
Ensino Fundamental	09
Ensino Fund. Incompleto	60

Ensino Médio	10
Ens. Médio Incompleto	02
Ensino Superior	05
Ensino Superior Incompleto	01
Sem informação	06

Fonte: Dados obtidos por meio do protocolo de pesquisa da associação livre aplicada com idosos dos grupos de convivência. Natal/ RN. (2010)

No que diz respeito ao estado civil, 41 (quarenta e um) afirmam viver o estado de viuvez, 48 (quarenta e oito) são casados, 06 (seis) divorciado/separado e 18 (dezoito) solteiros, destes, a maioria é feminina.

2.4. Estratégias metodológicas

Antes de iniciarmos as visitas aos grupos, conversamos com as pessoas responsáveis pelos mesmos, durante a conversa, explicávamos os objetivos da pesquisa. Por vezes, procurávamos ter essa conversa em outro horário que não o momento da realização da Associação Livre, para obtermos a assinatura do Termo de Livre Consentimento (TLC).

As visitas aos grupos de idosos aconteceram, na maioria, durante a tarde, pois é o horário de funcionamento desses. Em alguns casos, quando da realização da Associação Livre, os idosos demonstravam não se sentir à vontade com o fato de terem de escrever e pediam para a pesquisadora anotar suas evocações e a justificativa dada à palavra mais importante. Isto nos surpreendeu, pois apenas cinco se afirmaram não alfabetizados.

2.5 – Cenários da realização do trabalho de campo

Nesta seção, iremos descrever os diferentes cenários, nos quais realizamos a associação livre com a expressão indutora “ser idoso é”. Poderemos assim perceber as particularidades de uma realidade ainda pouco

investigada, na cidade do Natal e, também, apresentar as estratégias e adequações que desenvolvemos para alcançar nosso intuito. Começaremos relatando as visitas aos seis grupos de convivência, por ordem cronológica.

Durante a realização da Associação Livre de Palavras, em março de 2009, na visita ao Grupo de Idosos São Tomé, localizado no bairro de Igapó, nós nos apresentamos e explicamos a técnica a ser aplicada. Elas falavam e respondíamos os protocolos, pois a maioria não sabia escrever. De acordo com a coordenadora, o melhor horário para irmos ao grupo, seria na hora dedicada ao lanche, às 16h, pois estavam presentes 10 (dez) mulheres. Ocupamos uma mesa ao fundo do salão e uma, por vez, foi entrevistada. Ao falarmos o termo indutor 'ser idoso é'... Falavam da família, das dificuldades e problemas com a saúde. Ninguém conseguia, de imediato, definir ser idoso numa palavra. Elas desejavam ser ouvidas, narravam suas histórias e suas dificuldades cotidianas. Muitas compreenderam como um momento de desabafar quanto às dificuldades em relação à saúde pública, por exemplo. A grande dificuldade das idosas era sintetizar numa palavra. Muitas se sentiram felizes em contribuir e participar da pesquisa.

No Centro de Atividades e Lazer da Melhor Idade (CALMI), fomos até o endereço indicado, a referência foi ginásio de esportes do bairro Cidade da Esperança. Segue abaixo o relato da nossa visita:

Chegamos um pouco antes da reunião e conseguimos conversar com dona Terezinha que logo tratou de se apresentar como presidente do grupo que se apresenta como associação. Os idosos contribuem financeiramente para manutenção do lugar. Disse que a SEMTAS poderia oferecer uma programação para os grupos, mas nada acontece. Em nossa conversa, explicou que o prédio é público, foi 'emprestado' pela Secretaria de Segurança Pública e reformado pelo então padrinho do grupo - Sargento Siqueira, na época em que esse era candidato a vereador, no ano anterior. Disse-me que há idosos das mais diversas regiões da cidade, desde vindo de bairros da zona norte até a zona leste. Ao começar a reunião, pouco depois das palavras de abertura da presidente, eles cantaram uma música de acolhida pra mim e me deram a palavra, de maneira que me apresentei e expliquei o propósito da pesquisa. Disse que há ainda passeios quando conseguem o ônibus com a ONG INARAÍ que trabalha com idosos em Natal. Contam ainda com uma assistente social disponibilizada pelo Central de Trabalhadores para o CALMI. Na reunião que participei vi que o papel da assistente é cuidar,

por exemplo, da marcação de consultas no SUS para as idosas do grupo. Em nossa segunda visita colocamos cadeiras e mesas na saída do salão que acontece a reunião do grupo, e à medida que lanchavam se aproximavam um de cada vez para participar, espontaneamente, da pesquisa. Alguns dançavam ao final da palestra.

Em segunda visita que fizemos para realização da Associação Livre fomos ao grupo CALMI, na cidade da Esperança. Em visita anterior, conhecemos a coordenadora, explicamos os objetivos da pesquisa. Ao chegarmos alguns idosos dançavam no meio do salão, outras estavam sentadas, aguardando iniciar a reunião. Havia uma mesa posta com uma toalha branca formalizando a ocasião. A presidente iniciou a reunião e logo me passou a fala para que eu explicasse meu propósito. Falei ao grupo, de forma clara e direta, do que se tratava a nossa visita. Uma das moças envolvidas na coordenação do grupo nos ajudou a colocar cadeiras e mesas, para os idosos que se dispusessem a responder nossas questões. E, assim, ao longo da tarde, trinta idosos participaram.

O Centro de Convivência está localizado no bairro de Nazaré, antes de realizarmos as associações livres, estivemos na instituição num horário que não acontecia reunião, para conversar com o pessoal da secretaria, conhecer o cadastro dos idosos. A secretaria informou que mais de 350 idosos participantes de diferentes bairros da cidade. Por sugestão da coordenadora, o melhor dia para o desenvolvimento do nosso trabalho seria numa das suas reuniões vespertinas semanais. Neste Centro, acontecem atividades realizadas por profissionais voluntários no período da manhã. Segue abaixo o relato da nossa visita:

Numa das nossas idas ao Centro de Convivência, ao chegarmos acontecia o forró para os idosos. Identificamos algumas pessoas de destaque no grupo, como Dona Boneca, a artesã, que ensina as outras colegas atividades manuais. Um grupo tocava e a coordenadora pediu um momento para que eu falasse ao microfone. Soubemos, durante a aplicação das Associações Livre, que alguns senhores buscam companhia no grupo, pois suas esposas não os acompanham, por esta razão são conhecidos como 'namoradores'. Um desses inclusive foi convidado a não participar mais das atividades de hidroginástica, que acontece no horário da

manhã, por estar perturbando as senhoras na piscina. Soubemos ainda de um casal que se formou nas reuniões. O homem é casado com outra pessoa que não frequenta o grupo de idosos.

Participamos de um encontro do grupo Associação Natalense para Terceira Idade (ANATI), que funciona no bairro das Quintas, no salão paroquial de uma igreja católica.

Em nossa visita à Secretaria Municipal de Saúde, fomos direcionados ao setor de Epidemias, responsável pela vacinação dos idosos, portanto, detém dados estatísticos, que nos foram disponibilizados na ocasião. Soubemos, ainda, da existência do projeto *Viver a Vida com Mais Saúde* é desenvolvido pela Secretaria Municipal de Saúde em aproximadamente, 12 Unidades Básicas, que trabalham com grupos de hipertensos e diabéticos. Um desses grupos funciona no Centro Especializado em Atenção à Saúde do Idoso (CEASI).



Foto 2 – Fachada do CEASI.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

O Centro Especializado de Atenção a Saúde do Idoso (CEASI) da Prefeitura do Natal, que funciona no Centro Clínico Municipal José Carlos Passos, na Ribeira. Nesse Centro, os idosos de Natal conseguem atendimento prioritário e especializado. Neste espaço, funciona um grupo vinculado ao SUS, do qual participam 76 idosos.

Nossa visita aconteceu no horário da manhã, porque é o horário de encontro do grupo. Esse grupo se originou das iniciativas dos profissionais da Saúde para orientar àqueles que são hipertensos e diabéticos. Em nossa primeira visita ao grupo, a frequência não foi boa, pois neste dia - última quarta-feira do mês - os idosos participam de atividades o dia inteiro, no clube do SEST/SENAT.

“O CEASI é referência quando se fala em saúde do idoso. Lá disponibilizamos uma equipe formada por cardiologista, ginecologista, enfermeiros, nutricionistas, assistente social, psicólogos, terapeutas ocupacionais, geriatras, arte educadores, educador físico e neurologista. Todos voltados para atender nossos usuários da terceira idade”, explicou o secretário municipal de Saúde, Thiago Trindade, em entrevista ao Diário de Natal.

Nesse Centro, reúne-se um grupo de idosos, envolvendo 76 (setenta e seis) participantes, coordenado por uma assistente social, que nos informou que o grupo existe há 15 anos, no bairro da Ribeira.

As mudanças na realidade do grupo de idosos do CEASI nos surpreenderam, por ocasião da realização da Associação Livre de Palavras.

Na atual gestão municipal, o grupo perdeu o lugar que se reunia, conforme fotos acima, as senhoras ficam pelos corredores do Centro aguardando um lugar, esperam horas para que alguém apareça para dizer-lhes onde sentarão para conversar. Fomos novamente pela manhã, chovia. Enquanto conversávamos sobre “o ser idoso...” essas aguardavam a definição do lugar para reunião e respondiam à responsável pela reunião, sobre suas preferências. “Com leite ou sem leite?” E as senhoras me diziam: “Se não fosse ela, penso que o grupo já teria acabado, porque agora estamos assim, à toa”. O problema da falta de lugar para reunião aconteceu porque o antigo auditório, usado para reuniões, atualmente, serve como

arquivo para os prontuários dos pacientes. O antigo prédio, na foto abaixo, foi interditado por estar com o teto comprometido, sem previsão de reforma. O grupo aguarda um lugar para suas reuniões. As senhoras aguardavam no corredor, algumas sentadas, outras de pé. Permanecemos junto a elas e, com os protocolos nas mãos, perguntávamos '*ser idoso é*'... Elas respondiam e anotávamos. Antes de deixarmos o CEASI, conversamos com a assistente social, que externou sua forte indignação frente à precariedade do trabalho oferecido, para a pessoa idosa, no município de Natal. Afirmou que o problema não é ser velho, é ser pobre! Disse ainda que se nega a trabalhar pelos corredores do CEASI.



Foto 3: Fachada da ARPI

Fonte: Acervo da pesquisadora.

A Associação Norte-Riograndense Pró-Idosos (ARPI), existente há 23 anos, funciona num prédio locado pela Prefeitura Municipal.

Ao chegarmos havia um grupo de dez idosos tocando instrumentos de percussão, entre homens e mulheres. Fomos recebidas por dona Dami, presidente da associação, que nos mostrou as instalações da Associação: sala de jogos, sala de trabalhos manuais, cantinho da oração, sala de atualização cultural, piscina da hidroginástica, espaço com o palco para a Forrorestra. Depois de conhecermos o espaço físico, fomos apresentadas à Nazilda Bezerra, fundadora e coordenadora da Associação. A mesma nos levou até sua sala, e contou que foi funcionária da Legião Brasileira de Assistência, e por ocasião da extinção passou a dedicar-se a causa dos idosos. Nesse ínterim teve oportunidade de cursar Gerontologia, na Espanha. Em sua opção pela causa, deixou claro não depender de políticos, porque as gestões duram 4 anos e os favores também. Assim, o trabalho prossegue autônomo desde 1988, ou seja, há exatos 23 anos, no próximo dia 12 de junho. Cada associado contribui para manter o espaço comum que é um prédio alugado à Rua Estácio de Sá, no bairro de Lagoa Nova. Houve momentos divertidos, nos quais nos relatou causos pitorescos dos associados; semelhante a uma diretora escola que recebe uma nova professora e a coloca a par da dinâmica do grupo: quem dá mais trabalho, aquela que é propensa à depressão, a que se arruma toda à espera do noivo que não existe, aquela que oscila de humor. Durante nossa conversa ofereceu-nos um delicioso arroz doce que havia sido o lanche mais cedo aos idosos. Isto nos chamou a atenção por se tratar de um grupo com restrições alimentares, alguns diabéticos, outros hipertensos. O que nos fez observar que não há uma

orientação nutricional que respeite restrições comuns entre os idosos. No que diz respeito à frequência, disse-nos que o dia melhor é às quartas-feiras, graças ao encontro chamado “*A tarde é nossa*”, bem como no segundo sábado de cada mês com a programação da *Forrorestra*. Informou que na semana seguinte começaria um curso de trabalhos manuais, com uma professora nova, pois a anterior mudou-se da cidade, ambas são voluntárias. Em seu relato sobre as atividades da Associação disse que, por vezes, realizam em parceria com Instituições de Ensino Superior: a Tenda do Conto. Os alunos frequentam a Associação como campo de estágio, afirmou que a Universidade Potiguar (UnP) e a FACEX são as instituições atualmente mais presentes na Associação. Essa última está desenvolvendo um acompanhamento psicológico com 15 idosos do grupo. A fundadora afirmou que não escolheu os participantes, mas sugeriu alguns, por causa da sua longa convivência conhece mais de perto os que carecem desse tipo de atendimento. Complementou ainda que a Associação realiza passeios, tanto que durante nossa conversa convidou-nos a participar de um passeio no barco-escola “Chama Maré”. A fundadora explicou ainda que os associados viajam em grupo, se reúnem todos os anos e definem um novo destino para passeio, no período de baixa-estação. Ano passado, os idosos estiveram no interior de São Paulo; esse ano planejam conhecer Gramado, no Sul do país. Revelou-nos que a família assina um documento autorizando a viagem do idoso.

Ao nos despedirmos, combinamos de voltar na semana seguinte, à quarta pela manhã, a ARPI à aplicação da associação livre de palavras com o grupo que participa da ginástica. Chegamos à conclusão que é mais proveitoso trabalhar com pequenos grupos. A fundadora pediu que fôssemos à semana seguinte, assim teria como avisar com antecedência à família dos idosos participantes, pois as famílias se preocupam quando o idoso não retorna pra casa, no horário de costume. As atividades programadas para os idosos acontecem, para evitar o horário de pico, pois muitos dependem do transporte urbano.

Dentre as atividades desenvolvidas pelos grupos estão os passeios, as palestras com temáticas voltadas às características dessa fase da vida, por exemplo, orientações quanto à aposentadoria; as aulas de alfabetização; forró dos idosos e o momento do lanche. Todavia, não há um planejamento ou uniformidade dessas atividades nos grupos vinculados ao Programa.

Na nossa saída, no final da tarde, aconteceu o ensaio do coral “Rouxinol”, sob a regência de um profissional que é sobrinho de uma associada e, também, é voluntário na Associação. O trabalho voluntário é uma constante nas ações voltadas para a pessoa idosa. O regente do coral perguntou que

contribuições nós trazíamos para a ARPI, então expliquei-lhe que somos estudantes pesquisadores, na construção de dados.

Numa das idas à Associação, fomos sem agendar e, novamente, encontramos com Dona Dami, que nos introduziu no grupo de idosas, que na cozinha e proseava, enquanto tomava café com bolachas: algumas estavam de saída da aula de hidroginástica. Realizamos a Associação Livre de Palavras com aquelas que se dispuseram a permanecer um pouco mais, desta vez aconteceu em grupo, na medida em que respondiam ao termo indutor “ser idosa é...”, anotávamos suas justificativas.

Além da população vinculada aos grupos de convivência, entrevistamos idosos que não participam de nenhum programa ou atividade institucional direcionada a essa população, com o objetivo de fazer um contraste entre os sentidos produzidos sobre a velhice e o “ser idoso” em Natal. Esse segundo grupo foi composto por 5 idosos, com os quais mantivemos os mesmos critérios: ser idoso com mais de 60 anos; diversidade quanto à profissão e ao grau de escolaridade, e ser residentes em diferentes regiões da cidade do Natal.

Na exposição das falas, usamos como legenda as iniciais dos nomes, seguidas da idade do entrevistado. Para Gaskell (2002) numa série de entrevistas embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais; em alguma medida, elas são o resultado de processos sociais. As representações de um tema de interesse comum, ou de pessoas em um meio social específico são, em parte, compartilhadas.

O primeiro dos nossos entrevistados recebeu-nos em casa, no final da tarde. A entrevista tornou-se uma conversa informal, a única diferença era a presença do gravador para fins de registro das falas. O primeiro entrevistado foi um militar aposentado, que serviu por 30 anos à Marinha do Brasil. Natural do interior da Paraíba, conta com 76 anos completos. Reside com sua esposa e uma das filhas. O segundo entrevistado era um sacerdote aposentado há 3 anos que ainda exerce suas funções clericais. Europeu reside no Brasil há mais de 40 anos, todos vividos na cidade do Natal. Conta com 81 anos de vida e reside sozinho. A terceira entrevistada foi uma professora aposentada,

funcionária estadual, natural da cidade de Florânia/RN, mora sozinha, solteira e conta atualmente com 64 anos, mesmo aposentada continua lecionando. Diz que percebeu estar envelhecendo quando precisou se sentar pra lavar os pés durante o banho.

A quarta entrevistada foi uma costureira, que estudou até o ensino fundamental, natural da cidade de Cruzeta/RN, conta com 64 anos de vida, e permanece atuando profissionalmente com costuras. Afirma que educou e alimentou seus filhos com seu trabalho. A quinta entrevistada foi uma professora universitária, aposentada há 5 anos, natural da cidade de Marcelino Vieira/RN, mora sozinha, e a despeito da aposentadoria continua produzindo ativamente.

Queríamos saber o significado de ser idoso para esses, para tanto, ouvimos sobre a forma de envelhecimento em Natal, a partir de duas questões: *quais as mudanças na sua vida com a chegada aos 60 anos? E, depois da aposentadoria, o que mudou?* Assim como fizemos com a análise das justificativas das evocações, as entrevistas semi-estruturadas foram submetidas à análise categorial de conteúdo, conforme já nos referimos.

Ao longo deste capítulo, apresentamos o cenário da pesquisa, com seus índices demográficos, que apontam uma feminização da velhice e, também, as idas e vindas aos grupos de convivência e demais instituições destinadas à pessoa idosa. Em meio às ações para a velhice, identificamos as práticas educativas desenvolvidas com esse público, que não se situam nos espaços escolares. Quanto aos achados de caráter educativo, iremos aprofundá-los no Capítulo IV, visando relacioná-los com a velhice como objeto representacional.

Capítulo III – A ESTRUTURA DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL “SER IDOSO”

Nos capítulos anteriores apresentamos o cenário e os idosos dos grupos de convivência, sujeitos da nossa pesquisa, e, também, identificamos as instituições, órgãos e o tipo de atividade desenvolvida junto a essa população. Neste, apresentamos os elementos que compõem o conteúdo da representação social do ser idoso, em especial dos elementos integrantes do provável núcleo central da representação em foco e confrontamos nossos achados com o conteúdo das entrevistas com idosos não participantes dos

grupos de convivência. Tecemos considerações acerca da teoria do núcleo central devido à sua pertinência ao estudo das representações sociais.

3.1 – A Teoria das Representações Sociais

A pesquisa das representações sociais, conforme diz Jodelet (2001), situa-se na interface das dimensões psicológica e social. Uma representação social refere-se a um conhecimento de senso comum, coletivamente construído e compartilhado por uma determinada coletividade. Por esta razão, deve-se considerar os aspectos cognitivos da construção dos sentidos para os objetos do mundo social e, também, sua relação com os sistemas sociais e as interações entre indivíduos e grupos, na medida em que tais interações afetam sua gênese, estrutura e evolução.

A Psicologia Social é a ciência do “entre”, assegura Jovecholovitch (2004), pois, ali residem as categorias da identidade, do eu, do discurso, da representação e da ação. Esclarece, ainda, que a investigação psicossocial não é nem o indivíduo, nem a sociedade, mas aquela zona híbrida que resulta da relação *entre* os dois. Nesta investigação, assumimos a abordagem antropológica com ênfase na dimensão simbólica das representações sociais. Essa dimensão enfatiza a análise de conteúdos e processos representacionais, através das noções de ancoragem, objetivação e núcleo figurativo.

Dois processos maiores são responsáveis pela formação das representações sociais, que mostram a interdependência entre a atividade psicológica e suas condições sociais de produção, a saber: a objetivação e a ancoragem.

Para Moscovici (2009) a objetivação une a ideia de não familiaridade com a realidade. Objetivar é reproduzir um conceito em uma imagem, como forma de tornar familiar o que é estranho. Assim, as imagens selecionadas se mesclam, ou melhor, são integradas no que Moscovici denominou núcleo figurativo, um complexo de imagens que reproduzem visivelmente um complexo de ideias. A este respeito Moscovici anuncia:

Uma vez que uma sociedade tenha aceito tal paradigma, ou núcleo figurativo, ela acha fácil falar sobre tudo o que se relacione com esse paradigma e devido a essa facilidade as palavras que se referem ao paradigma são usadas mais frequentemente. [...] não somente se fala

dele, mas ele passa a ser usado, em várias situações sociais, como um meio de compreender outros e a si mesmo, de escolher e decidir. (MOSCOVICI, 2003, p.72-73)

A ancoragem consiste em atribuir significado. É um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em algo familiar, inserindo-o em nosso sistema particular de categorias. Ancorar é classificar e dar nome a alguma coisa. Para Durkheim (1858-1917) e Piaget (1896-1980), era claro que formas superiores de saber, encontradas em adultos e populações “civilizadas”, sucediam as formas primitivas encontradas em crianças e povos “primitivos”. O saber progride em direção ao domínio total do mundo objetivo, baseado em operações lógicas, que deixam para trás os mitos, as crenças e as superstições (Jovchelovitch, 2004). Numa perspectiva piagetiana de construção do conhecimento, seria a assimilação que antecede a acomodação e resulta na adaptação. A ancoragem, ao lado da objetivação, é definida por Moscovici como um dos processos fundamentais da gênese da representação. A este respeito Jodelet (2001) afirma que a ancoragem serve para a instrumentalização do saber, conferindo-lhe um valor funcional para a interpretação e a gestão do ambiente, dando continuidade à objetivação.

Na construção das Representações Sociais sobre determinadas práticas e objetos sociais, consideramos também suas funções, conforme destaca Abric (2002): a) **função de saber**, na medida em que permitem compreender e explicar a realidade; b) **função de orientação**, ao guiar os comportamentos e práticas; c) **função justificadora**, por permitir justificar os comportamentos e, finalmente, d) **função identitária**, por permitir a proteção e a especificidade do grupo.

O elo entre a objetivação e a ancoragem permite-nos, também, compreender determinados comportamentos, pois o núcleo figurativo da representação depende da relação que o sujeito mantém com o objeto e da finalidade da situação.

3.2 – A Teoria do Núcleo Central

Neste processo investigativo, apoiamo-nos também na Teoria do Núcleo Central proposta originalmente em 1976 por Jean–Claude Abric, que é considerada complementar à teoria das representações sociais e cuja proposição básica é: “[...] uma representação social apresenta como característica específica a de ser organizada em torno de um núcleo central, constituindo-se em um ou mais elementos, dando-lhe significado” (ABRIC, 1998, p.31). Nesta ótica, o núcleo central é o elemento essencial de toda representação e pode, de certa forma, superar o simples quadro do objeto de uma representação. De acordo com Sá (1996), a proposta não pretende substituir a abordagem teórica das Representações Sociais, mas torná-la mais heurística, conforme afirmamos anteriormente.

O Núcleo Central possui várias funções, dentre as quais se destaca a de ser a via, através da qual se cria ou se transforma a significação dos demais elementos (função geradora). Esse se consolida na natureza dos vínculos que se estabelecem entre todos os demais elementos (função organizadora). Campos (2003) diz que a identificação do conteúdo de uma representação não seria o suficiente para conhecê-la e defini-la, pois o essencial é conhecer como esse conteúdo está organizado.

O Núcleo Central atua, por conseguinte como responsável pela unificação e estabilidade da representação. Domingos Sobrinho (2010), por sua vez, afirma que não obstante a estabilidade e da maior resistência a mudanças, da parte do núcleo central, as representações sociais constroem-se num movimento contraditório, em que é possível constatar o seu caráter ao mesmo tempo estável e móvel, individual e coletivo, singular e plural.

3.3 – A Estrutura da Representação Social do “Ser Idoso”.

Para acessar as representações sociais do grupo pesquisado a respeito do objeto em foco, conforme já anunciamos, utilizamos um dos métodos de determinação do núcleo central, baseado num exercício projetivo de

associação livre de palavras, que emprega palavras-estímulo ou expressões. No nosso caso, utilizamos a expressão indutora “ser idoso é”. A vantagem do uso desta estratégia metodológica está no fato de se evitar segundo Abric, as produções discursivas de caráter retórico, portanto, mais racionalizadas, posto que os sujeitos devem, de pronto, enunciar as palavras que lhes vêm à mente tão logo escutem a palavra ou expressão indutora, ou entrem em contato com a mesma ao lerem o instrumento de coleta de dados.

No nosso caso, utilizamos as duas formas (oral e escrita), conforme detalharemos mais adiante. Antes de iniciarmos a associação livre propriamente dita, explicitamos para os sujeitos da pesquisa como a técnica seria desenvolvida e realizamos um treinamento prévio com termos indutores não relacionados à pesquisa. Dissemos por exemplo: ao falarmos “praia”, “dia de chuva”, o que lhe vem ao pensamento?

A aplicação foi feita junto a 103 idosos participantes de (6) seis grupos de convivência, distribuídos pelas quatro zonas administrativas da cidade do Natal, vinculados ao Programa API-Conviver. Segundo Oliveira et al (2005) o caráter espontâneo, portanto menos controlado, aliado à dimensão projetiva técnica, deve permitir o alcance, mais fácil e rapidamente do que numa entrevista dos elementos que constituem o universo semântico relacionado ao objeto estudado. Isto porque a livre associação permite a atualização de elementos implícitos ou latentes, que seriam suplantados ou mascarados nas demais produções discursivas.

O exercício projetivo consiste num primeiro momento em solicitar aos sujeitos que, estimulados por um termo indutor, enunciem de imediato as palavras que lhes vêm à mente. No segundo momento, realizem a ordenação das evocações classificando-as a partir da mais importantes para as menos importante; no terceiro, justifiquem a escolha da palavra classificada como a mais importante. Este procedimento é de fundamental importância, uma vez que o processo de hierarquização das evocações se constituirá num dos critérios para a determinação dos elementos centrais e periféricos.

As palavras evocadas constituem um composto por um ou poucos elementos, portanto, melhor qualifica-lo como campos semânticos, posto que representam condensações de sentidos iguais ou assemelhados. Os demais

elementos não integrantes do núcleo central passam a ser chamados de periféricos e assumem uma distribuição, conforme demonstraremos adiante.

Diz a teoria que, enquanto o núcleo central está ligado à memória coletiva e à história do grupo, os elementos periféricos fazem referência à experiências e histórias individuais. Por esta razão, duas representações podem ter o mesmo conteúdo, embora sejam radicalmente diferentes, se a organização desse conteúdo for diferente. O sistema periférico permite uma modulação individual da representação (SÁ, 1996, p.74), conforme nos explica o autor no quadro abaixo:

Núcleo Central	Sistema Periférico
Ligado à memória coletiva e à história do grupo.	Permite a integração das experiências e das histórias individuais.
Consensual: define a homogeneidade do grupo	Suporta a heterogeneidade do grupo
Estável, coerente e rígido.	Flexível, suporta contradições.
Resiste à mudança	Transforma-se
Pouco sensível ao contexto imediato	Sensível ao contexto imediato
Gera a significação da representação e determina sua organização	Permite a adaptação à realidade concreta e a diferenciação do conteúdo: protege o sistema central.

A ancoragem, como ressalta o autor, desempenha um papel fundamental no estudo das representações sociais e do desenvolvimento da consciência, uma vez que se constitui na parte operacional do núcleo central e em sua concretização, mediante a apropriação individual e personalizada por parte de diferentes pessoas constituintes de grupos sociais diferenciados. A ancoragem consiste no processo de integração cognitiva do objeto representado para um sistema de pensamento social preexistente e para as transformações, histórica e culturalmente situadas, implícitas em tal processo.

Os resultados da aplicação da associação livre mostram que os idosos pesquisados evocaram um total de 675 palavras, dentre as quais se encontram 147 diferentes. De acordo com o método aqui adotado, o produto obtido pelas

evocações foi sistematizado no quadro de quatro casas produzido pelo *software* EVOC³ 2000.

Durante a organização dos dados, antes de lançá-los para tratamento no EVOC, conforme exige o método, reduzimos algumas expressões que surgiram nas respostas, apesar dos esclarecimentos prestados às participantes, no momento da aplicação e sobre a escrita quando solicitamos que escrevessem, apenas, uma palavra. Essas reduções foram realizadas por meio da supressão de artigos e preposições, para facilitar a organização dos dados trabalhados pelo referido programa, que focaliza as dimensões estruturais da representação. (LIMEIRA, 2009).

Esse recurso representa um grande auxílio na organização dos dados, particularmente, por permitir a identificação de discrepâncias derivadas da polissemia do material coletado e, também, a construção das médias simples e ponderadas do quadro de quatro casas.

Os resultados, em sua globalidade, estão expostos na tabela a seguir:

freq. *	nb. mots *	Cumul evocations	et	cumul inverse	
1*	101	101	15,0%	675	100,0%
2*	33	167	24,7%	574	85,0%
3*	14	209	31,0%	508	75,3%
4*	7	237	35,1%	466	69,0%
5*	6	267	39,6%	438	64,9%
6*	5	297	44,0%	408	60,4%
7*	1	304	45,0%	378	56,0%
8*	2	320	47,4%	371	55,0%
10*	1	330	48,9%	355	52,6%
12*	1	342	50,7%	345	51,1%
13*	1	355	52,6%	333	49,3%
15*	1	370	54,8%	320	47,4%
16*	2	402	59,6%	305	45,2%
19*	1	421	62,4%	273	40,4%
23*	1	444	65,8%	254	37,6%
26*	1	470	69,6%	231	34,2%
28*	1	498	73,8%	205	30,4%
29*	1	527	78,1%	177	26,2%
31*	2	589	87,3%	148	21,9%

³ Ensemble de programmes permettant l'analyse des evocations. (Conjunto de programas que permite a análise das evocações – tradução nossa)

39*	1	628	93.0%	86	12,7%
47*	1	675	100,0%	47	7,0%

Os resultados da associação livre são apresentados em forma de frequência simples e acumuladas e de acordo com as exigências do programa EVOC (2003), devem ser distribuídos em três zonas, tendo como base a variação ou quebra da frequência simples. Dessa forma, o total das 675 palavras evocadas está distribuído da seguinte forma: na primeira zona, cujos limites estão compreendidos entre as frequências simples 47 e 19, encontram-se 40,4% (273) das palavras evocadas; na segunda zona, estão as evocações cuja frequência variam de 16 a 04 correspondendo a 28,6% (193) do total, e na terceira zona encontram-se aqueles entre 3 e 1, aparecem 31,0% (209) das palavras evocadas.

Essa distribuição, segundo Vergès (2002), segue uma regra logarítmica (a lei de ZIPF)⁴ que permite identificar três zonas de frequência: na **primeira zona**, as palavras são *muito pouco numerosas*, mas possuem alta frequência, variando de 19 a 47. Nesta encontram-se 40,4% (273) das evocações; na **segunda zona**, as palavras são *pouco numerosas* e têm frequência simples entre 4 e 16 e representando 28,6% (193) das palavras evocadas; na **terceira**, as *palavras são muito numerosas*, mas possuem frequência baixa, de 1 a 3, representado 31% (209) das palavras evocadas. A primeira zona, constituída por um menor número de palavras, mas com frequências elevadas, indica a existência de um consenso no grupo pesquisado quanto aos sentidos atribuídos ao objeto representado, ou seja, posicionamentos/sentidos assemelhados em relação à expressão indutora apresentada.

A segunda zona, cuja característica é a presença de um número menor de palavras e com frequências mais baixas, indica haver mais aproximação de sentidos com a primeira zona que a terceira zona, esta caracterizando-se por exibir um maior número de palavras, porém com frequências bastante baixas, indicando, portanto, uma maior divergência de sentidos. Por esta razão, os

⁴ George K. Zipf, filósofo (1902-1950), criou três leis que receberam seu nome. A lei de ZIPF é chamada lei quantitativa fundamental da atividade humana. A primeira lei corresponde à frequência das palavras que aparecem em um texto (número de ocorrência de palavras). É regida pela expressão matemática $K=R \times F$ onde K= constante; R= ordem das palavras e F= frequência de palavras.

elementos do núcleo central de uma representação encontram-se sempre entre as duas primeiras zonas.

Para determinar a frequência mínima de palavras, examinamos a distribuição das frequências geradas pelo EVOC com a finalidade de determinar a frequência intermediária, procedendo do seguinte modo:

a) Estabelecemos as três zonas, tendo como critério a quebra ou mudança de frequência. Aqui a primeira zona termina na frequência 19;

b) Somamos as frequências que estão na segunda coluna obtendo 9;

c) Localizamos, na quinta coluna, o número equivalente à frequência acumulada que corresponde ao corte (273);

d) Dividimos a frequência acumulada (273) pela soma das palavras da segunda coluna, que estão na zona 1, cujo resultado remonta a 9. Desta operação: $273 / 9 = 30,33$ determinamos a frequência intermediária (30,33);

e) Colocamos a frequência intermediária no EVOC que calcula a ordem média de evocação (OME), no nosso caso, 4,5 e, em seguida, estabelecemos os quadrantes que exibem o possível núcleo central e os elementos periféricos das representações sociais pesquisada, conforme expomos a seguir.

F >= 24 e OME < 4,5			F >= 24 e OME >= 4,5		
FELIZ	31	4,387	Amizade	31	5,226
LIBERDADE	39	4,436	Família	28	5,464
SAÚDE	47	4,277	Passeio	29	5,103
VIDA	26	4,154			
F < 24 e OME < 4,5			F < 24 e OME >= 4,5		
Acolhida	7	3,857	Aposentadoria	16	4,500
Alegre	13	4,462	Convivência	6	5,167
Amor	8	4,250	Cuidado	5	6,000
Bom	6	2,667	Dança	23	4,696
Discriminado	6	3,667	Forró	5	5,400
Divertido	15	4,200	Paz	5	5,600
Experiência	16	3,563	Sabedoria	5	5,400
Idade	5	3,800			
Lazer	19	4,263			
Limitação	12	4,417			
Maravilhoso	10	2,100			
Namoro	5	4,400			
Respeito	6	3,333			
Tranquilidade	8	4,125			

Velhice	6	3,333	
---------	---	-------	--

Quadro 1 – Quadrantes construídos a partir do EVOC e distribuição dos elementos da representação social do “ser idoso”. Fonte: Dados obtidos por meio do EVOC.

No quadrante superior esquerdo, concentram-se as palavras com maior frequência (igual ou maior que 24) e Ordem Média de Evocação (OME) abaixo da média 4.5. A combinação destes dois critérios possibilitou identificarmos as palavras ou evocações (Feliz, Liberdade, Saúde e Vida) mais provavelmente constitutivas do núcleo central, dado o seu caráter prototípico ou por sua saliência dentre as demais.

No quadrante superior direito, também denominado de primeira periferia, por sua proximidade ao núcleo central, estão os elementos periféricos mais salientes, em razão de serem também os mais frequentes, esses possuem força de centralidade. Neste, aparecem as evocações que compõem a primeira periferia com frequência maior ou igual a 24 e ordem média de evocações maior ou igual a 4,5. Algumas dessas possuem frequência superior à do núcleo central, mas, foram evocadas mais tardiamente. Essas palavras são as seguintes: amizade (f 33 e m 5.3), família (f 28 e m 5.4) e passeio (f 35 e m 5.2).

O quadrante inferior esquerdo apresenta as palavras evocadas com frequência inferior a 24. Essas foram prontamente evocadas, porém com baixa frequência, estão todas abaixo da média: 4,5. Neste, se encontram as evocações enunciadas por poucas pessoas, apresentando baixa frequência, porém foram evocadas prontamente, conforme Abric (2002) revelam indícios da existência de elementos portadores de uma representação diferente. Encontramos quinze evocações nessa periferia: acolhida (f 7 e 3,8 m), alegre (f 13, m 4,4), amor (f 8, m 4,2), bom (f 6, 2,6 m), discriminado (f 6, m 3.6), divertido (f 15 e m 4.2), experiência (f 16 e m 3.5), idade (f 5, m 3.8), lazer (f 19 e m 4.2), limitação (f 12 e m 4.4), maravilhoso (f 10 e m 2.1), namoro (f 5, m 4.4), respeito (f 6, m 3.3), tranquilidade (f 8, m 4.1), velhice (f 6, m 3.3).

No quadrante inferior direito, encontram-se as evocações menos presentes no conteúdo representacional: aposentadoria (f 16 e m 4.5), dança (f 23 e m 4.6), convivência (f 6 e m 5.1), cuidado (f 5, m 6.0), forró (f 5, m 5.4), paz (f 5, m 5.6), sabedoria (f 5, m5.4), que constituem a segunda periferia de menor importância. Esses dois últimos quadrantes contêm as palavras que ocupam

posições mais periféricas em relação ao núcleo central.

O Núcleo Central e os elementos periféricos de uma Representação Social formam um sistema, pois cada qual possui papel específico e complementar. O Núcleo Central é a base comum propriamente social e coletiva que define a homogeneidade de um grupo. O sistema periférico é mais individualizado e contextualizado, porque está mais associado às características individuais e contingenciais, o que permite perceber as modulações individuais em relação ao Núcleo Central. Dessa maneira, torna-se possível desvelar a objetividade no subjetivo, no compasso entre o social e o individual, o coletivo e o particular.

De acordo com Abric (2002), as representações sociais têm um núcleo, porque são manifestações do pensamento social; e em todo pensamento social, algumas crenças, coletivamente produzidas e historicamente determinadas, não podem ser questionadas, pois são os fundamentos dos modos de vida e garantem tanto a identidade e quanto a permanência de um grupo social.

Os possíveis elementos do NC da representação social em foco foram determinados, como demonstrado, com base em dois critérios quantitativos. Contudo, a centralidade de um elemento, embora seja atribuída a critérios quantitativos (frequência e ordem média), define-se muito mais por sua dimensão qualitativa. Sá (2002) apresenta as quatro propriedades relativas às cognições centrais: valor simbólico, poder associativo, saliência e conexidade na estrutura.

O valor simbólico de uma cognição central está associado ao fato de manter com o objeto representado uma estreita vinculação, sem a qual este não teria sentido, para os indivíduos que representam. Por sua vez, o poder associativo manifesta-se na forte relação com os demais elementos da representação. Lopes (2009, p. 106) em sua pesquisa sobre o envelhecimento feminino, mais especificamente, acerca da representação social de menopausa entre enfermeiras paraibanas, atuantes no Programa Estratégia da Saúde da Família, encontra o elemento hormônio como cognição central e destaca que:

(...) a força do discurso biomédico na construção dos sentidos do grupo sobre a menopausa, onde o hormônio aparece como figura central. Portanto, a centralidade do elemento hormônio decorre do discurso biomédico hegemônico, no campo da Saúde, reproduzido pelo grupo estudado, ficando claro, desse modo, o valor simbólico desse elemento.

O Núcleo Central, segundo Sá (2002), pode assumir duas dimensões

diferentes: uma funcional e outra normativa. A dimensão funcional é constituída pelos elementos que geram a significação da representação. Na dimensão normativa, estão presentes as situações, nas quais intervêm, diretamente, os aspectos socioafetivos, sociais ou ideológicos.

Na nossa pesquisa, constatamos que saúde e vida estariam mais ligados ao sentido em si da representação, enquanto feliz e liberdade teriam um caráter mais normativo. Ou seja, para o idoso participante do grupo de convivência, dentro de um contexto em que a velhice é denominada como “melhor idade”, ser feliz assume um caráter normativo, porque indica para que saia da frente do televisor e do sedentarismo e venha movimentar-se, compartilhar sua vida com outros. Este é o comportamento esperado do idoso, que ele se sinta bem em estar no grupo, em sair de casa e encontrar com outros idosos.

Esta primeira interpretação dos resultados expostos nos quadrante, portanto, sem o auxílio das justificativas dadas, permite-nos identificar o forte valor simbólico do elemento, ou desse campo semântico “feliz”, ao qual se atribui uma imagem ao objeto representado, assim como acontece com o elemento “liberdade”. Como afirma Moscovici, desde o seu clássico livro sobre a Representação Social da Psicanálise, uma representação apresenta duas faces tão pouco dissociáveis “[...] quanto o são a frente e o verso de uma folha de papel: a face figurativa e a face simbólica”(MOSCOVICI, 1978, p.65). Aqui estão também exemplificados os dois processos fundamentais de construção de uma representação, quais sejam, a objetivação e a ancoragem sobre as quais já nos referimos.

Identificamos aqui igualmente o valor associativo desses elementos de dimensão normativa, posto que indicam duas atitudes básicas do ser idoso. Se observarmos o quadrante superior direito, considerado o mais relevante da organização do conteúdo representacional dada sua proximidade com o núcleo central, percebemos que os elementos amizade e passeio associam-se fortemente aos elementos feliz e liberdade. Diz a teoria que, se o sistema central é essencialmente normativo (prescritivo), o sistema periférico é funcional, porque permite à representação ancorar-se na vida concreta dos indivíduos. O sistema periférico, por sua vez, atua como interface entre a realidade e o sistema central, para:

[...]atualizar e contextualizar constantemente as determinações normativas e de outra forma consensuais [...] daí resultando a mobilidade, a flexibilidade e a expressão individualizada que igualmente caracterizam as representações sociais. (SÁ, 2002, p.73).

Das quatro propriedades relativas às cognições centrais propostas por Moliner (1994) e, já citadas, valor simbólico, poder associativo, saliência e forte conexidade na estrutura, as duas primeiras são de carácter qualitativo e as duas últimas de carácter quantitativo, na verdade, evidenciado a relevância cultural daquelas. Por esta razão, podemos ainda constatar a forte conexidade dos elementos centrais, nos demais elementos periféricos, portanto, que se afastam do núcleo central. Por exemplo, no quadrante inferior direito estão os elementos convivência, dança, forró e no inferior esquerdo alegre, amor, bom, divertido, lazer, dentre outros.

Outras associações com os elementos centrais saúde e vida são menos expressivas ou evidentes, por isto preferimos somente explorá-las por ocasião da análise das justificativas.

Antes de passarmos à análise das justificativas dadas à evocação classificada como a mais importante, é necessário fazer mais algumas considerações de carácter teórico. De acordo com os autores da Teoria do Núcleo Central, a centralidade de um elemento envolve a explicitação dos sentidos denotativos e conotativos do texto. Também, neste tipo de análise, a co-ocorrência frequente de palavras dentro da mesma frase ou parágrafo é tomada como indicador de sentidos associados. Por esse caminho, respeita-se o princípio do campo semântico adotado pela população investigada, diminuído assim a tendência do pesquisador de apoiar-se num misto entre seu próprio sistema de categorização e aquele que parece emergir dos dados (VERGÈS, 1992).

Ainda sobre esta questão, Oliveira et al (2005) afirmam que as categorias empíricas, criadas a partir do conjunto de evocações, permitem a visualização global do conteúdo da representação, pois essas não apenas agrupam, mas mostram, ao mesmo tempo, a estrutura das ligações estabelecidas entre elas.

As categorias foram criadas, seguindo as orientações dos autores citados, mas também a sugestão de Vergès (1996), pesquisador do campo das Representações Sociais e autor do *software* EVOC. Para ele, as categorias

devem ser construídas, preferencialmente, levando-se em conta as evocações feitas pelos próprios participantes.

A validação das categorias baseia-se na validade interna, ou melhor, na validade teórica, buscando-se sempre o vínculo entre o sentido que se expressa na ‘fala’ do sujeito e determinadas teorias explicativas adotadas, as quais garantem a cientificidade da análise de conteúdo (FRANCO, 2005).

Passemos, agora, à análise das justificativas das evocações consideradas mais importantes para melhor visualização dos referentes culturais, que fundamentam o conteúdo representacional. Conforme demonstrado, o possível NC da Representação Social, ora analisada, está composto pelos elementos Feliz, Liberdade, Saúde e Vida.

As justificativas foram submetidas à análise categorial de conteúdo, conforme orientações de Bauer (2002) e Bardin (1977). De acordo com o primeiro autor os procedimentos da Análise de Conteúdo reconstróem as representações em duas dimensões principais: a sintática e a semântica. A primeira envolve os transmissores de sinais e suas inter-relações, explora a frequência das palavras e sua ordenação, o vocabulário, os tipos de palavras e as características gramaticais.

3.4 – Ser idoso é ser “feliz”

A análise das justificativas referentes à evocação “feliz” permite-nos, de imediato, fazer algumas observações de caráter teórico e metodológico. Isto porque constatamos, que esta palavra, no momento da associação ao estímulo indutor, “ser idoso é”, não foi prontamente evocada, mas, quando se pediu a hierarquização das evocações, destacando-se a mais importante, ela foi então marcada como a número 1. Por exemplo, em vários casos, as palavras prontamente evocadas foram “tristeza”, “amizade”, “aposentadoria” e, somente, depois, surgir o termo “feliz”. Essa mudança de ordem evidencia uma forte tensão nos discursos e reproduz o que consideramos, seguindo as sugestões de Bourdieu (2007), como imposição de legitimidade.

É pertinente fazer menção aqui ao que diz Domingos Sobrinho⁵ sobre a base epistemológica, nas quais se sustentam os dois principais momentos de aplicação do método de identificação do núcleo central, apoiado na produção de associações livres de palavras. Propõe este autor que, ao se apresentar os resultados da associação livre, é preciso levar em conta as bases epistemológicas de sustentação dos seus diferentes momentos. Ou seja, deve-se apresentar, em separado, os resultados da evocação livre (frequência, ordem média, montagem dos quadrantes), pois, nesse primeiro momento, os sujeitos realizam operações cognitivas, durante as quais os espaços para racionalizações discursivas ou exercício de retórica são inexistentes. Já no segundo, quando da construção da justificativa para a palavra considerada mais importante, os sujeitos são chamados a racionalizar, a lançar mão de estratégias discursivas para mostrar ao pesquisador a sua opção. Domingos Sobrinho (2010) ressalta como tem sido comum, nas pesquisas que realiza ou orienta, os sujeitos, após a associação livre, ordenarem as palavras evocadas numa direção bem diferente daquela em que os norteou, quando não houve tempo suficiente para refletir e racionalizar. A apresentação, em separado, dos dois momentos deve permitir ao leitor, sustenta ainda o autor, acompanhar com clareza a aplicação do modelo e a refletir sobre sua justeza e validade.

Vejamos, a seguir, algumas das justificativas dadas para a associação da expressão “ser idoso é...” com o termo “feliz”.

Feliz - Felicidade porque tenho passeado e feito muitas amizades e aprendido muita coisa nova nas palestras. [ID 08, feminina, 69 anos].

Feliz - Porque tem (tenho) muitos momentos felizes e muita satisfação

⁵ Extraídos do Seminário regular Abordagens Teórico-metodológicas sobre Representações Sociais, oferecido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação. (2010)

com outros idosos. [ID 84, feminina, 67 anos].

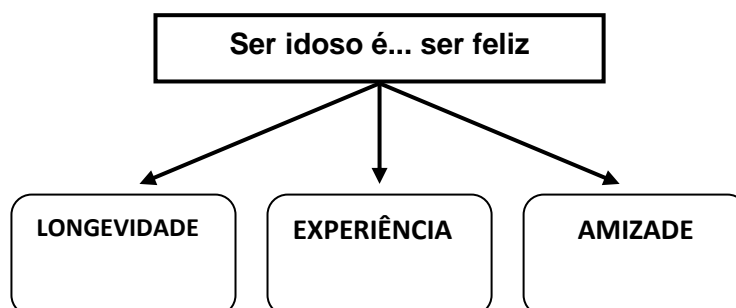
Feliz - Porque mesmo morando sozinha estou tranquila e feliz. Convivo bem com outros idosos quando vou ao grupo. [ID 65, feminina, 72 anos].

Feliz - Porque sei ser idosa, vivo com alegria e independência. [ID 49, feminino, 63 anos].

Feliz - Porque tenho mais alegria durante os passeios, pois me sinto menos só! [ID 45, feminino, 82 anos].

Ser feliz está muito associado à participação nos grupos de convivência, pois nesses espaços, os idosos fazem amigos, interagem, divertem-se e até se alimentam, por vezes, de comidas contraindicadas à dieta ordinária. É como se vivessem num pequeno gueto. Não por acaso, as denominações dos grupos são: 'Viva Feliz', 'Centro de Atividade e Lazer Melhor Idade', 'Sempre Jovem', 'Feliz Idade', 'Maré Mansa'.

O termo feliz funciona como campo semântico, atraindo outros sentidos e dando origem às subcategorias *longevidade*, *experiência* e *amizade*, conforme se vê na Figura 13.



A longevidade é vista como uma conquista da idade, conforme ilustram as afirmações seguintes:

É uma glória pelas dificuldades da vida, do país, o idoso chegar à idade que chega! É uma glória. [Id 54, masculino, 50 anos].

Por que vivi esse tempo todo, fui premiada por Deus e vivi até agora. [ID 58, feminino, 65 anos].

Porque se chegar a essa idade é porque teve a oportunidade e tem que se conformar e enfrentar a falta de saúde. [ID 85, 75 anos, feminina].

Tenho a idade que tenho, e não me envergonho disso, só não aceito passar de ridícula. Quero que me respeitem! [ID 103, feminina, 62

anos].

A velhice é ruim, porque não tem aceitação, mas ao mesmo tempo é bom porque temos outras coisas, temos a felicidade da idade. [ID 98, feminino, 72 anos].

Porque hoje estou realizado, garantido por causa da aposentadoria. Tem o alimento, casa pra morar e como comprar remédios. [ID 60, masculino, 77 anos]

A longevidade é também vista como conquista de uma geração que passou pelas “dificuldades da vida” e “do país”, como dádiva de Deus, como oportunidade ofertada pela vida, enfim, é encarada positivamente, não obstante os aspectos negativos da velhice.

Outro sentido que emerge como subcategoria vem do termo experiência. A experiência permite ao idoso ser ouvido em muitas ocasiões e, por conseguinte, ser valorizado em suas opiniões e saberes acumulados.

Ensino o artesanato porque me sinto realizada e sou muito feliz, ajudando as amigas a ganhar seu próprio dinheiro. [ID 69, feminino, 71 anos].

É bom ser avó por ensinar os netos toda a experiência de vida. [ID 87, feminino, 52 anos]

Devido aos anos vividos, erros cometidos e corrigidos, estou apto a ser conselheiro [ID 02, masculino, 77 anos].

Experiência para ensinar o que aprendeu e viveu quando jovem. [ID 38, feminina, 73 anos].

Porque torna conhecimento. Saber o que falar, aprende a ouvir mais. A experiência faz com que você tenha um melhor diálogo. [ID 94, feminino, 72 anos].

A terceira subcategoria origina-se da evocação amizade e os seus sentidos são assim expressos:

Porque fazendo amizade tem companhia, pode passear. [ID 21, feminino, 62 anos].

Amizade, pois permite convivência com outros idosos. [ID 19, feminino, 83 anos].

Porque é muito bom a gente fazer amizade. É melhor ter amigo na praça que dinheiro na caixa. [ID 68, masculino, 64 anos]

Porque é bom, conhecer outras pessoas, outros cantos, é bem animado. [ID 76, feminino, 62 anos].

Gosto das amigas. Venho toda quarta, mas agora ficamos assim, esperando aparecer um lugar. Estamos esperando desde cedo. [ID 113, feminino, 78 anos]

A riqueza semântica ou conexidade do termo feliz está presente nas evocações periféricas dos demais quadrantes.

Alegre – Porque a gente se sente alegre porque chegou a ser idoso, quando os filhos crescem podemos fazer o que queremos. [ID 22, 75 anos, feminino]

Alegre Porque sei ser idosa, vivo com alegria e independência. [ID 49, 63 anos, feminino]

Alegre Porque tenho mais alegria durante os passeios, pois me sinto menos só! [ID 45, 82 anos, feminino].

Divertido - Pelos passeios e amizades feitas nesses momentos de descontração. [ID 35, 56 anos, feminino].

Divertido Porque se distrai entre amigos e pode ir por onde quiser [ID 64, 61 anos, feminino]

Quanto à “amizade” esta se traduz, então, em companhia, convivência, passear, conhecer outras pessoas, o que deve estar relacionado com a solidão ou a menor frequência de contatos mantidos pelo idoso. Isto em decorrência da partida dos filhos, que cresceram e foram cuidar de suas novas vidas, ou do relativo (ou total) isolamento de quem já não está envolvido com a dinâmica da vida cotidiana. Não sendo mais produtivo ou tão útil, no sentido pragmático dos tempos atuais, o idoso é, por vezes, isolado, seja no quatinho dos fundos da residência, seja no sofá da sala.

Se na fase adulta, os amigos são substituídos pela constituição da família, na idade longa, o papel da amizade volta a ter força e isso associado à mobilidade através de passeios, viagens, cursos, possibilidades de frequentar outros espaços que não o doméstico, no caso das mulheres. Como diz Motta (2003, p.231) “[...]nessa fase da vida o lazer em grupo é um recurso eficaz de resistência e recuperação de prazeres perdidos no tempo, ao reunir homens e mulheres, embora sempre mais mulheres”.

A presença feminina nos grupos de convivência foi uma constante durante a realização do trabalho de campo. A feminização da velhice é decorrente de uma soma de fatores demográficos, psicológicos e sociológicos. Dentre esses, destacamos a redução da mortalidade materno-infantil, a urbanização, o declínio nas taxas de fertilidade e natalidade e o crescente acesso das mulheres ao mercado de trabalho, conforme sinaliza Neri (2007).

As mulheres, graças ao exercício dos papéis femininos, são mais envolvidas socialmente e com a família do que os homens, o que lhes dá mais chance de desenvolver relações de intimidade, do que o exercício dos papéis masculinos permite aos homens.

A construção dóxica do mundo social apresenta-se na ordem das coisas, por exemplo, Bourdieu (2007), ao explicitar a força da ordem masculina, afirma que esta dispensa justificação, e funciona como uma imensa máquina simbólica, que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça na divisão social do trabalho, “[...] na distribuição das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres”. (BOURDIEU, 2007.p.18). Em outras palavras, o lugar da mulher é ‘dentro’ enquanto do homem é ‘fora’, deduzimos assim que os grupos de convivência significam este “dentro” para as mulheres, nesta fase da vida.

Hoje, existe mais flexibilidade do que no passado em relação a assuntos como constituir família, ter filhos ou número de filhos. A libertação do jugo da procriação, do cuidado com os filhos e com a casa e, às vezes, do jugo do marido é apontada como um ganho da atual velhice feminina, com mais liberdade, autoafirmação, atividade e participação social fora de casa do que no passado.

Da Matta (1997, p. 46) endossa este pressuposto acerca do espaço social ao afirmar que:

Se entrevistarmos um brasileiro comum em casa, ele pode falar da moralidade sexual, dos seus negócios, de religião ou da moda de maneira radicalmente diferente daquele que falaria caso estivesse na rua. *Na rua* ele seria ousado para discursar sobre a moral sexual, seria prudente ao mencionar seus negócios e ultra-avançado ao falar de moda. Em casa, porém, seu comportamento seria, em geral, marcado por um conservadorismo palpável, sobretudo se fosse um homem casado e falando de moral sexual diante de suas filhas e mulher!

Este autor afirma que podem existir respostas diferentes, conforme o lugar que o outro se encontra; tanto que duas entrevistadas abordaram questões referentes à sexualidade na velhice (e isto de maneira bem espontânea), a despeito dos tabus que povoam este assunto. Uma delas afirmou: “[...]o objeto é o mesmo, a abordagem é diferente. Precisa de criatividade e carinho, e muito

cuidado com o outro”. Enquanto os outros, por exemplo, entrevistados na intimidade de suas residências nada mencionaram sobre o assunto.

O grupo de convivência, como sugere Jovchelovitch (2008), é um espaço fundamental para a reafirmação das identidades. Nesses grupos, os idosos passam a ser acolhidos, ouvidos e respeitados.

Os saberes comuns a uma comunidade propiciam as referências, os parâmetros e os recursos em relação aos quais os indivíduos dão sentido ao mundo, desenvolvem as competências teóricas e práticas para lidar com o cotidiano e estabelecem as relações comunicativas que permitem o desenvolvimento dos laços de solidariedade e cooperação e a experiência de pertença. (JOVCHELOVITCH, 2008, p.138)

Esses espaços são ricos em oportunidades para que os idosos possam derrubar os padrões hegemônicos de envelhecimento e o que é mais importante: para que despertem em relação às inúmeras possibilidades de se transformarem em cidadãos participativos e valorizados. Além de propiciarem e facilitarem mudanças, esses espaços atendem, sobretudo, a uma necessidade do indivíduo de trocar, compartilhar e, mais, sentir-se acolhido e valorizado.

Constatamos, por fim, que as categorias “feliz e liberdade” reproduzem estereótipos predominantes sobre o ser idoso, uma vez que muitas são as dificuldades objetivas para o idoso em nossa sociedade. A associação desses à condição do idoso denuncia a imposição de legitimidade, sobre a maneira dos sujeitos referirem-se à sua condição, pois esses sentidos estão também vinculados à exploração mercantil da velhice, através de diferentes estratégias de mercado e produção de tecnologias, tais como: desenvolvimento de um ramo específico do turismo, formas de lazer, promessa de milagres estéticos, benesses paradisíacas vinculadas ao usufruto da aposentadoria. Quanto à noção de legitimidade, Bourdieu (2009, p.233) afirma:

A própria arte de viver dos detentores do poder contribui ao poder que o torna possível já que suas verdadeiras condições de possibilidade permanecem ignoradas e que ele pode ser percebido não somente como a manifestação legítima do poder, mas como o fundamento de sua legitimidade.

Frisamos que cada um envelhece conforme suas condições objetivas, de tal modo que, para desvelar essas diferenças na dimensão simbólica, é preciso ir

além dos discursos e identificar os aspectos posicionais decorrentes de sua inserção social, institucional, familiar, dentre outras. O discurso está circunscrito, e é imprescindível conhecer o campo ao qual ele pertence. Os indivíduos não apenas constroem os sentidos para o mundo, mas também procura impor aos demais a verdade decorrente da sua atribuição de sentido. No caso da nossa pesquisa, ao assumirem um pertencimento ao grupo de convivência, os idosos constroem um sentido para o mundo a partir dos referentes que lhes são impostos e o reproduzem à sua maneira, legitimando-o.

Ao se sentir “feliz” por estabelecer novas relações de amizade, o idoso denuncia sua condição de solitário no espaço doméstico e em outros espaços, como já dito. As amizades favorecidas pelos grupos de convivência suprem, dessa forma, a ausência da família, no sentido concreto ou simbólico, e denota o valor da amizade, nesta nova fase da vida. Ao contrário das relações de parentesco marcadas pela ideia de obrigação, as amizades construídas nesses novos espaços são indicadores relevantes das práticas de sociabilidade entre idosos do meio urbano, afirma Alves (2007), pois são amparadas nas afinidades de gosto, estilo de vida e na construção de uma nova identidade.

A institucionalização, por algumas famílias, é o caminho mais fácil encontrado para não corresponder com a atenção e solidariedade na velhice. (ARAUJO et al, 2005). Os idosos se sentem segregados na fase em que estão mais desejosos de afeto e atenção. A insatisfação com a atenção prestada pelos familiares às suas necessidades básicas, por exemplo, é recorrente. Estaríamos aqui diante do selvagem da sociedade moderna gerida pela racionalidade e pelo cálculo? “Seria o velho, tal como o selvagem do passado ocidental, um ser destituído e dependente, que necessita ter a si, seus bens e a própria vida geridos por outrem” (GUSMÃO, 2006, p.115). Sobre este aspecto, podemos fazer alusão ao que diz o personagem do romance de Chico Buarque *Leite Derramado* (2009, p.78), um homem já bastante velho e prostrado num leito de hospital: “[...]as pessoas não se dão o trabalho de escutar um velho, e é por isso que há tantos velhos embatucados por aí, o olhar perdido, numa espécie de país estrangeiro”.

3.5 – Ser idoso é ter “liberdade”

O termo ‘liberdade’, também escolhido como o mais importante no processo de hierarquização das evocações e situado entre os elementos centrais, refere-se a uma conquista da velhice, ao contrário de nossa hipótese inicial, quando pensávamos que a velhice representaria fundamentalmente um momento de sofrimento, isolamento e solidão.

Liberdade – Eu não tinha liberdade na infância, nem moça. Agora tenho liberdade de sair para onde quero. [ID 71, 73 anos, feminino]

Liberdade - Porque a gente se sente alegre porque chegou a ser idoso, quando os filhos crescem podemos fazer o que queremos. [ID 22, 75 anos, feminino]

Liberdade – Liberdade é importante pra mim porque posso comprar, posso ir pra onde quero, posso comer o que quero. Dormir a hora que quero. [Id 26, 65 anos, feminino].

Liberdade – Porque minha vida toda cuidei dos meus pais que me adotaram, agora estou vivendo a vida! [ID 97, 67 anos, feminino]

Ressaltamos que as respondentes fizeram alusões à liberdade em relação à autoridade dos pais (“Eu não tinha liberdade na infância, nem moça...”), em relação às obrigações familiares (“Porque minha vida toda cuidei dos meus pais...”; “quando os filhos crescem, podemos fazer o que queremos”) e ao fato de poder ir aonde quiser (“posso ir pra onde quero... comer o que quero...”).

Tais discursos, conforme já afirmamos, revelam como a mulher se sente quando se liberta do jugo da procriação, do cuidado com os filhos e com a casa e, às vezes, do próprio marido. Isto é apontado como um ganho, nessa nova fase da vida, traduzindo-se em liberdade, autoafirmação, atividades e mais participação fora de casa do que no passado (NERI, 2007). Estranha liberdade, como afirma Motta (2003, p.233):

É uma estranha liberdade, a de todas elas. Estranha, pela dupla valência: como liberdade de gênero, assinala-se positivamente – mulheres que podem circular, viver conforme sua vontade; mas como liberdade geracional, e, sobretudo existencial, tem também o sentido do marginalismo: podem sair, porque já não importam tanto: já não são bonitas (velho= gasto, feio), não irão atrair os homens, nem os de sua idade; já não reproduzem, não há muito o que preservar.

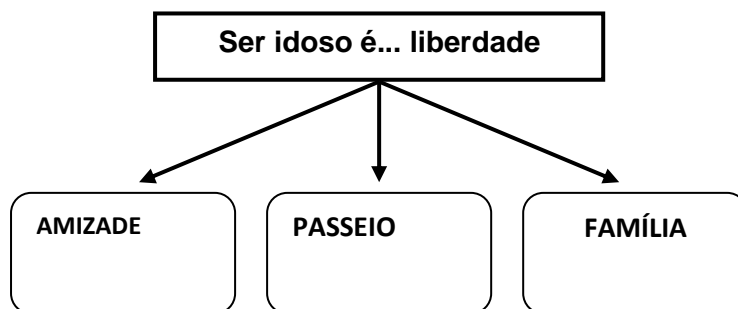
Devido ao lugar ocupado na divisão social entre os sexos, a mulher

assume, em maior parte, o cuidado com a família, os pais, os avós e outras atividades semelhantes. Fato naturalizado pela construção dóxica do mundo e materializado, como diz Bourdieu, na força da ordem masculina a qual dispensa qualquer justificação e funciona como uma imensa máquina simbólica visando ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça a divisão social do trabalho: “a distribuição das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres”. (BOURDIEU, 2007.p.18). Em outras palavras, o lugar da mulher é ‘dentro’ enquanto do homem é ‘fora’.

Percebe-se, dessa forma, como o grupo de convivência revela-se fundamental para a reafirmação das identidades, porquanto os idosos são neles bem acolhidos, ouvidos e respeitados, como nos ajuda a inferir Jovchelovitch:

Os saberes comuns a uma comunidade propiciam as referências, os parâmetros e os recursos em relação aos quais os indivíduos dão sentido ao mundo, desenvolvem as competências teóricas e práticas para lidar com o cotidiano e estabelecem as relações comunicativas que permitem o desenvolvimento dos laços de solidariedade e cooperação e a experiência de pertença. (JOVCHELOVITCH, 2008, p.138)

Dada sua força semântica, o elemento central liberdade, como os demais, permite criar-se subcategorias, aqui em número de três.



Nos elementos da primeira periferia, encontramos as cognições “amizade”, “passeio” e “família”, evidenciando a força semântica do núcleo central. Sobre “amizade” se diz:

Amizade – Porque fazendo amizade tem companhia pode passear.

[ID 21, 62 anos, feminino].

Amizade – Pois permite convivência com outros idosos. [ID 19, 83 anos, masculino].

Amizade – Porque com elas eu me divirto, fazemos grandes passeios. [ID 9, 78 anos, feminino].

Amizade – Porque tenho passeado e feito muitas amizades e aprendido muita coisa nova nas palestras. [ID 8, 69 anos, feminino].

As justificativas para a cognição “passeio” seguem na mesma direção:

Passeio – Porque vivo sem preocupação, turistando com o marido. [ID 28, 61 anos, feminino]

Passeio – Porque eu estou velha e tenho tudo, passeio com minhas amigas, porque antes eu só vivia criando meninos. [ID 69, 64 anos, feminino]

Passeio – Tenho minha liberdade, posso sair com o marido, passear. [ID 42, 56 anos, feminino].

Passeio – Porque gosto de conhecer lugares e pessoas. [ID 20, 71 anos, masculino].

O elemento “família” não faz ressaltar sua importância, senão na análise das justificativas, fazendo-nos perceber o que diz a teoria quanto à conexidade entre os diferentes elementos, em especial, aqueles situados no núcleo central, como vimos sublinhando.

Família – Pois antes apenas trabalhava e se dedicava aos filhos e ao marido. [ID 32, 63 anos, feminino]

Família – Cuidei de filhos, do marido, e agora ainda não tenho liberdade, o problema é que cuido de uma tia e pra sair preciso deixá-la com uma irmã. A família não me deixa ter liberdade. [ID 109, 75 anos, feminino]

Família – Porque estou com 75 anos e não pretendo mais casar na minha vida. A família está encaminhada. [ID 17, 75 anos, masculino].

Identificamos ainda a associação das cognições desta periferia com cognições situadas no quadrante inferior esquerdo (“alegre”, “namoro”, “bom”) e inferior direito (“dança”, “forró”, “paz”).

Citamos a seguir as justificativas referentes às cognições de menor frequência e ordem média, deste quadrante, como “acolhida”, “bom”, discriminado, experiência, idade, namoro, respeito, tranquilidade, velhice.

Acolhimento – Encontrou acolhimento no grupo de idosos. [ID 81, 80 anos, feminino]

Dança – Pois estou fazendo e vivendo hoje situações que antes era impedida, como estudar, dançar, participar do coral, artesanato, etc. [ID 40, 75, feminino].

Dança – Depois de criar os filhos é hora de fazer o que não podia antes. Eu danço, fico na rua, na associação. [ID 96, 68 anos, feminino]

Maravilhoso – Porque tem tudo pra gente na nossa idade. Tem tudo de bom – passeio, pastoril, ginástica, dança, quadrilha. [ID 52, 60 anos, feminino]

Desprezado – Gosto das amigas. Venho toda quarta, mas agora ficamos assim, esperando aparecer um lugar. Estamos esperando desde cedo. [ID 113, 78 anos, feminino]

3.6 – Ser idoso e sua relação com as cognições saúde e vida

A cognição saúde está associada aos aspectos fisiológicos do estar vivo e faz referência ao delineamento do corpo nessa fase da vida. Neste caso, predomina uma visão negativa focada na doença, dor, perda, necessidade de maiores cuidados, reforçada pelo modelo biomédico.

Por causa dos problemas emocionais, às vezes, dá um repente, e foi parar no médico. Meu emocional é muito forte, é muito sensível. [ID50, feminino, 73 anos]

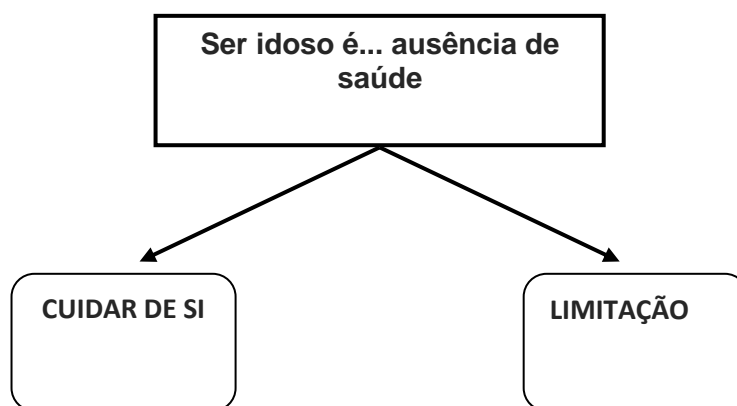
Porque a gente com saúde faz tudo, não é proibido fazer nada. [ID 75, feminino, 73 anos].

Porque vive mais, com saúde pode passar e tudo. [ID 73, feminino, 65 anos].

Já viveu tanto e acaba a saúde. [ID 57, feminino, 81 anos].

Essa idade é boa, mas não tenho mais saúde, fica difícil. [ID 92, feminino, 75anos]

Figura 2 Sentidos atribuídos ao ser idoso – categoria saúde



No que diz respeito à evocação “saúde”, situada no núcleo central, concluímos que esta cognição ganha relevo pela associação existente entre velhice e doenças. Os idosos frisam a ausência da saúde como decorrente da longevidade, pois a saúde depende de aspectos comportamentais, socioambientais, como a presença da família, atenção dos filhos e da necessidade de cuidar de si. Nessa fase da vida, preocupam-se em cuidar da saúde para melhor conviver com os outros, em alguns casos, até cuidar dos outros, com a preocupação de não se tornarem dependentes.

Os pesquisados discorrem sobre comportamentos parecidos, como a atenção com a saúde, através da alimentação, das atividades físicas, da prática da leitura. Essa similaridade de comportamentos Bourdieu (2007, p.177) denomina de coesão ordinária:

O princípio de coesão ordinária que vem a ser espírito de corpo encontra seu limite nos treinamentos disciplinares impostos pelos regimes despóticos, por meio de exercícios e rituais formalistas ou pelo porte de uma indumentária destinada a simbolizar o corpo como unidade e diferença. (BOURDIEU, 2007).

O corpo idoso inscrito socialmente é percebido como doente, frágil, limitado. Esse é o discurso hegemônico, no entanto, a partir da análise dos dados, vimos que a visão estigmatizada da velhice, a percepção dessa fase da vida como um momento marcado, apenas, por perdas e restrições, é corrente aos espaços em que predomina o assistencialismo para a velhice. Diz

Bourdieu (2007, p.223): “[...]os que penetram em um espaço devem cumprir as condições que ele exige tacitamente de seus ocupantes.” As justificativas sobre saúde desvelam a natureza negativa da representação social encontrada com o grupo investigado.

O saber ser idoso indica que há um modo de ser, um comportamento adequado a ser seguido, algo esperado. Ser idoso, semelhante a outras condições humanas, está diretamente associado ao espaço social a que pertença. Assim, espera-se que idosos participantes dos grupos pesquisados sejam alegres e independentes, diferentes daqueles idosos que se acabrunham em suas casas com a chegada da velhice e, gradativamente, abrem mão de sua autonomia ou perdem-na.

As representações sociais são constituídas por processos sociocognitivos nas interações sociais. Isso significa dizer que elas têm implicações na vida cotidiana e que a comunicação e os comportamentos adotados por um grupo de indivíduos acerca de um objeto. Neste estudo as representações sociais da velhice são resultantes do modo como os atores sociais representam socialmente esse objeto e do significado que adquire em suas vidas. Conforme diz Jovchelovitch (2008) as representações não são um espelho do mundo lá fora e não são unicamente construções mentais de sujeitos individuais. Elas implicam um trabalho simbólico que emerge das inter-relações Eu, Outro, e objeto-mundo e, como tal, têm o poder de significar, de construir sentido e de criar realidade.

Outro ponto relevante da análise é a menção às limitações decorrentes dessa fase da vida, no qual identificamos a associação entre as cognições centrais e a segunda periferia.

O idoso não tem mais saúde, quando chega nessa idade, tudo fica mais difícil. [ID 91, feminino, 63 anos].

Porque a gente tem pra onde ir e posso receber meus vizinhos muito bem. [ID 12, feminino, 86 anos].

Porque eu nunca pensei de ter um problema sério e eu tive um aneurisma cerebral, e precisei passar por uma cirurgia na cabeça, e pude fazer por ser reserva da Marinha. [ID 14, masculino, 70 anos]

É tempo de renovação mesmo com as limitações. [ID 100, feminino,

74 anos].

Porque não tem saúde, não pode dançar, sente dor e cuida da osteoporose. [ID 107, feminino, 61 anos].

Porque a gente com saúde faz tudo, não é proibido fazer nada. [ID 75, feminino, 73 anos].

Além disso, ressaltam a capacidade de cuidado de si, seja através da compra de remédios, na procura de acompanhamento médico, seja nas atividades físicas.

Porque preciso de mais cuidados nessa idade. [ID31, feminino, 61 anos]

Acompanhamento pelo posto de saúde e com os idosos. [ID 89, feminino, 60 anos].

Porque se chegar a essa idade é porque teve a oportunidade e tem que se conformar e enfrentar a falta de saúde. [ID 85, feminino, 75 anos].

Porque posso me manter e comprar os remédios para coluna. [Id 47, feminino, 63 anos].

Porque hoje estou realizado, garantido por causa da aposentadoria. Tem o alimento, casa pra morar e como comprar remédios. [Id 60, feminino, 77 anos].

Tenho feito sempre atividades físicas, como oportunidade de sair de casa. [ID 37, feminino, 60 anos].

Essa postura frente à própria saúde é explicitada por Silva *et al* (2009) ao dialogarmos sobre a compreensão paradigmática da cognição *cuidado*. No paradigma da totalidade fundamentado no modelo biomédico, a saúde é compreendida como um bom funcionamento do corpo, um bem estar, a ausência de doença; uma entidade observável e mensurável, não podendo conceber a mesma um aspecto subjetivo, um problema existencial. A saúde, dentro desse paradigma, é o estado que o homem se esforça para ter, é algo que o homem detém; é uma meta comum, análoga a todas as pessoas.

O termo autocuidado encontra-se centrado nesse paradigma. O ser humano é visto como um ser somativo que precisa se adaptar ao meio ambiente para atingir seus objetivos. A compreensão do ser humano como um ser composto da somatória de aspectos biopsicossociais favoreceu o surgimento de

um novo pressuposto (SILVA, 2009) – surge, então, o *paradigma da simultaneidade*. Este supera a perspectiva positivista e concebe o ser humano como um agente aberto, muito mais do que a somatória das partes, um ser que vai além da adaptação com o meio ambiente, pois interage com este e se transforma. O “organismo” sem um sujeito é uma abstração.

Inferimos, a partir dos dados expostos, que essa maneira de conceber a velhice é decorrente da hegemonia do modelo biomédico sobre a saúde do idoso associado ao contexto de uma sociedade capitalista que valoriza apenas a capacidade produtiva do ser humano. Destacamos ainda que tanto nas justificativas acerca das limitações quanto no cuidado de si não encontramos a fala dos homens. Isto posto deduzimos que as mulheres são mais atentas às questões da saúde, Neri (2007) diz que elas sofrem muito mais de condições crônicas incapacitantes, como a artrite, do que os homens. A autora salienta que doenças desse tipo não oferecem risco à vida, mas fazem aumentar a frequência com que as mulheres buscam cuidados médicos. Os homens apresentam taxas mais altas de hospitalização, o que pode ser devido ao fato de terem mais doenças agudas. A ausência das suas falas nas justificativas também pode ser atribuída aos fatores culturais que determinam que se queixem menos e vão menos ao médico, o que acarretaria o aumento de casos mais graves. (NERI, 2007).

Em geral, pesquisas demonstram que a saúde precária e a idade não são de modo algum sinônimo; existem pessoas acima de 65 anos que afirmam desfrutar de saúde quase perfeita. Isso porque o envelhecimento não é um fenômeno experienciado da mesma maneira para todos. Para Giddens (2004), o envelhecimento não pode ser relacionado com a doença ou incapacidade, apesar de que o avanço da idade traz crescentes problemas de saúde.

Tanto que a cognição vida encontra-se entre os possíveis elementos constituintes do Núcleo Central, em nossa análise identificamos o sentido atribuído a esta fase da vida pelos idosos presentes nas justificativas:

Porque se chegar a essa idade é porque teve a oportunidade e tem que se conformar e enfrentar a falta de saúde. [ID 85, 75anos, feminino]

Porque foi uma vida vivida que se pode fazer algo para o outro, repassar o que saber fazer alguém feliz. [ID78, 58anos, feminino].

Porque encaro melhor a vida e casei de novo, depois de viúvo continuo aproveitando a vida. [ID 48, 67anos, feminino]

O idoso já passou por tantas coisas na vida que fez com que ele aprendesse com todos os erros. [ID. 52, 65a, feminino]

Nestas falas constatamos a pluralidade do conteúdo representacional ao que Jovchelovitchi (2008) diz que a “polifasia cognitiva refere-se a um estado em que diferentes tipos de saber, possuindo diferentes racionalidades, vivem lado a lado no mesmo indivíduo ou coletivo”.

A autora ressalta que o conceito da polifasia cognitiva busca enraizar a psicologia social dos saberes na dinâmica das interações sociais e dos contextos culturais. O conceito permite reformular o problema do conhecimento: ele é um ato de representação que somente pode ser entendido em relação às relações sociais das quais retira sua lógica e a racionalidade que contém. Por conseguinte, o saber deve ser visto como plural e plástico (2008).

Alguns idosos como diz Mucida (2009) infelizmente, agarram-se aos sintomas corporais como respostas às questões impostas pela velhice, cultuando a via medicamentosa como estratégia para remediarem a dor de existir. Em geral, são sujeitos que nunca suportaram muito as mudanças, têm dificuldades excessivas com os laços e os lutos, vivem na queixa e com dificuldades de realizarem projetos.

Ser idoso, semelhante a outras condições humanas, está diretamente associado ao espaço social ao qual pertencemos. É necessário ultrapassar a visão fenomenológica do envelhecimento e reconhecer a objetividade nas subjetividades, saber que as significações servem para orientar os comportamentos e práticas individuais e coletivas, e isso constitui uma característica intrínseca das representações sociais.

Para ilustrarmos esse pensamento, mencionamos o mito colhido por Malinowski (1984), entre os trobriandeses na Melanésia, colocando-nos diante da diferença, diante do outro e de nós mesmos:

Era uma vez uma velha que vivia na aldeia Bwadela com a filha e a neta; três gerações de genuína descendência matrilinear. Um dia, avó e neta saíram para se banhar no riacho sujeito a marés. A rapariga ficou na margem enquanto a velha se afastou um pouco, mantendo-se longe de sua vista. Despiu a pele, que arrastada pela corrente da maré, foi flutuando até ficar presa num arbusto. Transformada numa jovem, voltou para junto da neta. Esta última não a reconheceu, teve medo dela e mandou-a embora. A velha, humilhada e enfurecida, regressou ao local onde tomara banho, procurou a pele, vestiu-a de novo e voltou para junto da neta, que desta vez reconheceu-a e saudou-a assim: “Apareceu aqui uma jovem: tive medo, afugentei-a”. Disse a avó: “Não, não me quiseste reconhecer. Bem, envelhecerás – eu morrerei”. Voltaram para casa, onde a filha estava a preparar a refeição. A velha disse para a filha: “Fui banhar, a maré levou-me a pele; a tua filha não me reconheceu; escorraçou-me. Não mudarei de pele. Todos envelhecemos. Todos morreremos”. A partir daí, os homens perderam o poder de mudar de pele e permanecerem jovens.

Investigar a velhice é uma preparação para um futuro próximo e certo. Perceber essa dissociação entre o jovem e, digamos, também, o adulto e o idoso, é intrigante e leva-nos a questionar como vivem aqueles que não assumem sua finitude. Aqueles que através das inúmeras práticas de rejuvenescimento, consumo de complexos vitamínicos e energéticos, o mundo dos cosméticos *anti-aging* se rendem à ideologia que busca construir a imagem de um velho mais dinâmico e afeta homens e mulheres da chamada “terceira idade” – eufemismo usado pelo mercado para tornar a velhice mais aceitável, e diríamos mais: rentável.(GUSMÃO 2006).

As representações tornam-se manifestações do *habitus* do grupo investigado; e salientamos que se supera o sentido das representações coletivas, e assume a natureza de um social multifacetado, como nos apresenta Serge Moscovici, no construto da Representação Social. Esse preenche certas lacunas abertas pela chamada crise de paradigmas, e se não possui todas as respostas, contribui para a formulação de novas hipóteses acerca de velhos problemas.

É premente compreendermos que não apenas o idoso busca constantemente a manutenção da sua saúde, pois, em outras fases da vida, há fragilidades em nossa saúde. Até bem pouco tempo, em nosso país, possuíamos altos índices de mortandade infantil; nossa juventude, atualmente, enfrenta problemas com a obesidade. Além disso, atualmente, somos primeiro lugar em adultos acometidos por doenças como o diabetes e a hipertensão. Assim, seria apenas a velhice a época da falta de saúde? Acreditamos que não. Entretanto, a

constatação de que doenças e perdas não são específicas dessa fase da vida remete-nos ao conteúdo representacional sobre *ser idoso* compartilhado pelo grupo investigado e seus referentes culturais.

Em suas falas, os idosos participantes dos grupos de convivência reforçam o discurso circulante, que define velhice como doença, de modo que falar das dores, dos problemas de saúde é uma forma de estabelecer laços com os outros, de pertencer ao grupo. Especialmente nos grupos de convivência nos quais predomina uma visão assistencialista para a velhice. A esse respeito, Bourdieu (2007, p.185) diz que:

[...] o corpo está no mundo social, mas o mundo social está no corpo (sob forma de *hexis* e de *eidos*), as próprias estruturas do mundo estão presentes nas estruturas (ou melhor, os esquemas cognitivos) que os agentes empregam para compreendê-lo (...). A relação dóxica com o mundo natal é uma relação de pertencimento e de posse na qual a o corpo possuído pela história se apropria de maneira imediata das coisas habitadas pela mesma história.

O corpo se comporta conforme sua posição social. Ser velho, assim, é ter o andar cambaleante, é não ser tão vaidosa, no que diz respeito às mulheres, é ser e aparentar fragilidade para, então, conquistar assistência e atenção. A postura de necessitado, estimulada pelo assistencialismo dos grupos de convivência, naturaliza a situação de desrespeito. No entanto, essa necessidade de respeito aparece de maneira tímida porque, como pessoas idosas que são, não conseguem ser protagonistas de suas ações, portanto, não são sujeitos de direito.

A despeito disso, há idosos que não se conformam com essa visão da velhice; apesar das mudanças corporais, em especial, na imagem e na motricidade, encontram formas de superação. Porque seu contexto social oferece outras possibilidades de ser idoso, o que nos revela que é perverso naturalizar a velhice como sinônimo de doença e incapacidade.

Dessa forma, em nossa análise, identificamos contradições e inconsistências no discurso, essas segundo Moscovici (2009) e Jovechlovitch (2004) são intrínsecas ao discurso representacional.

Destacamos que todas as cognições foram justificadas, mesmo as que foram tardiamente evocadas, o que nos confirma a polifasia cognitiva acerca da representação social “ser idoso” para o grupo investigado. A esta altura, quando

evidenciamos as tensões, incoerências e contradições na construção dos sentidos da velhice, é oportuno destacar que este é mais um aspecto constitutivo das representações sociais, ao que Moscovici denominou de polifasia cognitiva.

A dinâmica da forma representacional permite a variação e a capacidade de conter racionalidades quantas sejam necessárias à variedade infinita de situações socioculturais, que caracterizam a experiência humana.

A descontinuidade no desenvolvimento e a coexistência da diferença são elementos que elucidam os processos pelos quais o conhecimento se transforma e abrem as estruturas internas da razão a um diálogo com o mundo do qual a representação emerge. A concepção Lévy-Bruhl de pluralidade de mentalidades e a concepção de Vygostky de desenvolvimento desafiaram os pressupostos da evolução linear, baseada em uma teoria de estágios que ascendem do inferior para o superior. (JOVECHLOVITCH 2008, p.123). De tal modo, que predominou uma visão do saber relacional que coexiste, não evolui linearmente, e pode até ser contraditório, mas isso não é justificativa para que se abandone a lógica formal e se adote o maniqueísmo de conceber diferentes perspectivas, como opostas; e impõem-se, portanto, que se abrace uma perspectiva dialética.

O funcionamento do Núcleo Central não pode ser entendido senão observando-se sua relação com a periferia, por exemplo, a saliência dos elementos “feliz” e “liberdade” é resultante das propriedades qualitativas do Núcleo Central. A sua expressividade é reflexo do seu valor simbólico e do seu poder associativo junto aos elementos periféricos, é associativo junto aos elementos periféricos.

Estas duas categorias do Núcleo Central, oriundas da centralidade de dois elementos considerados como qualificadores do objeto, de acordo com a teoria, permite-nos melhor compreender a estrutura do conteúdo representacional em foco.

A este conceito Moscovici (1976a, p. 285-286) apud Jovechlovitch (2008) denomina polifasia cognitiva:

A coexistência de sistemas cognitivos deve ser a regra, ao invés da exceção [...] o mesmo grupo e, *mutatis mutandis*, a mesma pessoa, são capazes de empregar diferentes registros lógicos nos campos que eles se relacionam com perspectivas, informação e valores, que são distintos a cada um [...]. de modo geral, pode-se dizer que a coexistência dinâmica – interferência ou especialização – de diferentes modalidades

de pensamento correspondentes a relações específicas entre o homem e seu contexto social estabelecem um estado de polifasia cognitiva.

Este conceito amplifica a nossa compreensão do processo de ancoragem da representação social “ser idoso” para o grupo investigado. Isso porque no momento da Associação Livre constatamos, ao longo da exposição dos dados, a contradição polissêmica deste idoso em afirmar-se feliz e livre, ao mesmo tempo em que falou sobre a necessidade de maiores cuidados com a saúde, de mais gastos com remédios. Outro aspecto contribuiu para ampliar a compreensão a pluralidade do conteúdo representacional: o espaço de realização das entrevistas dos idosos não participantes dos grupos de convivência.

Atribuímos essa associação entre “ser idoso” e “feliz”, ao fato da velhice culturalmente ser associada com a “melhor idade”, tempo bom, tempo de sossego. Porque muitos estão insatisfeitos com suas aposentadorias, com a perda da autonomia e as limitações típicas do processo de envelhecimento. O elemento feliz reproduz os estereótipos predominantes sobre o ser idoso, faz eco ao discurso hegemônico, uma vez que muitas são as dificuldades objetivas para ser idoso na sociedade brasileira.

Em um país onde reinam a desnutrição, o analfabetismo, o desemprego, a habitação precária e tantas outras, a velhice não entra na lista das ações políticas (PEIXOTO, 2003). Portanto, inferimos que a associação desse atributo à condição de ser idoso é influenciada pela noção de “terceira idade”, que, conforme Peixoto (2003), constitui simplesmente um decalque do vocábulo francês adotado, logo após a implantação das políticas sociais para a velhice na França. Assim, a terceira idade passa a ser expressão classificatória de uma categoria social bastante heterogênea. De fato, tal noção mascara uma realidade social em que a heterogeneidade econômica e etária é muito grande.

Peixoto (2003) afirma que:

No Brasil a permanente crise econômica reflete-se diretamente tanto nos valores das pensões e aposentadorias, bastante irrisórios, quanto no sistema da previdência social do qual dependem: a assistência médico-social e os serviços hospitalares precários e incapazes de atender à demanda da população. Os indicadores de esperança de vida reeditam a imagem de um país dividido entre pobres e ricos: na região Nordeste, a esperança de vida é de 52 anos. Em compensação, nas regiões Sudeste e Sul ela sobe para 72 anos.

Em um país que até recentemente era criticado pelo alto índice de mortalidade infantil, alguém alcançar a longevidade é motivo para promover o eufemismo da “terceira idade” como uma conquista. Dessa forma, para conhecê-los, é preciso ir além dos discursos e identificar os aspectos posicionais decorrentes de sua inserção social, institucional, familiar, dentre outras. O discurso está circunstanciado e é imprescindível conhecer o campo ao qual ele pertence.

3.7- Velhice que liberta e aprisiona

No Brasil, nas considerações sobre os aspectos sociais da velhice, é corrente a noção de que os idosos são um ônus para a sociedade. Todavia, Camarano e Ghaouri (1999) citado por Lopes (2006, p.130) desmascaram essa afirmação hegemônica ao analisar o conceito de dependência a partir dos economistas e demógrafos. Esses afirmam que a ideia de dependência está fundamentalmente relacionada à produção/consumo. O indivíduo dependente é aquele que é incapaz de prover, por seus próprios meios, suas necessidades de consumo ou o exercício dessas atividades. Assim sendo, na realidade, a dependência do idoso se dá para com a família e as instituições, pois é a família que intermedeia as relações do idoso com o Estado e deles para com o mercado, quer recebendo rendimento, quer benefícios. Nesse sentido, cabe ao Estado assegurar o acesso à saúde, promover a regularidade dos benefícios e assistência social aos mais necessitados.

A representação social se constrói no diálogo entre o ser humano, como medida de todas as coisas, e o universo reificado ou a sociedade com seu sistema de bases sólidas, básicas e invariáveis que são indiferentes à individualidade. Tanto que a esse respeito Moscovici (2009) afirma que as representações são prescritivas, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar.

Entre os idosos investigados, percebemos isso claramente, tanto entre aqueles que assumem a condição de carentes, num espaço de cunho assistencialista, como para aqueles que rejeitam essa fase da vida. Numa

pesquisa desta natureza, outro aspecto relevante a ser considerado é que as representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Elas ocupam, com efeito, uma posição curiosa que tem como objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de forma significativa.

Reafirmamos, com Moscovici (2009), que as representações sociais sempre possuem duas faces, que são interdependentes como duas faces de uma folha de papel – a face icônica e a face simbólica. A representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem. Assim nos aproximamos da dimensão simbólica da representação social ser idoso, que, conforme os discursos analisados revelam como pensa o grupo investigado.

Como acontece o processo de tornar “o não-familiar em familiar”, ou, em outras palavras, de ancorar, tornar familiar o processo de envelhecimento e as mudanças advindas dessa nova etapa da vida?

Ao nos referirmos aos sujeitos da nossa pesquisa, esse processo acontece através do espelho, com o reconhecimento das rugas, dos cabelos brancos, da percepção de que o passo se torna mais lento, o cuidado em levantar-se da cama. E a partir do olhar do outro, o tratamento dado pelos outros, ao serem encaminhados às filas preferenciais, ou serem motivo de surpresa por permanecerem ativos e autônomos, por exemplo. Confirmamos esta constatação nas falas dos entrevistados:

E estou vivendo em marcha lenta, mas estou independente, autônomo, vamos dizer assim. O que vale muito na vida de um idoso.
[TT, 81 anos]

Confesso a você que até completar 60 eu nunca me apropriei disso, e nunca tive dessa ideia que tinha 60 anos. Nunca senti... Ela veio se manifestar agora que completei 65, através das questões físicas. Por exemplo, eu gosto de me deitar para massagear o corpo, e eu sou uma pessoa muito elétrica, muito rápida, eu me levantava ligeiro... Então hoje eu me levanto me pego em algo. Modéstia à parte, não que eu precise, mas eu tenho os cuidados para não me acidentar. [...] então uma coisa que mais me incomoda é quando eu chego num lugar que a pessoa diz assim: você usa a fila preferencial ou a outra? Então incomoda porque ela não tem certeza que eu tenho 65, e incomoda porque ela pensa isso... [AD. 65 anos]

Mas eu digo assim, as pessoas dizem ‘mas você tá tão bem, você não fica velha...’ Eu falei não! Eu tenho certa idade, mas não sou velha. Eu sou ativa, estou produzindo, eu tenho muita energia ainda. Eu tenho muita energia! [AQ 69 anos]

Ser idoso como em outras etapas da vida é um conceito construído na dinâmica do saber relacional, se ser velho é uma decorrência de ser percebido como velho pelo olhar do outro, torna-se uma construção contextual. Como diz o poeta: sou o intervalo entre o que desejo ser e o que os outros fizeram. Daí a necessidade em investigar as formas dominantes de produção de saber, como argumenta Jovchelovitch (2004), para conhecer como as categorias psicossociais influenciam na esfera pública, em específico no campo educacional.

Seção das Entrevistas

Durante a realização das entrevistas, houve o efeito da presença da pesquisadora sobre a produção discursiva do pesquisado. Quando procuramos os idosos ausentes das ações formais dos grupos de convivência e priorizamos a proximidade social e familiar, os efeitos da imposição da pesquisadora sobre os pesquisados diminuíram. A este respeito Bourdieu (2008) afirma que o pesquisador inicia e estabelece o jogo e, geralmente, atribui à entrevista os objetivos e hábitos, às vezes mal determinados, ao menos para o pesquisado.

Essa proximidade nos favoreceu, sem fingir anular a distância social que nos separava, a nos colocar em seu lugar, em pensamento. Esclarecemos, parafraseando Bourdieu (2007), que não se trata da “*projeção de si em outrem*” do qual falam os fenomenólogos, mas é dar-se uma “compreensão genérica e genética fundada no domínio (teórico e prático) das condições sociais das quais o outro é produto”. Feita esta ressalva, explicitamos que compreender e explicar são a mesma coisa.

Nas falas dos sujeitos entrevistados, que não participam dos grupos, percebemos que a imagem formulada por eles sobre a velhice, em especial, com a fase da aposentadoria, ou seja, após os 60 anos, é de uma pessoa desvalorizada pela perda do seu potencial produtivo. Nossos entrevistados expõem tal realidade:

Aposentado é aquele que para de produzir, uma pessoa que tá na inércia. Como eu não tenho essa visão, nem tenho essa prática. Essa palavra é como se fosse objeto não identificado... (risos).
[AD, 65 anos]

Então chegando à idade avançada, vamos dizer assim, é claro que você tem que sentir ainda útil. O que bota os velhos para trás é que não conte com nada mais, só dá o lazer. No abrigo dos velhos nem isso

tem, só nas festas do ano – Natal. Aí agora tem televisão para os velhos, mas isso é passatempo, ainda não traz ainda sua contribuição. Não é mais produtivo, então na mentalidade do mundo de hoje tem de produzir para ser valorizado. Quando você não serve mais para nada, só recebe a aposentadoria, às vezes você quer a passagem de graça, mas o ônibus nem para. Você vai à fila do INPS, tem que ir às 4h da manhã, tem que esperar o ônibus. Tem tantas coisas que impedem de sentir você valorizado. [TT, 81 anos]

Nesta minha aposentadoria, veja só como as coisas são: em 2005, eu fui indicada pelo colega daqui da Universidade para trabalhar no PROJOVEM, como supervisora do sistema de monitoramento de avaliação, e fui contratada depois de aposentada, me aposentei em 2003, em 2005 eu fui contratada. Eu trabalhei até agora; estou de aviso prévio. O sistema de monitoramento vai fechar, mas eu trabalhei 6 anos no PROJOVEM. E assim, foi uma experiência maravilhosa, muito interessante, quer dizer eu aposentada, superativa, para alguns até hiperativa. Agora se você perguntar: você não tem medo da solidão? Eu não sou solitária, pode registrar! Pode dizer isso: eu não sou uma mulher solitária. Eu trabalho a minha vida, sem ser solitária, eu tenho meus amigos, meus alunos... Uma das coisas que faz bem nesse convívio é isso! Que me faz bem... [AQ, 79 anos]

E deixam claro que continuam ativos, num outro ritmo, numa perspectiva de superação da visão pragmática. A dimensão de ser útil instaura um novo significado ao fato de ter uma idade avançada, percebendo não mais como limite, porém como potencialidade, alternativa e possibilidade. (GUSMÃO, 2006) Os idosos não participantes dos grupos de convivência reconhecem e até respeitam, mas não lamentam seus limites. Nas falas abaixo, encontramos novas respostas às questões apresentadas pela velhice:

(...) AD: *Eu sempre estou disponibilizada para fazer as coisas. Isso até me assusta, porque as pessoas da minha idade não são assim.*

Pesq.: E você acha que isso se deve a quê?

AD: Se deve a uma prática de vida com muita atuação, especialmente quando se trata das questões do exercício do conhecimento, da prática e da produção.

Pesq.: Aí as outras pessoas...

AD: Não se cuidaram com isso, aí ela completou 50, ela já acha que tinha completado o ciclo. Eu acho que comecei meu ciclo agora. E eu sou tão ousada, que não terminei no tempo por circunstância da vida, e agora vou terminar meu mestrado e meu doutorado. Nem que for no dia do enterro!

(...) Nada! Eu sou uma pessoa completamente saudável. É impressionante, isso! Agora vale salientar que é preciso deixar isso registrado que eu sou *uma pessoa muito disciplinada começando pela alimentação*. Eu sou uma pessoa disciplinada. Então se eu tenho minha taxa de glicose em 84, eu não vou fazer por onde ela ser 90. **[AD, feminino, 65 anos]**

(...) Você tem que ter consciência que 65 anos não é 20, então você tem que fazer tudo com bastante equilíbrio. Por exemplo, se eu for para uma noitada...antigamente eu ia para uma noitada, amanhecia o dia, eu

ia trabalhar. Hoje eu ainda faço isso, mas o corpo avisa. (...) No outro dia sou capaz de passar o dia dando aula, como já fiz. Que antigamente eu não sentia... Então, para evitar que eu exorbite, eu evito. Se amanhã eu tenho que passar o dia dando aula na faculdade, eu evito hoje ir para algum evento que termine às 2h da madrugada. Se eu for, eu volto mais cedo. **[AD., feminino, 65 anos]**

(...) Você tem de aceitar de andar em marcha lenta. Em quarto lugar você tem que fazer o mínimo de exercício físico pra evitar a monotonia, de certa forma tem que diversificar, tem que dividir o dia que seja um pouco de televisão, um pouco de computador, que seja ler as coisas que interessam a você, que seja até brincar de passatempo. Mas não é apenas ocupar o tempo, tem de diversificar, aí tem um aparte que ainda ajuda você a crescer. O músculo que não é ativado se atrofia, se você não utiliza. Até velho qual é o braço mais forte? (Ele estende os dois braços à frente do corpo). Basta fazer assim que você sente. Coloca os dois braços assim, você sente que até a musculatura é bem diferente, quem trabalha menos se atrofia mais. Para o velho, o idoso é importantíssimo fazer uma ginástica intelectual e física. (...) Tem de conhecer para avaliar quais são as suas possibilidades, sem pretender exagerar. **[T.T., masculino, 81 anos]**

Quanto à saúde, o cuidado a que se referem é de natureza proativa, numa perspectiva de prevenção e de cuidado de si, conforme vemos na fala abaixo:

(...) Já me preocupo, porque eu sei que meu metabolismo ósseo não é mais de 30 anos. E eu fui... Até que eu me inspiro em Leonardo Boff, quando ele fala do cuidado. Porque o cuidado não é só... O cuidado é tudo, que lhe restam, até pela questão genética, 10 ou 15 anos de vida e que neste momento é preciso esse cuidado. É como a questão da sustentabilidade para que você tenha futuro. Futuros dias com saúde e perfeita, mas até os 60 anos, eu não percebia que eu tinha sessenta... Mas agora eu já estou e eu me preocupo um pouco.
(...) Do exercício do cérebro, mas ele é feito de uma forma que eu não me aproprio... Não penso que eu tenho a idade. Pelo fato das minhas atividades do cotidiano, porque eu acho que sou uma pessoa privilegiada, porque eu completei 65 fazendo mestrado e dando aula em duas faculdades, trabalhando com 3 disciplinas. Todo dia estudando, planejando, produzindo... **[AD, 65 anos]**

Suas falas possuem uma conotação prescritiva, pois oferecem orientações de como cuidar da saúde e princípios que deveriam ser seguidos

[...] Eu sou muito atenta com minha saúde. Eu tenho uma boa genética, mas eu não quero abusar disso, ao contrário, eu cuido muito disso, porque minha mãe morreu aos 98 anos e 17 dias. Então... Eu não sei se eu chego lá, porque eu não tive a vida que ela teve. Mas assim, eu tenho muito cuidado com a minha saúde, eu faço yoga, eu faço pilates, eu caminho, eu faço meus exames regularmente – coração. Eu tenho acompanhamento com uma endocrinologista, porque uma vez eu tive um descompasso na minha glicemia, eu faço há 5 anos, assim eu sou muito disciplinada. Eu faço isso tudo, mas eu sou capaz de meditar.

Não só lá na aula de yoga, mas eu sou capaz. Eu faço meditação quase que diariamente, eu passei um período sem fazer o pilates, porque eu tava fazendo outras coisas [...] dando atenção a algumas pessoas da minha família que é outra coisa que eu me envolvo muito, é minha família, né? [AQ, 69 anos]

Então chegando à idade avançada, vamos dizer assim, é claro que você tem que sentir ainda útil. O que bota os velhos para trás é que não conte com nada mais, só dá o lazer. Não é mais produtivo então na mentalidade do mundo de hoje tem de produzir para ser valorizado. Quando você não serve mais para nada, só recebe a aposentadoria, às vezes você quer a passagem de graça, mas o ônibus nem para. Você vai à fila do INPS tem que ir às 4h da manhã, tem que esperar o ônibus. Tem tantas coisas que impedem de sentir você valorizado. Bem... (sic) até hoje é terapia ocupacional, mas, além disso, tem que ter uma parcela de responsabilidade com a qual você ainda pode ainda topar, assumir. Então, o segundo passo é conhecer seus limites. Depois, terceiro lugar é uma ocupação que ajuda você a crescer devagarzinho, aos poucos, você não tem mais condições pra correr, nem fisicamente, nem intelectualmente. Você tem de aceitar de andar em marcha lenta. Em quarto lugar você tem que fazer o mínimo de exercício físico pra evitar a monotonia, de certa forma tem que diversificar, tem que dividir o dia que seja um pouco de televisão, um pouco de computador, que seja ler as coisas que interessam a você, que seja até brincar de passatempo. E tem outra coisa que o velho tem de fazer, ele ainda andando é visitar outros velhos até lembrar do passado, das brincadeiras, o jogar baralho, coisas assim.

A necessidade de convivência com outros idosos é um ponto valorizado por ambos os grupos investigados. Apesar do crescimento da população idosa, os estudos sobre a amizade são escassos e oriundos de diversas disciplinas, a despeito da importância atribuídas por eles a tais relações, conforme constatamos na fala dos entrevistados:

Porque eu valorizo duas coisas na vida: conhecimento e as amizades. Três, aliás – família, amizade, conhecimento. Eu acho que essas três são os pilares. [A.D. 65 anos]

O nosso grupo as pessoas, os colegas ali... É eu tenho uma aceitação muito grande entre eles – respeito, carinho, entendeu? É uma coisa muito importante. Os próprios outros colegas do Centro de Educação, também, né? Até depois que eu fui aposentada uma vez teve um jantar, fui convidada e recebi uma comenda de honra ao mérito. [...] Uma das coisas que faz bem nesse convívio é isso! Que me faz bem... [AQ. 69 anos]

E tem outra coisa que o velho tem de fazer, ele ainda andando é visitar outros velhos até lembrar do passado, das brincadeiras, o jogar baralho, coisas assim. Não precisa ser com dinheiro. Dominó, dama, então você ajuda o outro a sair da solidão e ainda compartilha o prazer de brincar, com as coisas da sua idade. Lembrando as coisas. [TT 81 anos]

As relações de amizade favorecem a construção de uma identidade comum e o estabelecimento de laços de ajuda e de conforto emocional. A casa,

as ruas do bairro e as igrejas ou templos são os lugares mais citados de encontro com amigos. (ALVES, 2007)

Na bibliografia sobre velhice, os enfoques básicos caracterizam essa fase de vida por uma perda de relações sociais, por uma diminuição das áreas de contato social e por um processo de reclusão na família; ou seja, a perda das áreas sociais através da aposentadoria ou da viuvez passa a conferir à família uma importância fundamental, nas relações sociais dos velhos. O aumento da importância da família não se restringe apenas a um convívio maior dos velhos no grupo familiar, está ligado também a outras opções da velhice, que são concretizadas em asilos ou em clubes. Essas opções são, na verdade, uma forma de não-família, porque se apresentam como uma impossibilidade de circunscrever a velhice, na família. (BARROS, 2003).

Especialmente entre as mulheres a escolha de alternativas não-familiares são constantes, essas fazem esta opção em detrimento de uma interiorização na família. A velhice para elas consiste num movimento de exteriorização que constitui uma forma de individualizar-se, de maneira que rejeitam a reclusão no grupo familiar.

Os dados apresentados chamam atenção, pois a representação do grupo de convivência como um espaço para acolhida e escuta só reforça o abandono vivido pelos idosos no seio familiar. A amizade é uma forma de prevenção contra o isolamento e a solidão, uma vez que a comunicação e o afeto são importantes para a saúde mental do indivíduo.

Em nossos achados, ainda, constatamos que a resistência das novas gerações ao envelhecimento confronta-se com uma dimensão interior, em que o indivíduo busca não se perder, não ser negado. Em outras palavras busca afirmar-se na condição de idoso, como vemos nos depoimentos a seguir:

Eu me imponho muito respeito, eu não admito ser desrespeitada, e eu respeito muito as pessoas. Eu acho que tudo isso que estou lhe dizendo são princípios que ajudam a enfrentar a vida com certa tranquilidade. (...) Sim, respeitam muito, porque eu nunca permiti ninguém interferindo em minha autonomia. E assim, na vida deles eu interfiro, neste sentido, oriento, avalio com eles, isso é muito bom. (AQ, 69 anos)

O respeito é conquistado, até mesmo, nas delicadas relações

intergeracionais:

Então assim, essa minha reaproximação, ou melhor, aproximação mesmo com jovens foi uma experiência muito interessante, desafiadora, que o PROJOVEM me deu. Eu chegava, às vezes, em sala de aula e ficava assim, aqueles rapazinhos fazendo gracinha. E eu enfrentava: ‘Olha eu tô aqui fazendo um trabalho, e eu preciso fazer o meu trabalho. Você vai deixar que eu faça meu trabalho?’ E como dizem algumas pessoas, tenho certo carisma, eu me imponho, eu não sou boazinha. Eu sou boa. Boa no sentido de fazer o bem, quer o melhor pra pessoa. (AQ. 69 anos)

No episódio narrado, a professora aposentada, em efetivo exercício da profissão, encontra dificuldades para ser ouvida no espaço da escola. A percepção da velhice como incapacidade, pela juventude é abordada por Siqueira (2007), da mesma forma em que a juventude é citada pelos idosos, como falta de responsabilidade, havendo ainda forte percepção de uso de drogas e violência. Essas opiniões reforçam mitos e preconceitos entre as gerações.

Os idosos não são valorizados em suas experiências e histórias por uma sociedade que os concebe como ultrapassados e inativos, apesar das suas falas revelarem que são desejosos de serem consultados pelas gerações mais jovens.

Conforme Gusmão (2006), pela experiência acumulada, adquire-se maturidade que conduz à sabedoria e faz dela a ponte ou o princípio de um saber maior: aquele que, rompendo com a solidão do indivíduo – vale dizer, do velho e da velhice – instaura a prática compartilhada, constrói a solidariedade que transforma a si próprio e a sociedade a sua volta. As iniciativas para promoção das relações intergeracionais é uma via para a construção de uma cultura de paz.

A proclamação de 1999, como o Ano Internacional dos Idosos, pelas Nações Unidas foi um marco, cujo lema era “Rumo a uma sociedade para todas as idades”. A troca de experiências, expectativas e saberes entre gerações são fatores decisivos na superação de preconceitos e estereótipos.

As experiências têm demonstrado um elevado grau de interesse das crianças e dos jovens, bem como dos próprios idosos. Os primeiros viam o idoso como fonte de sabedoria e experiência, e mudanças de comportamento foram observadas no idoso após a revalorização, cumprindo os objetivos de incentivar a abordagem intergeracional, o que desmistifica os aspectos negativos da figura do idoso e facilita a transmissão da cultura oral. (POCHTAR, 2011).

A partir disto, constatamos um paradoxo: por mais que não seja valorizada como pessoa humana, em suas experiências e saberes e na manutenção dos laços familiares, a população que hoje é idosa mantém muitas famílias, pois experimentou o auge de sua vida produtiva, num momento mais favorável da economia brasileira do que os jovens estão experimentando hoje.

Percebemos a partir dos idosos entrevistados que a velhice, como estigma, não está necessariamente ligada à idade cronológica. Os traços estigmatizantes da velhice evidenciados ligam-se a valores e conceitos depreciativos: feiura, doença, desesperança, solidão, fim da vida, morte, inatividade, tristeza, pobreza, perda da consciência de si e do mundo. Pensar na velhice em termos de identidade social possibilita perceber que a velhice é uma classificação, pois há uma atribuição por parte da sociedade e uma auto-atribuição concomitante da identidade etária, que separam e organizam os indivíduos em um parâmetro de idade. (BARROS, 2003).

Goffman (1982) explicita a construção do estigma e afirma que o normal e o estigmatizado não são as pessoas, mas as perspectivas que são geradas em situações sociais. Chama atenção para o fato de que o estigma envolve o conjunto de indivíduos concretos – estigmatizados e normais – e, também, um processo social de dois papéis, no qual cada indivíduo participa de ambos, pelo menos, em algumas conexões e fases da vida.

Dessa forma, na dinâmica da imposição de legitimidade, o estigma possui uma função social, por exemplo, aqueles que “têm maus antecedentes morais pode funcionar como um meio de controle social formal”. Para os idosos a desvalorização serve para manter a finitude humana (o envelhece e morrer) longe dos olhos seja no espaço do trabalho, do lazer ou da educação, para assim não recordar do próprio fim. Consciente ou inconscientemente, as pessoas resistem à ideia de seu próprio envelhecimento e morte tanto quanto possível. Jodelet (2005, p.97) considera esse mecanismo social de rejeição como uma defesa social contra um ferimento narcísico, que ameaça a identidade de um grupo; e assegura que a defesa exige o apagamento simbólico do elemento perturbador, e pode ir da negação ao isolamento.

Para afirmar que a partir do provável núcleo central, os idosos, 103 participantes dos grupos de convivência, asseguram a identidade do grupo, remetemo-nos às quatro funções das representações sociais sistematizadas por

Abric (2002). A representação de seu próprio grupo é sempre marcada por uma supervalorização de algumas características ou de suas produções, cujo objetivo é garantir uma imagem positiva do grupo de inserção.

A identidade social segundo Moliner e Deschamps (2009) corresponde ao comportamento intergrupos (e à discriminação entre grupos); e o comportamento interpessoal corresponde à identidade pessoal. Quando a identificação com um grupo aumenta, temos a passagem do polo interpessoal ao intergrupo; ora, os indivíduos não agiriam estabelecendo uma discriminação entre grupos, a não ser quando isso representa para eles o único meio de ter uma autoavaliação positiva, de aceder a uma identidade positiva.

Nesse sentido, Bourdieu (2007, p.174) afirma a existência de saberes tácitos que orientam as práticas sociais:

[...] a ação do senso prático é uma espécie de coincidência necessária – o que lhe confere as aparências de harmonia preestabelecida – entre um *habitus* e um campo: aquele que incorporou as estruturas do mundo “aí se reencontra” imediatamente, sem ter necessidade de deliberar, e faz surgir, sem mesmo pensar nisso, “coisas a fazer” e a fazer “como convém”, programas de ação inscritos em diagrama na situação (...) e que orientam sua prática sem serem constituídos como normas ou imperativos nitidamente recortados pela e para a consciência e a vontade.

A identidade social assegura e guia os comportamentos e práticas, bem como as justifica, desempenhando o papel funcional preconizado por Abric (2002). A representação é um guia para a prática, portanto, a representação não obedece a uma interação e não depende do seu desenvolvimento; ela a precede e a determina.

Do ponto de vista interpretativo, essa articulação psicossológica que nos permite reconhecer a objetividade inscrita na subjetividade não, apenas, para transformar o não familiar em familiar, mas para construir um sentido intersubjetivo para o *ser idoso*, conforme os parâmetros de legitimidade dos contextos interacionais, no caso, no grupo de convivência. (DOMINGOS SOBRINHO, 2010).

Observamos neste capítulo que a prática educativa se estabelece a partir dos referentes culturais partilhados nos grupos de convivência, da cidade do Natal, pois, como não existe um direcionamento das práticas educativas dos profissionais e voluntários, que trabalham com esse público, as representações

sociais guiam essas práticas.

Capítulo IV – AS PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA OS IDOSOS DOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA

Neste capítulo, discorreremos sobre como o conteúdo representacional, apresentado no capítulo anterior, orienta as práticas educativas para o idoso que participa dos grupos de convivência do Programa API-Conviver. Assim, evidenciamos a existência dos elementos simbólicos hegemônicos que norteiam as condutas e as práticas educativas voltadas para a população investigada. Como vimos, o idoso sofre com a invisibilidade social e simbólica, que vai da negação ao isolamento, o que leva, por vezes, o idoso a assumir uma postura de “pessoa carente” para ser acolhido nos espaços, onde predominam as práticas de caráter assistencialista.

4.1- As ações educativas para a velhice

No período pós Segunda Guerra Mundial, a então jovem Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) passou a promover a educação de adultos e idosos e a organizar reuniões em diferentes países do mundo com esta finalidade.

As Conferências Internacionais sobre Educação de adultos surgiram com o propósito de evitar novas catástrofes mundiais como aquela que se tinha acabado de (sobre)viver. Seria importante dar educação e formação, precisamente àqueles que podiam ser joguetes dessa catástrofe. Isto é, aqueles que, por manifesta incapacidade educativa, formativa e cultural, estavam mais propensos a ser manipulados. (SILVESTRE, 2003, p.83).

Em relatório publicado em 1996, a UNESCO estabeleceu os quatro pilares da educação ao longo de toda a vida, defendendo que se deve levar “[...]as pessoas, desde a infância, até o fim da vida, a um conhecimento dinâmico do mundo, dos outros e de si mesma” (NERI, 2007, p.116). A última Conferência Internacional sobre Educação de Adultos aconteceu em solo brasileiro, na cidade de Belém do Pará, em 2009, e teve como lema *Vivendo e aprendendo para um futuro viável – O poder da aprendizagem e da educação de adultos*.

No Brasil, os primeiros anos da década de 1960 constituem um momento especial na história da educação de adultos. Nesse período, surgiram as experiências, que deram origem à proposta de alfabetização de adultos, que ficou conhecida como “método Paulo Freire”. A filosofia educativa de Paulo Freire tornou-o renomado internacionalmente.

No país, em específico para a pessoa idosa, identificamos o trabalho realizado pelo Serviço Social do Comércio (SESC). Desde os anos 60, essa instituição passou a dar mais ênfase educacional às suas atividades desenvolvidas com idosos, passando, inclusive, a denominar seus programas de Escolas Abertas para a Terceira Idade. (NERI, 2007).

Nessa linha, a partir dos anos 80, e principalmente nos anos 90, foram criadas as Universidades Abertas à Terceira Idade (UNATI), as quais vêm se multiplicando nas instituições de ensino superior do país – universidades, faculdades, centros universitários. As primeiras iniciativas destaque-se, aconteceram na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com a criação do Núcleo de Estudos da Terceira Idade, em 1983, e na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Rio Grande do Sul.

O SESC realizou ainda uma pesquisa inédita intitulada: *Idosos no Brasil – vivências, desafios e expectativas na terceira idade* (2007). Na publicação que apresenta os resultados da pesquisa, destacamos, em específico, o capítulo intitulado “Velhice e Políticas Públicas”, escrito por Siqueira (2007), no qual a autora aborda o direito do idoso à educação e ressalta que as políticas públicas são omissas quanto a proporcionar oportunidades para convivência e lazer do idoso com seus pares, bem como quanto ao acesso a novas informações e cultura, vivências de solidariedade e cidadania e, principalmente, no tocante a permitir-lhes “passar o bastão” das tradições e valores às gerações mais jovens. Dessa forma, não se está cumprindo o Estatuto do Idoso, no seu Art 20, o que assegura ao idoso o direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer. A autora diz, ressaltando não possuir dados para embasar sua afirmação, que, na grande maioria dos municípios brasileiros, ou essas opções são inexistentes ou são proporcionadas pela iniciativa privada.

No tema educação, a pesquisa reforça o panorama conhecido, qual seja, que a população idosa é menos escolarizada que as gerações mais jovens, sendo significativo o número de idosos autodeclarados analfabetos e daqueles

que dizem ter dificuldade para ler e escrever. Souza, *apud* Siqueira (2007), enfatiza ainda que a população idosa dificilmente é atingida pelas políticas atuais de educação, tem baixa taxa de superação do analfabetismo e que parte considerável da população em idade ativa será ainda analfabeta até o ano 2020.

Quanto à realidade da cidade do Natal, apresentamos no Quadro 2 as atividades educativas e outras, desenvolvidas nos grupos visitados.

ANATI (Quintas)	Música, palestra, passeio.
Marly Sarney (Nazaré)	Artesanato, passeio, dança, ginástica, alfabetização, hidroginástica.
Ivone Alves (Nova Natal)	Dança, passeios, alfabetização, ginástica, artesanato.
ARPI (Lagoa Nova)	Dança, musicalização, coral, passeio, hidroginástica, artesanato, palestra.
São Tomé (Igapó)	Palestra, passeios, bingos, alfabetização.
CALMI (Cid Esperança)	Palestra, passeios, bingos, dança.
CEASI (Ribeira)	Palestra, passeios, dança.

Quadro 2 – Atividades educativas e outras ofertadas à pessoa idosa.

Fonte: Dados obtidos no trabalho de campo.

Após o mapeamento das atividades desenvolvidas nos grupos, percebemos que essas atendem a um perfil de idoso, assim caracterizado: idosos com baixa escolaridade que desempenharam, ao longo da vida, profissões primárias ou manuais, e são, em sua maioria, naturais do interior do Estado. Outro aspecto recorrente é que são aposentados ou pensionistas vinculados ao Benefício de Prestação Continuada (BCP), associado à Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), este é um benefício da assistência social, integrante do Sistema Único da Assistência Social – SUAS, pago pelo Governo Federal, cuja a operacionalização do reconhecimento do direito é do Instituto Nacional do Seguro Social – INSS e assegurado por lei, que permite o acesso de idosos e pessoas com deficiência às condições mínimas de uma vida digna.

No quadro acima, as atividades de caráter essencialmente educativo, como palestras, alfabetização, musicalização e outras que poderiam ter também este caráter, estão diluídas em atividades de lazer, passatempo, diversão, pois a predominância da prescrição, que foi identificada no núcleo central do idoso alegre, feliz, denuncia, segundo nossas hipóteses, a imposição do discurso estereotipado da velhice como “melhor idade”, que, na nossa realidade, significa uma infantilização dessa população. As práticas educativas realizadas nos grupos de convivência refletem e se fundamentam, em decorrência dessa hegemonia discursiva, numa concepção assistencialista, que parte da questão “naturalmente” posta: o quê oferecer, além de lazer, para essa população inativa e decadente?

Quando se trata da legislação sobre a pessoa idosa e sua relação com a educação, destacamos a Lei 8842 de 04 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso (PNI) é resultante das pressões e proposições da sociedade e dos movimentos sociais. A Política Nacional do Idoso nasceu sob a coordenação do Ministério da Previdência e Assistência Social, mas o desmembramento desse em dois, um da Previdência Social e outro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome deixou essa política sob a coordenação do último. Em 2009, a coordenação da PNI mudou de mãos e foi repassada ao Ministério da Justiça e à sua Secretaria Especial de Direitos Humanos, hoje Secretaria de Direitos Humanos, órgão diretamente ligado à Presidência da República.

Na PNI, encontramos os dispositivos garantidores de direitos, princípios e diretrizes com vistas a assegurar uma vida digna a esta população. No tocante à educação, vejamos o que determina o Art 10:

- a. Adequar currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais destinados ao idoso;
- b. Inserir nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre o assunto;
- c. Incluir a Gerontologia e a Geriatria como disciplinas curriculares nos cursos superiores;

- d. Desenvolver programas educativos, especialmente nos meios de comunicação, a fim de informar a população sobre o processo de envelhecimento;
- e. Desenvolver programas que adotem modalidades de ensino à distância, adequados às condições do idoso;
- f. Apoiar a criação de universidade aberta para a terceira idade, como meio de universalizar o acesso às diferentes formas do saber (BRASIL, Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994).

Outro marco na legislação para a pessoa idosa é o Estatuto do Idoso, pela Lei nº 10.741, de 01 de janeiro de 2003. Esse contempla os mais diferentes aspectos da vida cotidiana: destaca os papéis da família, reforçando e enfatizando sua obrigação para com os velhos e ampliando essa para a sociedade e o Poder Público; assegura os direitos à saúde, alimentação, cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, liberdade e dignidade do idoso.

Na escola, no entanto, o idoso não tem lugar (HADDAD, 2002) e, nos grupos de convivência, a educação voltada à população idosa é vista como passatempo. Essa segregação sofrida pelo idoso no campo educacional revela-se também no Estatuto do Idoso que o protege, pois, no *caput* do Capítulo V, faz-se a junção entre educação, lazer, cultura e esporte, como se fossem todos resumidos num único direito (BRASIL, 2003).

De acordo com Peres (2007), essa dissolução do direito à educação em meio a outros direitos parece ter a finalidade de ocultar a reduzida efetividade no que se refere às conquistas no âmbito educacional, obtidas pelo Estatuto. Sem acesso a programas de alfabetização ou educação fundamental, por exemplo, pouco poderá se usufruir da cultura, do lazer e mesmo do esporte, pois a educação nesses níveis – iniciais e básicos – é indispensável para a compreensão mínima dos códigos culturais que estruturam esses universos.

O Art. 21 é bastante ilustrativo:

O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.

§ 1º – Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna.

§ 2º – Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais. (PERES, 2007, p.189).

Notamos, assim, que as leis referentes à educação contidas no Estatuto do Idoso representam, essencialmente, medidas paliativas, pois não tratam, em nenhum momento, do problema mais urgente que envolve a educação na velhice: o analfabetismo de grande parte da população idosa. As leis apresentadas no Estatuto do Idoso possuem caráter superficial, debilitando o que esse representa como conquista democrática.

Assim, concluímos que, a educação voltada às demandas da pessoa idosa, deverá ter uma base antropológica, pois é necessário conhecer o educando em suas crenças, aproximar-se de sua realidade, para, então realizá-la. Nesse processo, é fundamental identificar o conjunto de valores que apoiam e guiam as práticas do educando, portanto, suas representações. Educar numa visão de respeito às alteridades consiste em:

Respeitar os educandos, porém, não significa mentir a eles sobre meus sonhos, dizer-lhes com palavras ou gestos ou práticas que o espaço da escola é um lugar 'sagrado' onde apenas se estuda e estudar não tem nada que ver com o que se passa no mundo lá fora. (FREIRE, 2005, p. 85).

E prossegue o autor, dizendo que, seja a qualidade da prática educativa autoritária ou democrática, ela é sempre diretiva; e, por ser diretiva, é dever ético do educador respeitar as diferenças de ideias e posições. Freire (2005) critica, ainda, a arrogância do autoritarismo dos intelectuais reacionários, que se julgam proprietários do saber. Esses que, em nome da libertação das classes trabalhadoras, impõem a superioridade do saber acadêmico às 'incultas massas'.

O autor chama a atenção para a imposição de legitimidade que se instaura a partir do universo “reificado”. Ao longo da nossa investigação nos grupos de convivência, Constatamos que como a imposição da legitimidade está por trás das práticas educativas paternalistas, voltadas à população idosa, por vezes infantilizando-a e reforçando o não-lugar do idoso nos espaços educativos. Dessa forma, desconsidera-o como um ser adulto, senescente, possuidor de histórias e necessidades próprias de quem alcançou a longevidade. Diríamos até que tal processo possui um movimento estruturado e estruturante, por ser, como afirmou Elias (2001), a regressão ao comportamento infantil, uma das formas de adaptação ao envelhecimento, uma fuga inconsciente da crescente fragilidade do idoso.

A visão estigmatizada da velhice materializa-se, em síntese, em práticas educativas recreativas e, quando muito, informativas, esvaziadas, por conseguinte, do propósito do envelhecimento bem-sucedido, a despeito da legislação vigente garantidora desse direito.

Pudemos aqui, também constatar que a baixa escolaridade da nossa população funciona como mais um elemento estigmatizante e discriminador, quando se trata de pensar as atividades a serem desenvolvidas pelos grupos. Como afirma Siqueira (2007), baixa escolaridade limita o usufruto de bens e produtos culturais e a defesa dos próprios direitos, além de constituir-se num dos principais fatores de exclusão social. Todavia, as observações de campo, ao revelarem o interesse e a curiosidade dos sujeitos quanto à aquisição de novos e diversificados conhecimentos, permitem-nos concluir que, na verdade, esta constatação pode constituir-se numa armadilha para a intervenção. Exatamente por essa condição, o idoso com o perfil dos sujeitos desta pesquisa, precisa ter acesso aos códigos que lhe assegurem desvelar aspectos do mundo, que, antes, eram considerados inacessíveis. Ora, com base no Estatuto do Idoso e nas orientações da UNESCO, deve-se assegurar à população idosa, independentemente do grau de escolaridade, o acesso à educação ao longo de toda a velhice, levando-a, inclusive, a dominar as novas tecnologias e continuar participando, juntamente com as demais gerações, da produção e difusão de bens culturais, como defende Siqueira (2007).

A este respeito, Bourdieu (2008b) afirma que, não é por acaso, que a oposição entre “escolar” (ou “pedante”) e “mundano” encontra-se, em todas as épocas, no centro dos debates sobre o gosto e a cultura, pois são dois modos opostos de aquisição cultural e, pelo menos, para a época presente, duas relações diferentes com a instituição escolar. (BOURDIEU, 2008b).

Para reforçar ainda mais o combate à discriminação da velhice “ignorante”, na análise dos dados, constatamos que os idosos detentores de títulos escolares, estiveram sempre vinculados às profissões e atividades intelectuais. No discurso dos participantes do aqui chamado grupo de contraste, percebemos que adotam uma postura racional e sábia ante a velhice, oferecendo orientações e defendendo princípios para “ficar de bem com a vida” na velhice, pois concebem-na como mais uma etapa da vida e praticam o cuidar de si.

Em sentido oposto, o contato direto com os idosos dos grupos de convivência e a análise do conteúdo das justificativas dadas à evocação mais importante, durante a associação livre, permitem-nos concluir que os idosos com menor escolaridade e tendo desenvolvido atividades menos qualificadas, antes da aposentadoria, assumem uma postura diante da velhice mais focada nas suas limitações e aspectos negativos. A educação ao longo da vida, portanto, não é um luxo, mas uma estratégia de inclusão e até de sobrevivência.

4.2 – O não lugar da pessoa idosa no campo educacional.

Numa perspectiva sociológica, Bourdieu (1983) afirma que a fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputa em todas as sociedades e acrescenta o seguinte sobre os conflitos de gerações:

As aspirações das sucessivas gerações, de pais e filhos, são constituídas em relação a estados diferentes da estrutura da distribuição de bens e de oportunidades de acesso aos diferentes bens: aquilo que para os pais era um privilégio extraordinário (...) se tornou banal. (...) evidentemente, os velhos das classes em declínio, isto é, os velhos comerciantes, os velhos artesãos, etc., acumulam todos os sintomas num grau mais alto: são anti-jovens, mas também anti-artistas, anti-intelectuais, são contra tudo aquilo que muda, tudo aquilo que se move, etc., justamente porque eles deixaram o futuro

para trás enquanto os jovens se definem como tendo futuro, como definindo o futuro. (BOURDIEU, 1983, p.132)

O acesso à escolarização, considerado um bem cultural, serve como exemplo referente à citação acima, por ser pouco valorizado pelos mais jovens, ao contrário das gerações anteriores. Tal descompasso, muitas vezes, é motivo de escárnio por parte dos mais jovens, porque não experimentaram, como os mais velhos, as dificuldades relacionadas à sobrevivência, às distâncias da escola e dos grandes centros urbanos, bem como a ausência das condições mínimas para permanência no espaço escolar. Esses e outros aspectos achados na pesquisa revelaram que a pertença a uma faixa geracional, a princípio, implica igualmente em compartilhar gostos, experiências, visões de mundo, saberes e preconceitos.

No entanto, o hiato entre as gerações foi construído pela sociedade capitalista, portanto, não deve ser considerado natural, tanto que, numa retrospectiva histórica, Ariès (2001), ao se referir à vida escolástica, registra a indiferença desse tempo quanto à idade daqueles que compunham a escola. A preocupação com a idade se tornaria fundamental, pois, no Séc. XIX, estendendo-se aos nossos dias.

As práticas educativas que criticamos e constatamos existir nos grupos de convivência estão longe da definição que lhes dão Freire (2005) e Brandão (2006). Os dois autores compreendem prática educativa como processo de socialização, no qual se compartilha saberes, seja no espaço formal, seja não formal. Como ilustração, apresentamos um trecho da obra *Pedagogia da Esperança* (2005, p.49), sobre um encontro de Freire com camponeses:

- O senhor sabe por que é doutor. Nós, não.
- Exato, eu sou doutor. Vocês não. Mas, porque eu sou doutor e vocês não?
- Porque foi à escola, tem leitura, tem estudo e nós, não.
- E por que fui à escola?
- Porque seu pai pôde mandar o senhor à escola. O nosso, não.
- E por que os pais de vocês não puderem mandar vocês à escola?
- Porque eram camponeses como nós.
- E o que é ser camponês?

- É não ter educação, posses, trabalhar de sol a som sem direitos, sem esperança de um dia melhor.

- E por que ao camponês falta tudo isso?

- Porque Deus quer.

- E quem é Deus?

- É o Pai de nós todos.

- E quem é pai aqui nesta reunião?

Quase todos de mão para cima, disseram que o eram.

Olhando o grupo todo em silêncio, me fixei num deles e lhe perguntei:

- Quantos filhos você tem?

- Três.

- Você seria capaz de sacrificar dois deles, submetendo-os a sofrimentos para que o terceiro estudasse, com vida boa, no Recife?

Você seria capaz de amar assim?

- Não!

- Se você – disse eu – homem de carne e osso, não é capaz de fazer uma injustiça desta, como é possível entender que Deus o faça? Será mesmo que Deus é o fazedor dessas coisas?

Um silêncio diferente, completamente diferente do anterior, um silêncio no qual algo começava a ser partejado. Em seguida:

- Não. Não é Deus o fazer disso tudo. É o patrão!

Freire (2005) prossegue dizendo que a partir daí, teria sido possível também ir compreendendo o papel do patrão, inserido num certo sistema socioeconômico e político, ir compreendendo as relações sociais de produção. A falta total de sentido estaria se, após o silêncio que bruscamente interrompeu o nosso diálogo, ele tivesse feito um discurso tradicional, vazio e intolerante.

O trecho apresentado, apesar de longo, justifica-se por ilustrar o diálogo entre o universo consensual e o universo reificado (MOSCOVICI, 2009). Pode-se constatar, entre os camponeses, a submissão à dóxica, à ordem estabelecida, às verdades naturalizadas. Cabe aos educadores a manutenção deste universo reificado como muito bem denunciou Bourdieu na obra *A Reprodução* (1970). Essa imposição de legitimidade é emblemática, quando fazemos referência à falta de protagonismo dos idosos, porque, graças às crenças enraizadas em suas mentes sobre a velhice e sua própria inutilidade, concebem o Estado como provedor e a si próprios como “coitados” que lhes devem ser muito gratos, até por suas aposentadorias e benefícios sociais, e

por, ainda, permanecerem vivos. O idoso dos grupos de convivência, em sua maioria, ocupa o lugar de espoliado dos seus bens, sejam culturais por não possuir títulos de escolaridade, seja dos bens materiais, por não os possuir.

À naturalização do sofrimento simbólico atribuímos a face positiva da representação social do ser idoso como “feliz” e “liberdade”, produto do acordo entre “as estruturas cognitivas inscritas pela história coletiva (filogênese) e individual (ontogênese), nos corpos, e as estruturas objetivas do mundo ao qual elas se aplicam”, ou seja, os idosos participantes dos grupos ratificam o eufemismo da “melhor idade”. Ao que Bourdieu afirma:

Cada agente possui um conhecimento prático, corporal, de sua posição no espaço social, um ‘sense of one’ place’, como diz Goffman, um sentido de seu lugar (atual e potencial), convertido num sentido de localização que comanda sua experiência do lugar ocupado, e, sobretudo, em termos relativos como nível hierárquico, bem como as condutas a serem mantidas a fim de mantê-lo (“manter seu lugar”). (BOURDIEU, 2007, p. 224).

Essa atitude de submissão se apoia na compreensão de cidadania (como sentido/representação), vinculada a um modelo de Estado assistencialista, segundo a qual, se esse não fizer, ninguém fará e nada acontecerá. Ao manifestar, por vezes, suas críticas ao Estado e apontar que sua própria exclusão social é fruto do descaso e da incompetência de quem governa, o idoso não consegue, no entanto, reconhecer em si, um sujeito de direito, capaz de provocar mudanças. Como afirmam Campos e Costa (2003), o idoso não se percebe na condição de sujeito pois legítima e considera como natural o seu lugar de segregado, de alijado da voz e da vez, porque não é mais jovem e só à juventude cabe a tarefa de provocar as mudanças. Sobre o papel do Estado, é oportuno ainda citar Bourdieu (2007, p. 174):

[...] Ele impõe, sobretudo, na realidade e nos cérebros, todos os princípios fundamentais de classificação – sexo, idade, ‘competência’, etc. – mediante a imposição de divisões em categorias sociais – como ativos/inativos – que constituem o produto da aplicação de categorias cognitivas, destarte reificadas e naturalizadas; ele também constitui o princípio da eficácia simbólica [...] que instaura entre os eleitos e os eliminados, diferenças simbólicas duráveis, por vezes definitivas, e universalmente reconhecidas nos limites de seu âmbito.

O discurso hegemônico sobre a velhice encontrou no educador Darcy Ribeiro⁶, um importante porta-voz. Quando senador e, por ocasião do Congresso Brasileiro de Educação, em São Paulo, em 1990, enunciou a famosa frase: “Deixem os velhinhos morrerem em paz!”. Haddad (2002) ressalva que, ali, por sua ousadia, Darcy inaugurava uma nova etapa de desqualificação da educação de pessoas jovens e adultas no âmbito das políticas públicas. Afinal, sob essa ótica, se as políticas públicas se concentrarem apenas na educação fundamental regular – nas futuras gerações –, deixando para o mercado e a filantropia aqueles que se perderam ou vêm se perdendo no caminho, a sociedade seria, no futuro, qualitativamente melhor. (HADDAD, 2002)

Observamos, por conseguinte nas atuais políticas educacionais brasileiras, a ausência de diretrizes, especificamente, destinadas à educação dessa população que, entretanto, envelhece a passos largos. Tanto na LDB 9394/96 quanto nas Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos (CNE/2000), a legislação educacional nada apresenta para essa população. Na Educação de Jovens e Adultos vamos encontrar o idoso cujo desejo de recuperar o tempo perdido levou-o de volta à Escola. Todavia, há uma década, o idoso sente-se aí deslocado, por ser obrigado a conviver com um alunado bastante jovem, em contraste com sua idade.

A juvenilização dessa modalidade de ensino deve-se às mudanças ocorridas na legislação educacional, que permitiu aos jovens, a partir dos 15 anos, ingressassem na Educação de Jovens e Adultos e serem certificados, recuperando, assim, o tempo perdido fora da Escola. Esses encontram na EJA uma forma de “aligeiramento” para a escolarização, numa perversidade neoliberal de suplência. Isto porque, as salas de EJA, até os anos 90, eram prioritariamente frequentadas por adultos. No entanto, aos poucos, com a crescente precariedade do ensino público, aumentou significativamente o número de jovens que passaram a ocupar este espaço educativo. A esse fenômeno atribuiu-se a denominação de “juvenilização”. Dessa forma, e de

⁶ Darcy Ribeiro, senador e grande educador, no Congresso Brasileiro de Educação por ocasião das mobilizações que marcaram o Ano Internacional da Alfabetização.

maneira mais acentuada, o idoso vem “perdendo” um espaço no ensino formal que, na verdade, nunca foi seu.

O Art 3º do Estatuto do Idoso, em seu Inciso IV, pondera sobre a importância de promover as relações com as gerações mais novas, dado o forte preconceito em relação ao idoso e os estereótipos sobre a velhice e a juventude. As políticas públicas, portanto, falham no cumprimento do disposto que preconiza a viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio com as demais gerações e o estabelecimento de mecanismos que favoreçam a divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais do envelhecimento.

A promoção de uma educação para essa faixa geracional, em nosso país, passa pela compreensão da máxima freireana “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1981, p.39). Esse pressuposto, sistematizado por um ícone mundial da educação de adultos, sinaliza a necessidade de os indivíduos serem ao mesmo tempo educadores e educandos, e ao nos reportarmos para os idosos esta condição torna-se ainda mais imperativa. São homens e mulheres que acumularam muito nas suas trajetórias e necessitam de respeito e dignidade. A educação nesta faixa geracional assume, pois, com bem assinala a UNESCO, a natureza de educação permanente ou educação ao longo da vida. Vale a pena fazer referência a Silvestre quando este esclarece:

Só a educação permanente pode despertar ou reacordar nos adultos o gosto da responsabilidade coletiva e dar-lhes ao mesmo tempo os meios de assumi-la. A educação permanente apresenta-se como necessária a todos os espíritos que lançam sobre as nossas sociedades um olhar lúcido. (SILVESTRE, 2003, p176)

Assim, urge organizar práticas educativas no âmbito das políticas públicas voltadas ao idoso, mas respeitando sua condição de sujeito de direito e do direito à educação. Uma constatação importante a fazer, ao concluir esta exposição dos resultados de nossa pesquisa, é que, a despeito da vasta gama de pesquisas e discursos científicos já produzidos sobre o Envelhecimento Humano, e, especialmente, dos avanços no campo da legislação para a

pessoa idosa, é o senso comum que continua, predominantemente, orientando as práticas voltadas para a velhice, sejam essas educativas ou não.

Concluimos, portanto, que é necessário, apesar das críticas que possamos fazer, considerar o crescimento da oferta educacional para as pessoas idosas como algo positivo. Todavia, a ainda pequena participação dos idosos nos programas a eles destinados, deve-se, dentre outros fatores, a relação que esses mantiveram com a educação no curso de suas vidas.

Por último, outro aspecto a observar é que esses programas nem sempre satisfazem a população à qual se destinam. Desta maneira, não se trata de oferecer-lhe quaisquer atividades, mas de ofertá-las levando-se em conta a sua diversidade identitária, suas competências e necessidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gosto de ser gente, pelo contrário, porque mudar o mundo é tão difícil quanto possível. É a relação entre a dificuldade e a possibilidade de mudar o mundo que coloca a questão da importância do papel da consciência na história, a questão da decisão, da opção, a questão da ética e da educação e de seus limites. (Paulo Freire, 2000).

Constatamos que, a despeito das sistematizações sobre o Envelhecimento Humano, e, especialmente, dos avanços no campo da legislação para a pessoa idosa, é o senso comum que orienta as práticas voltadas para a velhice, sejam essas educativas ou não.

Investigar o envelhecimento humano ou o ser idoso consistiu num desafio, sobretudo por este ser um objeto de estudo atípico para o campo educacional, e por esse motivo precisarmos buscar a interface com a Saúde e o Serviço Social, pois, há décadas, as pesquisas educacionais dedicam-se, prioritariamente, à infância e à juventude. Se a educação de adultos tem sido marginalizada ao longo da história da educação brasileira, a educação para idosos chega a ser uma utopia, no sentido etimológico do termo: *u-topos* = não-lugar.

Em resposta aos desafios inerentes à temática escolhida, optamos pelo aporte teórico da praxiologia bourdiesiana e das representações sociais como forma de apropriarmo-nos do objeto para além da dimensão cognitiva. A velhice é um fenômeno biológico, mas a sua construção é psicossocial, de maneira que nos dedicamos a explorar, com a ajuda das elaborações teóricas de Pierre Bourdieu e Serge Moscovici, as condições sociais da construção da representação social do ser idoso, por acreditarmos que esta orienta as tímidas práticas educativas destinadas a esse público. Aliás, este aspecto foi outro desafio para a elaboração desta tese: encontrar práticas educativas direcionadas para a pessoa idosa, na cidade do Natal. Fomos procurá-las nos grupos de idosos porque nada encontramos no espaço da instituição escolar. Deparamo-nos, então, com atividades informativas e recreativas, como palestras, dança, coral, bingo, jogos de cartas, musicalização.

Algumas questões permearam a construção da tese: Quais as práticas educativas oferecidas para a pessoa idosa na cidade do Natal? Quem é o idoso presente nos grupos de convivência? Qual a representação social do “ser idoso” para o sujeito que envelhece na cidade do Natal?

Constatamos que a visão estigmatizada em relação ao idoso resulta em práticas educativas recreativas e quando muito, informativas. Essas esvaziadas do propósito do envelhecimento bem-sucedido, a despeito da legislação vigente que garante esse direito para o idoso.

Através da sistematização e análise dos dados, alcançamos os prováveis elementos constitutivos do conteúdo da representação social do “ser idoso” e a sua estruturação nos apresentou 4 (quatro) cognições compondo o seu núcleo central: *liberdade, feliz, saúde e vida*. Essas foram classificadas por nós em dois grupos, conforme sua natureza: aspectos fisiológicos e aspectos culturais. Verificamos que ser idoso para os participantes dos grupos de convivência remete a uma representação social positiva da velhice. No grupo, os idosos se sentem acolhidos, apesar dos dissabores advindos do envelhecimento - como a perda salarial, maiores gastos com a saúde, exclusão pela família – devido ao sentimento de pertença ao grupo.

A este respeito Goffman (1982) assevera que essas comunidades constituem um paraíso de autodefesa e um lugar onde o indivíduo deslocado considera a condição em que se encontra tão boa quanto qualquer outra. Goffman os denomina de “desviantes sociais”. Esses chegam a considerar a vida que levam como melhor do que a vivida pelas outras pessoas, pois ainda podem oferecer modelos de vida para os outros e conquistar não apenas a simpatia, mas também adeptos.

Essa representação positiva da velhice serviu para elucidar a imposição do discurso hegemônico da ‘melhor idade’, o que confirmamos ao entrevistar idosos ausentes das ações formais para a velhice. Este grupo, com seus depoimentos, ajudou-nos a melhor compreender a representação social do ser idoso ao ressaltar a discriminação sofrida, a solidão, a não aceitação dos limites trazidos pela velhice, a perda da autonomia, o medo da morte e outros aspectos nada atraentes do envelhecimento humano, numa sociedade que supervaloriza a juventude.

O contraste entre as condições de produção de sentido pelos dois grupos permite-nos concluir que as respostas do primeiro grupo (os grupos de convivência) foram fortemente influenciadas pela violência simbólica, na forma sutil da imposição de legitimidade.

As descobertas deste estudo demonstram que o idoso investigado assume a postura de carente e, por isso, torna-se grato por qualquer tipo de atenção a ele dispensada. No grupo de convivência, espaço de natureza assistencialista, percebemos a inscrição da filantropia nas estruturas mentais dos participantes, a reprodução de uma visão paternalista do Estado, bem como da classificação social que segrega a população idosa.

Essas elucidações nos permite defender a tese segundo a qual, por um lado, o grupo investigado compartilha uma representação social do objeto “ser idoso” que reproduz os sentidos e valores hegemônicos de exclusão e estigmatização da velhice, os quais a tornam invisível enquanto demanda educacional, de modo que as práticas de caráter educativo que lhes são ofertadas, não ultrapassam a transmissão de informações, atividades ocupacionais e recreativas; por outro lado, o conteúdo representacional compartilhado apresenta-se condicionado pelos referentes culturais específicos do grupo a que pertencem, revelando a posição social inferiorizada do mesmo na hierarquia social.

Deste modo, no final da realização desta pesquisa e apresentação das suas descobertas, refletimos sobre a violência simbólica sofrida pelos idosos, seja na ausência perversa do Estado, na naturalização da invisibilidade da velhice, a qual se manifesta seja através da filantropia, na dimensão estatal, na qualidade e natureza das práticas educativas oferecidas a este público, seja no espectro amplo dos espaços sociais e, pior ainda, na segregação sofrida no seio das próprias famílias.

Por tudo isto, a velhice e o envelhecimento em nossa sociedade, dita moderna, são parte de um processo contraditório gestado pelo sistema social em que o velho, o idoso transita entre ser e não ser parte integrante das relações sociais. (GUSMÃO, 2008). Dessa forma, o não lugar da pessoa idosa no campo educacional é também o reflexo de uma representação social do idoso como alguém descartável, como um sujeito inadequado pelo acúmulo de anos vividos. Finalizo acompanhando Augé (2005, p. 105) ao afirmar que, é

assim “no anonimato do não-lugar, que a comunidade dos destinos humanos solitariamente vive”. Daí decorre que o outro é um velho e a velhice é o seu mundo, nunca o meu.

Ao falarmos do “não lugar”, remetemo-nos à utopia de pensar na inserção do idoso no campo educacional. Por isto, nos parágrafos seguintes, apresentamos algumas proposições que acreditamos válidas, no sentido de superar a constatação nauseante de que na velhice seremos abandonados à própria sorte. Tão nauseante quanto o odor de urina encontrado pela pesquisadora nas Instituições de Longa Permanência visitadas.

Acreditamos que quem denuncia alguma coisa, assume também o compromisso de anunciar algo. Nossas descobertas nos sugerem a necessidade de serem construídas ações que possam provocar a ressignificação da representação social do ser idoso, pelo grupo investigado, para que essa fase da vida seja ainda assumida como tempo de desenvolvimento e aprendizagem. Esta é a razão pela qual, ao final deste trabalho, anunciamos que os cursos de formação de professores precisam ampliar a compreensão do desenvolvimento humano e da aprendizagem para além da juventude chegando até a velhice; o curso de Pedagogia responsável, por excelência, pela formação de educadores pouco se atém em contemplar e desenvolver, em seus currículos, práticas que assumam a compreensão do desenvolvimento humano em todas as suas etapas – infância, juventude, vida adulta e velhice.

Outro aspecto revelado pela pesquisa é a necessidade de provocarmos nos órgãos públicos uma assunção da velhice como linha de trabalho, tanto no âmbito da secretaria municipal de educação quanto na instância estadual. Uma das vias possíveis de trabalho seria a promoção das relações intergeracionais nas escolas como alternativas concretas para uma cultura da paz, com menos violência contra a pessoa idosa. As mudanças na educação das novas gerações podem contribuir para lançar fundamentos de uma sociedade, na qual possamos envelhecer com qualidade e dignidade.

Bem como o estabelecimento de parcerias entre as instituições de ensino superior e as instituições estatais e civis que se dedicam a esta parcela da população, que, a despeito da sua invisibilidade, ganha proporções quantitativas que nos alertam quanto ao fim iminente da sua invisibilidade.

A pesquisa nos revelou também a carência de produções sobre a interface envelhecimento e educação, assim indicando a necessidade de outras investigações sobre a temática. Afinal, estamos no século da informação e na “sociedade do conhecimento”, portanto, o idoso precisa ganhar sua merecida visibilidade. Não basta a conquista da longevidade, é necessário poder bem vivê-la. As leis por si só não modificam o contexto social, o ser humano. Ao contrário, o ser humano é que é capaz de modificar-se, imprimindo novos valores e transformando-os em leis. Estamos, portanto, na contramão, aguardando que a lei modifique a sociedade, enquanto a educação poderia desempenhar seu papel de promoção humana.

REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antônio Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de. **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 2002. p. 27-38.

_____. O estudo experimental das representações sociais. In: JODELET, Denise. **As representações sociais**. Tradução: Lílian Ulup. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p.155-171.

_____. Abordagem Estrutural das Representações Sociais: Desenvolvimentos Recentes. IN CAMPOS, Pedro Humberto F; Marcos Correa Silva Loureiro (org.) – **Representações Sociais e Práticas Educativas**. Goiânia: UCG, 2003.

ALBUQUERQUE, Lia Matos Brito de. **Habitus, representações sociais e construção identitária dos professores de Maracanaú**. 2005. 141f. Tese. (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

ALGUÉM tem que ceder. Produção e Direção: Nancy Meyers. LOS ANGELES: Warner Brothers e Columbia Pictures. 1 DVD (129 min.), widescreen, color. 2003.

ARIÈS, Philippe. Jovens e velhos escolares da Idade Média IN **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara. 2001.

ARROYO, Miguel. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leônicio (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ARRUDA, Ângela. **Teorias das Representações Sociais e Teorias de Gênero**. Cadernos de Pesquisa. N. 117, p. 127-147. UFRJ: Nov. 2002.

_____. Despertando do pesadelo: a interpretação. IN MOREIRA, Antonia Silva Paredes (org.) **Perspectivas teórico-metodológicas em Representações Sociais**. João Pessoa. UFPB/Editora Universitária, 2005, p.229-254.

BARDIN, Lourence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977. 225 p.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W. ; GASKELL, George. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 189-217.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003.

BOSI, Éclea. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. São Paulo: Cia das Letras. 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008a, p.693-737.

_____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008b.

_____. **Meditações Pascalianas** – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. A juventude é apenas uma palavra. In **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro. Ed. Marco Zero, 1983, p112-121.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **O Senso Prático**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Poder Simbólico**. Bertrand Brasil, 2007.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. 2004.

BRASIL. Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm. Acesso em 10 de out.2010.

BUARQUE, Chico. **Leite Derramado**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009.

CAMPOS, Pedro Humberto F; Marcos Correa Silva Loureiro (org.) – **Representações Sociais e Práticas Educativas**. Goiânia: UCG, 2003.

CARDOSO, Doris de M. Longevidade e Tempo Livre: Novas propostas de participação social e valorização do Idoso. In: Rev **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 15, nº 30, p. 36-51.

CHAUÍ, M. de S. Apresentação: os trabalhos da memória. In: BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994. p. 17-33.

CONSELHOS de direitos temáticos. **Curso de Formação de Conselheiros em Direitos Humanos**. Idoso (Unidade II). O marco legal internacional e nacional dos Direitos da Pessoa Idosa. Disponível em <www.dhnet.org.br> Acesso em out. 2010.

COUTINHO, M. P. L.; ARAUJO, L.F.; CARVALHO, V.A.M.L. Representações Sociais da Velhice entre Idosos que participam de Grupos de Convivência. IN **Revista Psicologia, Ciência & Profissão**. 2005, 25(1), 118-131.

CÍCERO, Marco Túlio. (103-43 AC.) **Saber Envelhecer e A amizade**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

DEBERT, Guita G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. [p. 49-68] IN BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003.

DOLL, Johannes. Educação, cultura e lazer: perspectivas de velhice bem-sucedida. 109-121. /N NERI, Anita Liberalesso. (Org.). In: **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. Edições SESC, SP, 2007.

DOMINGOS SOBRINHO, Moisés. Habitus, campo educacional e a construção do ser professor da educação básica. **Ver. Inter-legere**. CCHLA/UFRN, nº 9, jun/julho de 2011, p.189-205.

_____. Poder simbólico, signo hegemônico e representações sociais: notas introdutórias. In: CARVALHO, Maria do Rosário de Fátima de; PASSEGGI, Maria da Conceição; DOMINGOS SOBRINHO, Moisés.(Orgs.). **Representações sociais**: teoria e pesquisa. Mossoró: Fundação Guimarães Duque; Fundação Vingt-un Rosado. 2003a, p. 63-70. (Col Mossoroense). Série C, v. 1376.

_____. *Habitus* e representações sociais: questões para o estudo de identidades coletivas. In: MOREIRA, Antônia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998b. p.117-130.

_____. **Representações sociais como obstáculos simbólicos à incorporação do habitus científico**. Texto de aula. [Natal/UFRN] 2010.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**, seguido de. Envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2005.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Líber Livro, 2007.

GIDDENS, Anthony. Sociologia do Corpo: Saúde, doença e envelhecimento. In **Sociologia**. 4. Edição Lisboa: Gulbekian, 2004.p.128-149.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

GOLDANI, A. M. **Relações intergeracionais e reconstrução do Estado de bem-estar. Por que se deve pensar essa relação para o Brasil?** CAMARANO, Ana Amélia (Org.) Muito Além dos 60 – Os Novos Idosos Brasileiros. Rio de Janeiro: IPEA, 2004. 604 p.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. A Maturidade e a Velhice: Um olhar antropológico. NERI (Org.). In **Desenvolvimento e Envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas, 2006. 2ª. Edição.

_____; VON SIMON, Olga R. de Moraes. **Velhice e Diferenças na vida contemporânea**. (Coleção Velhice e Sociedade). Campinas: Alínea, 2006.

_____ (Org.) Cinedebate: cinema, velhice e cultura. Campinas: Alínea, 2005.

HADDAD, Sérgio. A educação de pessoas jovens e adultos e a nova LDB. **LDB Interpretada**: diversos olhares se entrecruzam. Iria Brzezinski. São Paulo: Cortez, 2002, p.111-127.

JODELET, Denise. **Loucuras e Representações Sociais**. Petropolis: Vozes, 2005.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber**: representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNQUEIRA, Ester Dalva Silvestre. **Velho, e por que não?** Bauru: EDUSC, 1998.

LOPES, Maria Emília Limeira. **Praxiologia, Representações Sociais de Menopausa e Práticas Educativas de Enfermeiras na Estratégia Saúde da Família**. Tese. (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009. 183f.

LOPES, Andrea. IN Dependência, contratos sociais e qualidade de vida na velhice. **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. VON SIMSON, NERI, A.L.; CACHIONI, Meire (orgs.) Campinas: Alínea, 2006, p.129-140.

LINS, Vera Luza Uchoa. Gerontomotricidade e Mundo da Vida. **Aspectos epistemológicos para um novo ciclo do Desenvolvimento Humano**.UTL. Faculdade de Motricidade Humana. Lisboa.2001.

LUCA, Monica Maria Barbosa L. Identidades Sociais em Produção e Envelhecimento: Um estudo de caso. IN **Múltiplas faces da velhice no Brasil**. NERI, Anita. (Org.) SIMSON, Olga (Org.) et CACHIONI, Meire (Org.) Campinas: Alínea, 2006.

MARCHAND, HELENA. **Psicologia do adulto e do idoso**. 2. ed. Coimbra: Quarteto, 2005.

MARTINEZ, Albertina Mitjáns. A teoria da subjetividade de Gonzalez Rey: uma expressão do paradigma da complexidade na Psicologia. In: REY, Fernando González (Org.) **Subjetividade, complexidade e pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

MEIRELES, Cecília. **Flor de poemas**. Notícia biográfica, bibliografia e estudo crítico de Darcy Damasceno. 7 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. (Coleção Poesis)

MUCIDA, Ângela. **Escrita de uma memória que não se apaga**. Envelhecimento e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MOLINER, Pascal. Jean-Claude, DESCHAMPS. **A Identidade em Psicologia Social** – Dos processos identitários às representações sociais. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOSCOVICI, Serge. O fenômeno das Representações Sociais In: **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2009. Tradução Pedrinho A Guareschi.

_____. **Representações Sociais: Investigação em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOTTA, Alda Britto da. “Chegando pra idade”. [p.223-234] **IN** BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro: FGV, 2003.

NERI, Anita Liberalesso. (org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. Edições SESC, SP, 2007.

_____. **Desenvolvimento e envelhecimento: Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas: Papirus, 2006.

_____(org.) **Maturidade e Velhice**. Trajetórias individuais e socioculturais. Campinas: Papirus, 2001.

OLIVEIRA, D. C., Marques, S. C., Gomes, A. M. T., & Teixeira, M. C. T. V. Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuíno, & S. M. Nóbrega (Eds.), **Perspectivas teórico-metodológicas em Representações Sociais** (p. 573-603). João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2005.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Saberes, imaginários e representações na educação especial**: A problemática ética da “diferença” e da exclusão social. Petrópolis: Vozes, 2004.

PAPALIA, D.E. OLDS, S.W. FELDMAN, R.D. Imagens do Envelhecimento IN **Desenvolvimento Humano**. 8ª. Edição – Porto Alegre: Artmed, 2006.

PASTORAL DA PESSOA IDOSA. Guia do Líder da Pastoral da Pessoa Idosa. Curitiba, 2008. 144p.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro: FGV, 2003.

PERES, Marcos Augusto de Castro. **Velhice, trabalho e cidadania**: as políticas da terceira idade e a resistência dos trabalhadores idosos à exclusão social. (tese de doutorado) São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, 2007. p.372.

POCHTAR, Nora. PSZEMIAROWER. Santiago. Relações Intergeracionais como contribuição para a construção de uma cultura de paz. **Rev A Terceira Idade**, São Paulo, v.22, nº50, p. 48-65, mar.2011.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996. 189 p.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. In: **Revista Brasileira de Educação**. Mai-ago, n.20, São Paulo: 2002. p. 60-70.

SILVA, Irene de Jesus et al . Cuidado, autocuidado e cuidado de si: uma compreensão paradigmática para o cuidado de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem. USP**, São Paulo, v. 43, n. 3, setembro/ 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342009000300028&lng=en&nrm=iso> Acesso em julho de 2011.

SILVA, Josélia Saraiva e. **Habitus docente e representação social do “ensinar geografia” na educação básica de Terezina – Piauí**. 2007. 180 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

SILVESTRE, Carlos Alberto S. Educação/Formação de Adultos. Como dimensão dinamizadora do sistema educativo/formativo. Lisboa, PT: Instituto Piaget, 2003.

SIQUEIRA, Maria Eliane Catunda de. Velhice e Políticas Públicas. *IN* NERI, Anita Liberalesso. (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. Edições SESC, SP, 2007.

SPINK, Mary Jane. (org.) **Práticas discursivas e produção dos sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

THOMPSON, PAUL. **A voz do passado**. História Oral. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

VELOZ, M.C.T. Nascimento-Schulze, Clélia Maria. Camargo, Brígido Vizeu. **Representações Sociais do Envelhecimento**. Reflexão e Crítica. Vol. 12, n.2. Porto Alegre, 1999. (p.479-501)

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

APÊNDICES

APÊNDICE A

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Como doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, estou realizando a pesquisa intitulada “A construção do ser idosos e as práticas educativas para a velhice na cidade do Natal/RN”, sob a orientação do Prof. Dr. Moisés Domingos Sobrinho.

O objetivo do estudo é o de compreender essa temática, e contribuir para o aprofundamento dela e, desse modo, possibilitar aos profissionais um melhor entendimento.

Solicitamos a sua valiosa colaboração nas atividades de pesquisa propostas, tais como: entrevistas individuais e coletivas. Solicitamos, também, a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos das áreas da Saúde e Educação, bem como publicá-los em revistas científicas destas categorias profissionais. Nesta ocasião, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, não há obrigação de fornecer as informações solicitadas. Além disso, tem o direito de desistir em qualquer momento do processo de pesquisa.

Estaremos à sua disposição em qualquer etapa da pesquisa, para qualquer esclarecimento que considere necessário.

Atenciosamente,

Rouseane da Silva Paula
Matrícula 200781995
Pesquisador responsável

Em resposta à solicitação do pesquisador, eu _____, declaro ter recebido os devidos esclarecimentos sobre os propósitos da pesquisa, aceito participar e permito a publicação dos resultados.

Assinatura do colaborador(a) da pesquisa

APÊNDICE B

Associação Livre de Palavras – Expressão indutora: Ser idoso é...

Caro (a) senhor (a),

Estamos desenvolvendo uma atividade de pesquisa sobre Idosos, precisamos de sua colaboração, desde já, nós lhe agradecemos muito.

I – Por favor, escreva rapidamente as palavras (somente palavras) que, em sua opinião, completam a afirmação. E em seguida, preencha todos os espaços pontilhados.

Ser idoso é...

II – Enumere todas as palavras pela ordem de importância. Use os quadrados para colocar os números (de 1 a 3).

<input type="text"/> <input type="text"/>	<input type="text"/> <input type="text"/>	<input type="text"/> <input type="text"/>
--	--	--

III – Dê o significado da palavra que você apontou como a mais importante, ou seja, a palavra indicada nº 1:

IV – Algumas informações complementares:

Natural de: _____

Idade: _____ **Filhos:** _____ **Estado civil** _____

Sexo: _____ **Escolaridade:** _____

Profissão: _____

Grata,

Profa. Ms. Rouseane Paula.

Doutoranda em Educação. PPGEd/UFRN.